

**EQUIPAMENTOS CULTURAIS COMO
MEDIADORES NA INTERVENÇÃO
COMUNITÁRIA**

A Biblioteca Humana e a Biblioteca de Marvila em
relação por uma
comunidade

Viviane Ferreira de Almeida

Projeto de intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

2018

**EQUIPAMENTOS CULTURAIS COMO
MEDIADORES NA INTERVENÇÃO
COMUNITÁRIA**

A Biblioteca Humana e a Biblioteca de Marvila em
relação por uma
comunidade

Vivlane Ferreira de Almeida

Projeto de intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

Orientador: Professora Doutora Maria João Barroso Hortas

2018

Um homem, com os pés dentro de uma caixa, faz um discurso sobre a rapidez do mundo. Outro homem, com a cabeça numa caixa, faz um discurso sobre a clareza do mundo . . . Entretanto, no canto da sala, uma caixa sem homem nenhum permanece imóvel e muda (como seria de esperar). Mas essa caixa perturba. Porque traz um mistério.

(Gonçalo M. Tavares in *Biblioteca* 2004, p.70)

Se a biblioteca é, como pretende Borges, um modelo do Universo, tentemos transformá-la num universo à medida do homem e, volto a recordar, à medida do homem quer também dizer alegre, com a possibilidade de se tomar um café . . . uma biblioteca onde apeteça ir, e que se vá transformando gradualmente numa grande máquina de tempos livres

(Umberto Eco in *A Biblioteca*, 1994)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Eurico e Majori, as minhas irmãs, Ericka e Mariane, aos meus sobrinhos, Salvador, Guilherme, Lourenço, Santiago, João Afonso e Maria do Carmo por compreenderem e apoiarem a minha incessante curiosidade pelo mundo e amor ao conhecimento e por considerar essencial honrar nossas origens e acarinhar o futuro de nossa família.

A minha orientadora, Profa. Maria João Barroso Hortas, pelo olhar experiente e afetuoso. Foi sempre estimulante ler, nos emails trocados no decorrer deste processo, “Bom trabalho”. Para além de um desejo, foi sempre um convite a dedicação à escrita.

Ao Paulo José da Silva, coordenador da biblioteca de Marvila, por sua generosidade e compromisso com o outro, e a quem devo a ideia deste projeto de intervenção.

A Dra. Susana Silvestre, Chefe de Divisão das Bibliotecas de Lisboa, por viabilizar a associação da Rede de Bibliotecas de Lisboa à Human Library™, organização responsável pela metodologia investigada na presente tese.

Aos técnicos da biblioteca de Marvila, Ana Rita Ricardo e Pedro Torres, por criarem as condições ideais para que o projeto da *Biblioteca Humana* fosse implementado, partilhando expectativas e decisões.

Aos “livros” humanos e leitores, que gentilmente aceitaram o desafio de conversarem com desconhecidos, quebrando barreiras; gerando empatia; exercitando a prerrogativa de ser humano, no que melhor esta poderá oferecer.

Aos meus colegas de Mestrado, pela partilha de conhecimentos.

E por fim, a Profa. Marina Fuentes, por ter me recebido, pela primeira vez, na Escola Superior de Educação de Lisboa (ESE), ouvindo-me sobre o meu interesse em estudar nesta instituição de ensino, e encaminhando-me, por mão própria, até a Profa. Maria João Barroso Hortas, apresentando-nos e assim, dando o primeiro passo para a história desta tese de Mestrado.

RESUMO

O presente projeto de intervenção comunitária pretende unir os propósitos de duas bibliotecas: Biblioteca âncora de Marvila¹ e *Biblioteca Humana* validando a hipótese de que os equipamentos culturais podem ser mediadores na intervenção comunitária em territórios de vulnerabilidade social.

Confluentes em objetivos, os slogans das bibliotecas em referência: “As pessoas fazem as bibliotecas” (Biblioteca de Marvila) e “Pessoas Reais, Histórias Reais” (The Human Library TM), revelam a (re)construção social, o pulsar de uma comunidade, sujeito de uma certa invisibilidade, que é um espaço in *between*: uma zona da cidade de Lisboa, que agora transita entre dinâmicas de tudo-nada,² novo-antigo, memória-requalificação.

Permeada pelo simbolismo próprio da biblioteca e da relação de aproximação e recuo entre livros e leitores num enquadramento convencional, num virar de páginas contínuo, a *Biblioteca Humana* permitiu estabelecer fluxos de comunicação, por vezes imprevisíveis, entre pessoas (sem vínculo prévio), com o objetivo claro de redefinição de relações interpessoais em que comportamentos discriminatórios como o preconceito, o estereótipo e o estigma são postos em jogo num ambiente controlado e que se pretende saudável.

Joga-se o jogo do conhecimento: Quem sou eu?; Quem é você?; Quem somos nós?

Marvila, enquanto território do presente projeto de intervenção, é atualmente palco e motor de mudança; alavanca de transformação social. Neste ambiente propício e estimulante, duas bibliotecas dialogam por esta comunidade: um equipamento cultural (Biblioteca de Marvila) e uma metodologia de intervenção inovadora (*Biblioteca Humana*).

A confluência de objetivos é competente para oferecer à comunidade circundante, esta ação pensada com as sensibilidades auscultadas no território. Livros humanos e leitores (também humanos) foram protagonistas desta metodologia,

¹ A biblioteca de Marvila integra a Rede de Bibliotecas de Lisboa.

² Segundo artigo publicado no jornal “El País”, “Em Marvila, não há nada, E isso é tudo.” Consultado em: <http://www.tsf.pt/sociedade/interior/marvila-entre-18-bairros-eleitospelo-elpais-5589394.html>

implementada a favor da vivência da alteridade e reconhecimento do outro como fonte de conhecimento e pertença a uma comunidade que se descobre humanizada.

Deste encontro, nasceram sensações e “estranhamentos”; certezas e dúvidas, mas essencialmente a ideia que esta metodologia faz o que se dispõe a fazer: desconstruir comportamentos discriminatórios.

Os resultados destes encontros indicam-nos que a validação da hipótese de partida é possível: equipamentos culturais são mediadores de intervenção comunitária em territórios de vulnerabilidade social.

Recomenda-se que, a partir desta comprovação, a comunidade seja entendida não só como receptora, mas também como coautora das dinâmicas propostas pelos equipamentos culturais – orgânicos e destinados à melhoria da vida das pessoas que os escolhem e frequentam.

Palavras-chave: Equipamentos Culturais; Intervenção Comunitária; *Biblioteca Humana*; Marvila

ABSTRACT

The present project of community intervention intends to unite the purposes of two libraries: Biblioteca de Marvila and *Human Library* validating the hypothesis that cultural equipment can be mediators in community intervention in territories of social vulnerability.

Confluent in objectives, the slogans of the libraries in reference: "People make the libraries" (Biblioteca de Marvila) and "Real People," (*Human Library*™) reveal the social (re) construction, the community, subject of a certain invisibility

Permeated by the library's own symbolism and the relation of approach and retreat between books and readers in a conventional framework, in a continuous turning of pages, the Human Library allowed to establish flows of communication, sometimes unpredictable, between people (without previous bond), with a clear goal of redefining interpersonal relationships in which discriminatory behaviors such as prejudice, stereotype and stigma are put into play in a controlled and healthy environment.

The game of knowledge is played: Who am I ?; Who are you?; Who are we? Marvila, as the territory of this intervention project, is currently the stage and engine of change; lever of social transformation. In this propitious and stimulating environment, two libraries dialogue through this community: a cultural equipment (Biblioteca de Marvila) and an innovative intervention methodology (Human Library).

The confluence of objectives is competent to offer to the surrounding community, this action thought with sensibilities auscultated in the territory. Human books and readers (also human) were protagonists of this methodology, implemented in favor of the experience of alterity and recognition of the other as a source of knowledge and belonging to a community that is humanized.

From this encounter, feelings and "estrangement" were born; certainties and doubts, but essentially the idea that this methodology does what it is prepared to do: deconstruct discriminatory behaviors. The results of these meetings indicate that validation of the starting hypothesis is possible. It is recommended that, from this evidence, the community be understood not only as a recipient, but also as a co-author of the dynamics proposed by cultural equipment - organic and intended to improve the lives of the people who choose them and attend.

Keywords: Cultural Equipment; Community Intervention; Human Library; Marvila

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
Todas as Palavras.....	1
CAPÍTULO I.....	7
DOS CONCEITOS ÀS DINÂMICAS: UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA.....	7
1. Comunidade, intervenção comunitária e desenvolvimento.....	7
2. Cultura, mediação e equipamentos culturais.....	12
3. Políticas Culturais para o desenvolvimento.....	17
Dinâmicas culturais da cidade de Lisboa – análise das “Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa 2017”.....	24
CAPÍTULO II.....	28
MARVILA: DUAS BIBLIOTECAS EM RELAÇÃO POR UMA COMUNIDADE.....	28
1. O PROJETO DE INTERVENÇÃO.....	28
METODOLOGIA.....	29
1.1. A construção do diagnóstico.....	30
Das hortas aos <i>hubs</i> criativos.....	30
Juventudes e vulnerabilidades.....	34
Biblioteca, comunidade e cidade.....	37
Diferentes linguagens de uma programação.....	39
Um olhar inaugural transformado em palavras.....	46
1.2. O desenho do projeto de intervenção.....	49
Problemática, objetivos e estratégias.....	49
Plano de Ação.....	54
Percursos.....	55
2. Fase de Implementação.....	60
2.1. Projeto Pré- Piloto.....	62
Sessão exploratória – “Quem vê caras, não vê profissões”.....	65
2.2. Projeto Piloto.....	68
Livros que caminham.....	70
Livros que pensam e sentem.....	72
“Eu sei ler as pessoas” – “Livro Tatuador/ tatuado”.....	74
“Por que gorda é uma característica minha, mas eu tenho outras” – “Livro Obesa”.....	77
“A casa-biblioteca” – “Livro Professora do Ensino Superior”.....	80
Leitores que pensam e sentem.....	84

Leitora 1 (Diretora de escola).....	85
Leitora 2 (Coreógrafa/ professora de dança contemporânea).....	87
Leitor 3 (Reformado).....	88
Leitora 4 (Engenheira Ambiental).....	89
Leitora 5 (Relações Públicas).....	92
Leitora 6 (Antropóloga).....	93
Leitora 7 (Programadora Cultural).....	98
A cartografia sensível – o dicionário artístico-literário dos leitores (entrevistas).....	102
CAPÍTULO III	106
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	106
1) Promover um espaço de vivências de alteridade positivas assente no respeito e valorização da “história prévia” de cada um.....	106
Vivências e repercussões – tempo e quotidiano.....	108
As narrativas – um mosaico de perceções.....	110
2) Reforçar o lugar da Biblioteca de Marvila como um equipamento cultural que permite acolher a comunidade.....	112
A ÚLTIMA PÁGINA (ou um novo começo)	118
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	130
Anexo A. O território de intervenção.....	131
Anexo B. Folheto de divulgação institucional da Rede BLX.....	132
Anexo C. Registro Fotográfico do Primeiro Contato da Comunidade com a Biblioteca de Marvila.....	133
Anexo D. Programação de Verão Biblioteca (Cultura Hip Hop).....	134
Anexo E. Folheto de divulgação exposição “No rasto da história de Marvila”...	135
Anexo F. A Biblioteca de Marvila.....	136
Anexo G. Nota de campo.....	137
Anexo H. Cronograma.....	138
Anexo I. Respostas dos alunos da EB 2+3 as perguntas: o que é ser normal e o que não é ser normal.....	139
Anexo J. Cartaz de divulgação <i>Biblioteca Humana</i> / Sessão exploratória.....	141
Anexo K. Certificado Livro – Sessão exploratória.....	142
Anexo L. Certificado Leitor – Sessão exploratória.....	143
Anexo M. Direitos dos Livros.....	144
Anexo N. Direitos dos Leitores.....	145
Anexo O. Livros Sessão Exploratória.....	146

Anexo P. Divulgação da <i>Biblioteca Humana</i> no Festival Muro	147
Anexo Q. Cartaz de Divulgação da Sessão Piloto	148
Anexo R. Cartazes Sessão Piloto	149
Anexo S. Implementando a <i>Biblioteca Humana</i>	152
Anexo T. Livros Sessões Festival Muro	153
Anexo U. Questionário Sessão Exploratória	154
Anexo V. Questionário livro – Sessão piloto	155
Anexo W. Questionário leitor – Sessão piloto	157
Anexo X. Apresentação da <i>Biblioteca Humana</i> na 87.ª Feira do Livro (2017)	160
Anexo Y. A cartografia sensível – o dicionário artístico-literário dos leitores	161
Anexo Z. <i>Biblioteca Humana</i>: Um movimento mundial para a mudança social .	162
Anexo Aa. Cartografia de um projeto	163
Anexo Ab. Living Library: o cenário português	172
Anexo Ac. Vivência da <i>Biblioteca Humana</i> (Living Library) na ESE	182
Anexo Ad. <i>Fronte del Borgo</i> (<i>Scuola Holden</i>) – experiência comparativa em Turim, Itália	183
Anexo Ae. Documentário “Human”	184

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mosaico da representação social do território	42
Figura 2. Fachadas pintadas Festival MURO	44
Figura 3. Conceito de Bem Cultural	57
Figura 4. Desenho do Plano de Ação	60
Figura 5. Livro tatuado/tatuador - elo do processo	67
Figura 6. Leitura coletiva Livro Tatuado.....	72
Figura 7. Localização geográfica do território.....	131
Figura 8. Limites da Freguesia de Marvila	131
Figura 9. Folheto divulgação institucional Rede BLX	132
Figura 10. Caminhada promovida pelo 4 Crescente	133
Figura 11. Programação de Verão/ Cultura Hip Hop.....	134
Figura 12. Folheto de divulgação exposição inaugural da Biblioteca de Marvila.....	135
Figura 13. Biblioteca de Marvila em imagens.....	136
Figura 14. Respostas dos alunos da EB 2+3 as perguntas: o que é ser normal e o que não é ser normal.....	139
Figura 15. Respostas dos alunos da EB 2+3 as perguntas: o que é ser normal e o que não é ser normal.....	140
Figura 16. Cartaz de divulgação da Sessão Exploratória.....	141
Figura 17. Livros Sessão Exploratória	146
Figura 18. Divulgação Biblioteca Humana no Festival MURO.....	147
Figura 19. Cartaz de Divulgação da Sessão Piloto	148
Figura 20. Livros Biblioteca Humana - Sessão Inaugural (Projeto Piloto)	153
Figura 21. Apresentação da Biblioteca Humana na Feira do Livro.....	160
Figura 22. A cartografia sensível - o dicionário artístico-literário dos leitores	161
Figura 23. Biblioteca Humana no mundo	162
Figura 24. Vivência da Biblioteca Humana na ESE.....	182
Figura 25. Fronte del Borgo (Scuola Holden) – experiência comparativa em Turim, Itália	183

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Comparação do modelo binário e do modelo triplo de cultura	23
Tabela 2. Estrutura etária da população de Marvila e de Lisboa, 2011	34
Tabela 3. Análise de conteúdo: Entrevistas aos participantes na Caminhada.....	48
Tabela 4. Momentos de implementação da Biblioteca Humana.....	61
Tabela 5. Reflexões dos alunos sobre o conceito de normal e o seu oposto	63
Tabela 6. Depoimentos dos alunos.....	66
Tabela 7. Narrativas dos leitores	110

Tabela 8. Perceções dos leitores sobre o conceito de <i>Biblioteca Humana</i>	115
---	-----

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Matriz <i>Swot Biblioteca Humana</i>	53
Quadro 2. Matriz <i>Swot Biblioteca Humana</i> na Biblioteca de Marvila	54
Quadro 3. Vivências do Livro Professora do Ensino Superior	108
Quadro 4. Sessão Piloto – os leitores	109

SIGLAS E ACRÓNIMOS

BLX	Rede de Bibliotecas de Lisboa
ESELx	Escola Superior de Educação de Lisboa
EB 2+3	Escola Básica 2+3 da freguesia de Marvila

PRIMEIRAS PALAVRAS

Um livro pode mudar uma vida: “Arte de Ler, ou como resistir à diversidade”, de Michéle Petit mudou a minha vida. Lembro-me com clareza suas “primeiras palavras” no “Conversas ao pé da página”, em São Paulo, sobre a potência da leitura em contextos de vulnerabilidade social e deste primeiro encontro, embora informal, com a autora, seguiu-se o desejo de buscar as palavras no livro e encontrei-as como guias: “ler, apropriar-se dos livros, é reencontrar o eco longínquo de uma voz amada na infância, o apoio de sua presença sensível para atravessar a noite, enfrentar a escuridão e a separação” (1994, p.65).

Encontrei-me enquanto mediadora de leitura iluminada pelas palavras de Michéle Petit

Não importa o meio onde vivemos e a cultura que nos viu nascer, precisamos de mediações, de representações, de figurações simbólicas para sair do caos, seja ele exterior ou interior. O que está em nós precisa primeiro procurar uma expressão exterior, e por vias indiretas, para que possamos nos instalar em nós mesmos” (1994, p.115).

Recordo-me, com clareza, que naquele dia, também estava um dos meus escritores de eleição, Bartolomeu Campos de Queiroz, que me ensinou tanto sobre leitura literária e formação de leitores, mas em especial me iniciou na unidade do cotidiano – uma paixão investigativa.

Sublinho um dos conceitos do autor: o *indez* (um termo popular que designa o ovo que é deixado no ninho de uma ave, para que ela volte a pôr ovos naquele mesmo lugar), um isco, em contraponto ao *hábito* na aproximação entre livro e leitor, que está “ancorado na repetição mecânica de gestos; atos, na opção, no exercício da possibilidade humana de articular o agir ao pensar, ao definir e escolher (Perroti 1999, p.33, *cit in* Brenmam:2012).

Uma biblioteca pode mudar uma vida: acredito, verdadeiramente, que uma biblioteca pode mudar uma vida: quer no seu modelo convencional, no espaço em que a humanidade interage em suas múltiplas configurações, quer no contexto original em que as pessoas são livros. A literatura não é separada da vida: ela é a vida e neste

sentido, a poesia de Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho”, permite-se aflorar dois conceitos: a itinerância e o equipamento cultural.

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.*

A “pedra” poderá ser entendida como o enclave cultural representado pela biblioteca no contexto da comunidade de Marvila: ela está no centro das relações quotidianas e dos fluxos internos e com o exterior. Esta “pedra”, por sua solidez metafórica suscita uma série de hipóteses na relação com a comunidade – ela é a própria intervenção:

- 1) Poderá ser contornada?
- 2) Poderá ser removida?
- 3) Poderá ser posta no bolso?
- 4) Poderá ser levada para casa e transformada em um objeto?
- 5) Poderá ser transformada em um amuleto de sorte?

Cada uma dessas hipóteses, teoricamente formuladas, poderá ter a sua aplicabilidade prática. O que me interessa é que em primeira instância a biblioteca de Marvila seja notada pela comunidade – a pedra está no caminho – e é essencial que esse primeiro contato não condicione as aproximações que me parecem mais salutares ligadas a categoria da apropriação da biblioteca como um equipamento cultural que é com o qual eu estabeleço uma relação de investigação na presente tese.

A pedra é uma metáfora, mas serve os propósitos da explanação a que me disponho.

Embora tenhamos a ilusão de participar intensamente desse mundo único que encerra os seres vivos, conhecemos, na verdade, um reduzido espaço dentro dele, e um caminho familiar pelo qual nos guiamos e onde repetimos nossos passos, entre a infinidade de caminhos oferecida a outros seres.
(Bosi, *Entre a opinião e o estereótipo*, 1992, p.112)

Se seguirmos um caminho necessariamente eclético através de algumas das perguntas suscitadas pela nossa curiosidade, pode surgir uma espécie de cartografia paralela da nossa imaginação. O que queremos saber e o que conseguimos imaginar são os dois lados da mesma página mágica.
(Manguel, *Uma história da curiosidade*, 2016, p.13)

“For us a book is a small building”
(Alison Smithson, 2001, *The Charged Void: The Architecture*)³

INTRODUÇÃO

Todas as Palavras

Começo com uma história.

Imaginemos uma linha, que ao ser esticada, cria um traçado, que poderá também ser um caminho. A distância que une o ponto A ao ponto B, é igual à distância que une o ponto B ao A.

Em tese: A realidade, por vezes, oferece-nos leituras diferenciadas sobre o que nos parece claro.

Numa das minhas visitas à biblioteca de Marvila, assisti a um espetáculo de poesia ibero-americana.⁴ Reparei que havia uma maioria de pessoas não residentes no bairro, o que é salutar, no sentido em que um dos objetivos deste equipamento cultural é criar pontes com outros territórios e públicos. Identifiquei, também, algumas crianças e adolescentes, pertencentes à comunidade, e que de forma habitual frequentam a biblioteca.

Perceber as dinâmicas que se estabeleceram, naquele dia, entre os diversos públicos fez-me ponderar que é necessário um esforço para a convivência.

O próprio território é um convite para a diferença e polissemia – uma reconstrução de ideias herdadas e pouco discutidas.

Costumo dizer que a biblioteca de Marvila é um enclave cultural num terreno vasto onde pastores ainda caminham com suas ovelhas.

³ *For us a book is a small building* é uma citação da arquitecta britânica Alison Smithson a propósito de “Robin Hood Gardens, um projecto emblemático de habitação social da autoria de Allison e Robert Smithson e cuja recente demolição, condenada por arquitectos, artistas e críticos, representa o apagamento de um período de importantes políticas sociais no Reino Unido”. Consultado em: <https://www.archdaily.com.br/br/893429/exposicao-for-us-a-book-is-a-small-building-de-fernanda-fragateiro>.

⁴ “Poesia na Esquina do Bairro”, uma iniciativa da Rede BLX realizada no dia 23 de Abril de 2017.

Para chegar à biblioteca, costumava apanhar o autocarro 93 que na ida poderia parar num ponto em que caminhávamos na calçada por cerca de dois minutos ou noutra em que teria que atravessar a rua. Esta última paragem era de chegada e de saída do território, com vista para o descampado de pastoreio.

Com o término do evento, dirigi-me para a paragem do autocarro e fui interpelada por uma senhora que me perguntou sobre o tempo de espera. Apercebi-me que, assim como eu, tinha estado na biblioteca de Marvila. No caso dela, pela primeira vez e contou-me sobre as dificuldades dos transportes, do desconhecimento do território, da surpresa pelo equipamento cultural.

De repente, disse-me a frase que justifica esta história: “É mais fácil chegar do que sair.” Imediatamente, fiz uma conta de cabeça e, para mim, chegar e sair era exatamente igual – inclusive, e se quisermos, sair ainda era mais rápido, no sentido em que o tempo era ligeiramente menor – o de atravessar uma rua. Intrigada, questionei-a e a resposta ainda foi mais surpreendente do que a afirmação: “Quando chegamos, entramos na biblioteca.”

Nas entrelinhas, estava subtendido o medo do desconhecido, o medo do outro e, acima de tudo, o que esta frase expressa é: “A biblioteca protege-me. Estou segura.”

Na paragem de regresso, havia a total ausência de signos que permitissem, a esta senhora, um reconhecimento, um diálogo com algo ou alguém. De alguma forma, e já em posterior reflexão, apercebi-me que eu havia sido aquele ponto em que se mira e se observa um caminho a seguir.

Curiosamente, e se observarmos a caracterização do bairro dos Alfinetes, onde se localiza a biblioteca de Marvila, as distâncias podem não ser tão absolutas e o ponto A e B serem correspondentes: “A grande maioria da população é caucasiana, registando-se um número muito pequeno de famílias de etnia cigana e de origem africana.” (PRODAC, 2015, p. 167). Esta caracterização é simbólica do quanto a cidade imagina e não vê a freguesia de Marvila e em muito justifica o projeto de intervenção que subsidia esta tese.

O que fica desta história, mais do que o comportamento discriminatório, (talvez inconsciente) é a ideia de que os equipamentos culturais podem ser mediadores na intervenção comunitária.

Mesmo com os receios envolvidos, esta pessoa motivada pela programação da biblioteca de Marvila, deslocou-se a um território desconhecido. Esta reflexão introduz

a pergunta a que se pretende responder: equipamentos culturais podem modificar territórios de vulnerabilidade social?

Como ponto de partida para a descrição do itinerário a que se propõe este projeto de intervenção, convoco a resposta de Magda Henriques⁵ – diretora das Comédias do Minho:⁶ “Talvez a palavra chave de uma possível resposta possa ser: potencial. Sempre que algo traz consigo um potencial não pode, na minha perspetiva, ser desvalorizado como pequeno demais.”

O “pequeno demais” introduz três eixos de reflexão:

- 1) Seria utópico pensar que micro processos são capazes de transformar realidades?
- 2) Seria utópico pensar que equipamentos culturais são capazes de transformar vidas?
- 3) Seria utópico pensar que um projeto baseado numa metodologia de inovação social é capaz de combater comportamentos discriminatórios?⁷

Se no macro, o que objetivamos confirmar é a validação dos equipamentos culturais enquanto mediadores de intervenção comunitária. No micro, faz sentido promover as condições necessárias para que um projeto de intervenção seja implementado num equipamento cultural.

⁵ Em resposta enviada por email datado de 14 de janeiro de 2018.

⁶ “Comédias do Minho, uma rede cultural de Melgaço, Monção, P Coura, Valença e VN Cerveira – um verdadeiro Centro Cultural na paisagem do Vale do Minho” – consultado em: <http://www.comediasdominho.com/projeto/>

⁷ Em julho de 2017, várias polémicas versando o preconceito; estereótipos e estigma foram divulgadas pela imprensa portuguesa. Pelo diálogo com a metodologia da *Biblioteca Humana*, cujo objetivo é o combate ao preconceito, estereótipo e estigma, identifica-se uma relevância para o presente estudo em favor de um enquadramento (possível) da sociedade portuguesa no que diz respeito a estes comportamentos discriminatórios. Foram três os temas polemizados: homossexualidade, ciganos e preconceito racial. As declarações do médico Francisco Gentil sobre a homossexualidade (“Sou completamente contra os homossexuais, lamento imenso”), a acusação do Ministério Público contra 18 agentes da PSP por agressões a jovens da Cova da Moura e as declarações do, na época candidato do PSD e CDS à Câmara Municipal de Loures, André Ventura sobre a comunidade cigana (“os ciganos vivem quase exclusivamente de subsídios do Estado”). Embora seja um recorte mediado pelos meios de comunicação social, é interessante notar, em jeito de reflexão, a afirmação da diretora da Associação Moinho da Juventude sobre a referida punição: “É uma boa notícia, é sinal de que Portugal é um país democrático e que há justiça”. Em contraponto, a resposta as acusações de racismo, a afirmação sequente de André Ventura toca em pontos que serão discutidos na caracterização do território em análise como as dinâmicas entre *visibilidade-invisibilidade* e *imaginação-realidade* que concorrem para comportamentos discriminatórios: “Boa parte das pessoas que fica muito incomodada quando são denunciadas estas situações nunca se deslocou a algumas dessas zonas e não tem ideia do ‘barril de pólvora’ que lá se vive diariamente”.

O que se pretende é otimizar a originalidade da biblioteca de Marvila, por ser a primeira biblioteca âncora da Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX), num território percepcionado como de vulnerabilidade social. Para além disso, cabe referir o processo de revitalização em curso na freguesia de Marvila pelas indústrias criativas e iniciativas de cariz artístico e cultural.

Naturalmente, essa sinergia coloca a biblioteca de Marvila num posicionamento de ator privilegiado pelo facto de ser membro de uma rede reconhecida pela cidade de Lisboa e com equipamentos congéneres dispostos em vários bairros da cidade contribuindo para o trânsito de públicos – da periferia para o centro e do centro para a periferia.

Por outro lado, o facto deste equipamento estar alocado a um território de vulnerabilidade social, facilita uma maior flexibilidade para projetos inovadores e neste contexto torna-se possível implementar a *Biblioteca Humana* – metodologia de inovação social com o objetivo de perceber de que forma equipamentos culturais podem transformar vidas.

A proposta de uma biblioteca em que os livros são pessoas que contam as suas histórias de preconceito, estigma e discriminação, faz sentido, mais do que em qualquer outra biblioteca da Rede de Bibliotecas de Lisboa, na biblioteca de Marvila. O facto das sessões terem decorrido no âmbito do Festival MURO que divulga e fortalece a arte urbana – também ela alvo de estigmatização – consolidou a ideia de que a relação entre estas duas bibliotecas (Humana e Marvila) seria competente para validar a hipótese de equipamentos culturais mediadores de intervenção comunitária.

Para além da questão de enquadramento teórico a que se refere este projeto de intervenção, há uma nota que gostaria de ressaltar: o desejo de promover um ambiente em que vivências positivas de alteridade fossem possíveis gerando uma memória sensível sobre a importância de cada um:

A história individual, em vez de ser um factor discriminatório, é motivo de valorização, de abertura de perspectivas, de acesso a outros mundos, de encontro entre a diversidade. Em qualquer contexto é de particular relevância que cada um perceba que não está sozinho no que sente e pensa, mas em contextos de vulnerabilidade social talvez seja ainda mais indispensável na construção e afirmação da singularidade e da confiança para ser (Henriques, 2018).⁸

⁸ Em resposta enviada por email datado de 14 de janeiro de 2018.

Agrego a essa reflexão a crença pessoal nos processos de transformação potenciados pela exposição às manifestações artísticas e à sua dupla função de acolher e provocar. Quer a *Biblioteca Humana*, quer a biblioteca de Marvila têm na sua génese esta dupla vocação que, numa perspetiva mais ampla, é decorrente da biblioteca no seu conceito atual.

O escritor Jorge Luís Borges considerava-as “paraísos” enquanto o filósofo Jean-Paul Sartre entendia-as como “maravilhosas caixas” e as bibliotecas, no seu formato convencional, têm sofrido um processo de transformação em que se pretende aproximá-las das pessoas.

O itinerário do presente estudo está estruturado em três passos: Dos Conceitos às dinâmicas: uma discussão introdutória (Capítulo I); Marvila: duas Bibliotecas por uma comunidade (Capítulo II) e, Análise e Discussão dos resultados (Capítulo III).

Na discussão introdutória do primeiro capítulo serão apresentados os conceitos que se constituem como matriz de referência teórica da presente tese (comunidade, intervenção comunitária e desenvolvimento; cultura, mediação e equipamentos culturais) e na proposta de discussão de dinâmicas, posiciona-se a discussão sobre as políticas culturais para o desenvolvimento.

Constituída a matriz de referência da presente tese, o capítulo II pretenderá numa primeira parte apresentar o território de intervenção e numa segunda parte o desenho do projeto de intervenção.

Na primeira parte do capítulo II, o território de intervenção será apresentado com a construção do diagnóstico, estabelecendo uma relação de necessidade, diálogo e potencialidade de transformação entre a biblioteca, a comunidade e a cidade. Refiro que a construção do diagnóstico privilegiou um olhar inaugural do território e do equipamento em investigação. Para este efeito, concorreu a decisão pela análise da programação da biblioteca de Marvila e uma aproximação à comunidade.⁹

Na segunda parte, e já com o território de investigação previamente apresentado, lançam-se as bases para justificar a decisão por este desenho de projeto de intervenção com a clarificação da problemática, objetivos e estratégias e o detalhar do plano de ação com as fases de implementação do projeto definidas.

⁹ Consultar Anexo G (pág. 137) referente a nota de campo.

No capítulo III, convocados os resultados da implementação do projeto de intervenção, estes serão discutidos e avaliados de acordo com os objetivos previamente gizados e a problemática sujeita a verificação.

A conclusão, mais do que finalizar este ciclo investigativo, com a identificação de potencialidades, pretende colocar numa perspetiva futura e com a inquietação necessária, a reflexão, ainda que breve, sobre a intervenção comunitária e a *continuidade* enquanto um compromisso com a comunidade de intervenção em que se permita “dar tempo suficiente para o que for original, de modo que o que se tenha seja desenvolvimento real, e não apenas a confirmação ampliada de antigas regras” (Williams, 1958, p.11)

“Não sou um ateniense, nem grego, mas sim um cidadão do mundo”

Sócrates

CAPÍTULO I

DOS CONCEITOS ÀS DINÂMICAS: UMA DISCUSSÃO INTRODUTÓRIA

Neste primeiro ponto procuro desenvolver uma reflexão em torno dos conceitos estruturantes do projeto de intervenção desenvolvido. Tratando-se de um projeto situado na área da cultura e da intervenção comunitária a revisão da literatura desenvolve-se segundo três grandes eixos: 1) comunidade, intervenção comunitária e desenvolvimento; 2) cultura, mediação e equipamentos culturais; 3) políticas culturais para o desenvolvimento.

1. Comunidade, intervenção comunitária e desenvolvimento

A afirmação de Sócrates, filósofo grego, encerra em si, a ideia de comunidade numa dupla acepção. Por um lado, por oposição, ou seja, a não pertença a uma determinada comunidade (cidade/ país) e, por outro, a de desenvolvimento, no sentido em que amplia o espectro: do micro para o macro. Reconhece, igualmente, a ligação associativa entre comunidade e desenvolvimento, que será conceptualizada na sequência da revisão da literatura.

Numa análise breve, porém, relacional, é possível estabelecer a partir da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), o reconhecimento de variáveis constitutivas da presente tese: comunidade, intervenção comunitária e desenvolvimento. Conforme o artigo 29º, alínea 1: “O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade.” A comunidade surge conceptualizada como o espaço privilegiado para o desenvolvimento *pleno* da personalidade do indivíduo. Neste sentido e de acordo com o Artigo 25º, alínea 1: “Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe

assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários ...”

É, então, no âmbito da comunidade que os direitos básicos consagrados, enquanto universais, serão assegurados. Contudo, e até pela universalidade do conceito de comunidade, e pelo seu uso quotidiano, este poderá conduzir-nos a uma apropriação, como um dado adquirido, do seu conteúdo.

Partindo deste pressuposto e a respeito do conceito de comunidade, como nos diz Úcar (2013, p.9), “A comunidade não é nem pode ser, em nenhum caso, uma abstração, nem algo evidente. Sempre é necessário defini-la, explicá-la, caracterizá-la e justificá-la.” Em concordância com o autor, como ponto de partida para o presente estudo, definimos o conceito de comunidade, num primeiro momento, e em seguida pela sua ligação constitutiva, o conceito de intervenção comunitária.

Na sua origem a palavra comunidade assume o sentido de (*communitas*) companheirismo e compartilhado por muitos (*communis*). Numa leitura livre, reconheço duas unidades de significado na palavra comunidade: com e unidade. Uma proposta ampla de unir – à partida - duas orientações contrárias: o com, no sentido de estabelecer relações e a unidade como objeto único ou fim almejado.

Por comunidade, e numa definição mais globalizante, entende-se ser “um agrupamento de pessoas que vivem dentro de uma mesma área geográfica, rural ou urbana, unidas por interesses comuns e que participam das condições gerais de vida.”¹⁰ Numa outra definição, em termos gerais, surge como “um conjunto de interações, comportamentos humanos que têm um sentido e expectativas entre seus membros. Não somente ações, senão ações baseadas em esperanças, valores, crenças e significados compartilhados entre os seus membros.”¹¹ A comunidade entendida como um “organismo vivo e em movimento em que se vão tecendo através de um conjunto amplo e diverso de pessoas e organizações que atuam; relacionam-se e negociam ...” (Úcar, 2013, p.9).

Em consonância, Jacquard (1997, p.14), refere-se ao *laço*: “Eu sou os laços que teço com os outros”; “A aldeia, a cidade, a nação deveriam ser os lugares desse tecido¹²-a-fazer-se” (1997, p.17).

¹⁰ Consultado em: <https://www.significados.com.br/comunidade/>.

¹¹ Consultado em: <http://queconceito.com.br/comunidade>

¹² Etimologicamente as palavras tecido e texto têm a mesma origem.

Recorrendo ao artigo 25º da Declaração Universal dos Direitos Humanos em articulação com o *tecido-a-fazer-se* proposto por Jacquard é possível introduzir o conceito de intervenção comunitária.

Partindo do pressuposto de que as necessidades básicas do ser humano são um direito a ser respeitado, e que a comunidade é o espaço privilegiado para este feito, considerando os laços de pertença existentes, justapõe-se a ideia de que no caso desta condição não se aplicar ou ser débil, a comunidade poderá ser passível de uma intervenção que potencie o cumprimento desta expectativa. O processo de intervenção social é comunitário na medida em que supõe uma atuação num meio/contexto definido no qual existem problemas concretos e partilhados, pressupondo a alteração das relações entre indivíduos, grupos, associações e instituições. Neste processo, entende-se a pessoa como objeto de intervenção, mas também como sujeito ativo, participante e protagonista do mesmo (Pascual, 2007). A intervenção comunitária, segundo Úcar (2013, p.9), beneficiará “das ações, relações e interações que poderão gerar cenários comunitários que propiciem e estimulem o desenvolvimento, a integração e a inclusão de pessoas e grupos, especialmente dos mais vulneráveis.”

A comunidade é, assim, percebida numa dupla dimensão: enquanto destinatária de projetos e protagonista do processo. No tecido social, elas poderão “confluir e integrar-se no processo comunitário.” (Marchioni, 2007, p.12).

De forma recorrente, há a tendência em perceber a intervenção comunitária como um instrumento para colmatar questões concretas percebidas e relacionadas, somente, com a vulnerabilidade social. Concorre para isso uma definição possível de intervenção comunitária, que entende o processo que tem como objetivo promover o bem estar de uma comunidade por intermédio de “influências planificadas” contribuindo, assim, para a prevenção ou redução do desequilíbrio quer a nível social, quer a nível pessoal (Kelly, Snowden & Munoz, 1977). Contudo, a intervenção comunitária terá que ser entendida como um processo mais alargado, que mobiliza estratégias e ferramentas que visam não só uma ação de remediação, mas que devem perspetivar uma ação mais ampla e preventiva.

Nesta perspetiva há um pressuposto intrínseco à intervenção comunitária que é a convicção de que toda e qualquer realidade é passível de ser melhorada, desde que a comunidade, a partir do diagnóstico prévio, seja ouvida na identificação dos *aspectos, temas ou problemas* (Marchioni, 2007, p.14). Em suma, e na perspetiva de Marchioni

(2007, p.15), a intervenção comunitária seria o “processo de melhoria das condições de vida numa comunidade.”

Reconhecemos, neste pressuposto, a vitalidade para que a intervenção comunitária, cumpra o seu papel, entendendo-se como um processo que, para benefício da comunidade, deve ser contínuo. Nesta perspetiva Marchioni seleciona algumas ideias chave para o entendimento, da intervenção comunitária na atualidade. Segundo o autor o processo deverá partir das condições já existentes no território a intervir, “planeando uma reconversão progressiva e parcial dos mesmos” (Marchioni, 2007, p. 14), com o objetivo de prevenir a sobreposição e o conflito entre recursos. Uma das questões mais delicadas quando nos referimos à intervenção comunitária é a da natureza da iniciativa, no sentido da adequação entre a proposta de intervenção e as efetivas necessidades do grupo a que a mesma se destina. Segundo Mota (2017) “a agenda não se resume aos conceitos, aos projetos que os incorporam, mas mais importante às pessoas que os fazem acontecer.”¹³ Colocando a intervenção comunitária como um processo de inovação social, as ações que esta enforma devem ser capazes de elaborar “novas combinações” entre diferentes recursos para uso social (Alter, 2005), sendo estas resultado da cooperação e participação de todos os atores envolvidos, numa ação conjunta e aplicada de forma nova e duradoura nos grupos sociais (Bignetti, 2011) . Deste modo, surge reforçada a ideia de intervenção comunitária como um processo participado, contextualizado num determinado grupo que, emergindo das características deste e em articulação com o mesmo, pode concorrer para a melhoria das fragilidades identificadas no momento ao mesmo tempo que perspetiva a prevenção de situações futuras.

Retomando Marchioni (2007, p.14), quando afirma que “o processo comunitário de desenvolvimento local nunca existirá se os vários protagonistas - e, principalmente, a população - não participarem ativamente e diretamente nele”, estes protagonistas são exatamente a população e as suas organizações, os recursos e os serviços, a administração e o poder local. “The voices of local people, in all their diversity and all their roles, are central” (Ledwith, 2011, p.37), “Participation is a democratic principle and the basis of community development practice (Ledwith, 2011, p.36).

¹³ Comunicação no “Opening up to an ERA of Social Innovation Conference” realizado em 27 e 28 de novembro de 2017 na Fundação Calouste Gulbenkian.

Se assumirmos a intervenção comunitária como um processo que visa a melhoria das condições de vida duma determinada comunidade, é evidente a sua articulação com o conceito de desenvolvimento.

Por desenvolvimento, numa análise prévia, poderemos entender tratar-se de um conceito transversal que toca de forma próxima os vários quadrantes estruturantes da sociedade contemporânea. Se o conceito de desenvolvimento for aplicado a uma comunidade humana, nesse caso, está-se perante uma situação de progresso em termos económicos, sociais, culturais ou políticos.¹⁴ Na perspetiva de Featherstone (1997), as dinâmicas de desenvolvimento devem ser geradoras de novas oportunidades e curiosidades, pois convidam a novas experiências lúdicas e sentimentos, que ao mesmo tempo que evocam memórias necessitam de se adaptar às exigências decorrentes da sociedade contemporânea.

O conceito de desenvolvimento pode ser entendido em duas dimensões: objetiva e subjetiva e essa distinção é importante por contemplar no caso da subjetiva outras variáveis de análise como a qualidade de vida e a felicidade que abrirão novos pontos de contato entre os propósitos da intervenção comunitária e a dimensão de desenvolvimento que se pretende alcançar, sendo especialmente importante para a presente tese no sentido em que eleger a cultura e os equipamentos culturais como instrumentos de intervenção comunitária. Nesta perspetiva, o desenvolvimento não se limitaria à satisfação de necessidades básicas¹⁵ mas sim, e conforme disposto na Declaração de Cocoyoc¹⁶ (1974, p.5), "... inclui a liberdade de expressão e de impressão, o direito de dar e receber ideais e estímulos", identificando-se "uma profunda necessidade social de participação da base da nossa própria escolha, e de fazer algum contributo para a moldagem do futuro do mundo."

Nesta ideia o desenvolvimento é entendido "como parte de uma ideia de cultura, a ideia de que esta, na sua pluralidade, nos dá as chaves de interpretação crítica e de criação de oportunidades do desenvolvimento humano, a nível pessoal e social." (Xavier, 2016, p.187). A própria palavra desenvolvimento¹⁷ (Amaro, 2003) encerra a libertação dos "invólucros", "envolvimento", "envelopes" que impedem a libertação e a

¹⁴ Consultado em: <https://conceito.de/desenvolvimento>.

¹⁵ De acordo com a Declaração de Cocoyoc: comida; abrigo; vestuário; saúde.

¹⁶ Consultado em: https://helsinki.at/projekte/cocoyoc/COCOYOC_DECLARATION_1974.pdf

¹⁷ Dé – (en) veloppment ou De – (en) velopment ou Des – arrollo ou S – (in) viluppp ou Ent – wicklung (Amaro, 2003, p.67)

realização das sementes potencialmente “embrulhadas” nos indivíduos, nos grupos e nas sociedades.

Apesar de nos encontrarmos na “Era da Globalização”, nas palavras de Giddens, o conceito de desenvolvimento que trazemos para discussão distingue-se do conceito associado à globalização económica, aproximando-se mais de uma perspetiva de “globalização com um rosto humano”, assente no diálogo intercultural, solidariedade internacional e respeito universal dos Direitos Humanos (Santos, 2001; Ramonet, 2002).

Aproximo-me, em termos teóricos, da intervenção comunitária que olha a comunidade de uma forma crítica (Ledwith, 2011) e que a percebe como coautora do processo em que a *necessidade sentida* é um dos pilares principais do pensar e agir. Agrego a esta convicção, uma ideia de cultura como enquadramento e ferramenta privilegiada para a intervenção comunitária.

2. Cultura, mediação e equipamentos culturais

De que ponto partir para definir um conceito como o de cultura? Assumir a sua plurissignificação verifica-se como um enquadramento útil. A cultura reveste-se de múltiplas camadas que se aproximam do cultivo por um lado, e por outro da representação simbólica de crenças comuns partilhadas por uma comunidade. A unidade que se pretende, englobando as exceções e particularidades constitutivas dessa mesma unicidade pretendida, para além de serem cultivadas, são estruturantes do pensamento e ações de uma coletividade.

Como afirma Berger, “O mundo cultural não é só produzido coletivamente, como também permanece real em virtude do conhecimento coletivo. Estar na cultura significa compartilhar com outros de um mundo particular de objetividades.” (1985 cit in Alexandre, 2004, p.134).

Acrescenta-se a esta reflexão sobre o conceito de cultura uma dupla perspetiva, tanto “como processo de configuração das identidades individuais e coletivas, como guardião da memória, valores e património de um povo e como atmosfera propícia para a criatividade”, assim “como geradora de coesão social e participação comunitária para a reconstituição do tecido social, reformulando as formas de resolver os problemas e o papel que (...) pode ter nas soluções.” (MacGregor, 2013, p.38).

Desta análise inicial, poderemos concluir que a “cultura é de todos” (Willians, 1958, p.1). A reflexão de Raymond Willians, não obstante ser da década de 50, é competente em sinalizar as pistas necessárias para a compreensão do conceito de cultura no qual se sustenta o projeto de intervenção desenvolvido.

Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus membros são treinados; e as novas observações e significados, que são apresentados e testados. Estes são os processos ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos através deles a natureza de uma cultura: que é sempre tanto tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais. Usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida – os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo (Willians, 1958, p.2).

Enquanto formulação teórica, “a cultura é de todos”, é clara e plenamente aceitável, contudo o que suscita Raymond Willians, por intermédio da sua reflexão, é um passo em frente: “Pergunto-me que espécie de vida pode produzir essa minudência, essa decisão extraordinária de definir certas coisas como “cultura” e então isolá-las, como se construindo um muro em volta de um jardim, das pessoas comuns e do trabalho comum?” (Willians, 1958, p.2)

Pedro Guell (2013, p.11)¹⁸ acrescenta e sublinha a importância das experiências culturais explicitando que “surgem das práticas reais, isto é, das interações concretas entre as subjectividades e as lógicas (dos sujeitos, das instituições e dos bens culturais) nos espaços e territórios culturais, cujos resultados não podem ser computados antecipadamente.” O conceito de cultura pode ser então entendido como flexível e permeável a influências locais e globais que estão além das fronteiras em que nos movemos. Pela sua natureza é um conceito plural, que deve ser analisado nas dinâmicas sociais. É, assim, uma parte da realidade social (Modood, 2007), associada a um grupo, a um coletivo, não estando circunscrita a um grupo limitado de pessoas ou a um território específico (Wallerstein, 1990).

¹⁸ Consultado em:
https://issuu.com/centrodepesquisaeformacao/docs/dos_p_blicos_no_plural_a_uma_plura

A compreensão da cultura de um indivíduo ou comunidade implica assim um conhecimento das interações e movimentos de pessoas e bens a diferentes escalas, intensificadas pela rutura das barreiras e aumento da mobilidade intrafronteiras (Santos, 2006). Esta mobilidade e ao mesmo tempo rutura de fronteiras alteram a aparente estabilidade, pois os movimentos de pessoas têm associada cultura (Appadurai, 2000; Featherstone, 1997). “More and more people are now involved with more than one culture” (Featherstone, 1990, p.8).

Nesta complexidade associada ao conceito de cultura e à interação entre culturas diversas, trazemos para a discussão um outro conceito – mediação.¹⁹ Segundo Barros (2013, p.14) este associa-se a “um tríplice sentido. A mediação é tomada ora como intercessão, ou seja, um agir por; ora como interposição, constituindo-se como um colocar-se entre; ora como intervenção, o agir sobre e entre”. Podendo ser caracterizada como direta ou indireta de acordo com “as intencionalidades que alimentam as interações, sejam elas presenciais ou virtuais, induzidas ou espontâneas” (Barros, 2013, p.16). Sendo que “na mediação direta a interação com o público se dá a partir de uma proposta protagonizada por curadores e educadores, é preciso considerar que o público, com sua diversidade de linguagens e de universos representacionais, também realiza operações mediadoras.” (Barros, 2013, p.16)

Os mediadores situam-se nestas dinâmicas como “os operadores pelos quais os sentidos se tornam reconhecíveis, compreendidos e reconstruídos, abarcando tanto os estrategistas quanto os operadores das ações e das interações.” (Barros, 2013, p.16). Nesta perspetiva, Velho (2000, p.27) reconhece na mediação o “potencial de alterar fronteiras, com o seu ir e vir, transitando com informações e valores”. Para Lafortune o conceito de *mediação cultural*²⁰ surge como

une autre stratégie d'intervention,²¹débordant le milieu des arts, qui vise à permettre à certains groupes minoritaires ou à certaines communautés locales d'accroître leur capacité autonome de créativité favorisant leur développement et d'avoir accès aux ressources collectives par l'entremise d'une meilleure (2008, p.58).

¹⁹Mediação, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, é aquele que serve de intermediário, de elo refletindo a metáfora facilmente associada de ponte.

²⁰ Tradução própria – no original: *médiacion culturelle*.

²¹ Lafortune refere como exemplo de *mediação cultural* o Théâtre des petites lanternes de Sherbrooke. Ver: <http://petiteslanternes.org/>

Barros sintetiza a mediação como um desafio, “o de desenvolver processos de mediação, formação e educação que preparem os sujeitos para o diálogo e a diversidade cultural.” (2013, p.16).

No presente estudo os equipamentos culturais são chamados a desempenhar o papel de mediadores e nessa qualidade beneficiarão de um reconhecimento enquanto “ambientes solidários e plurais, nos quais a alteridade seja tão importante quanto a identidade e os fundamentalismos sejam evitados.” (Turino, cit in Goldstein, 2013, p.86).

Conforme a Agenda 21 para a Cultura

as cidades e os espaços locais são um marco privilegiado da elaboração cultural em constante evolução e constituem os âmbitos da diversidade criativa, onde a perspectiva do encontro de tudo aquilo que é diferente (procedências, visões, idades, gêneros, etnias e classes sociais) faz possível o desenvolvimento humano integral. O diálogo entre identidade e diversidade, indivíduo e coletividade, revela-se como a ferramenta necessária para garantir tanto uma cidadania cultural planetária como a sobrevivência da diversidade linguística e o desenvolvimento das culturas. (AGENDA 21²², Princípio 7)

A estes espaços dinâmicos de elaboração cultural agregamos a ideia de Martinelli (2003, p.104), “laboratório para experiências de coesão social, como um lugar de testes para a coesão social”, dotando o espaço local de uma corporificação que introduz o conceito de equipamento. Ainda que “a noção de espaço seja profícua para dar conta da gama de práticas culturais que se produzem numa dada sociedade, a de equipamento carrega consigo a tangibilidade, sem descartar as dinâmicas de fruição, produção, circulação e diversificação de práticas e bens culturais” (Graeff et al, 2015, p.209).

A tangibilidade que se inscreve no edifício é, em simultâneo, realidade e simbolismo conforme a definição de Coelho (1997, p.546) em que “equipamentos culturais” são “tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.)”.

²² Consultado em:
http://www.agenda21culture.net/sites/default/files/files/documents/multi/ag21c_pt.pdf

Reconhecendo que os equipamentos culturais de uma cidade fazem parte de um “universo global por onde circulam, são produzidas e consumidas as obras de cultura e arte.” (Coelho, 1997, p.251), poderemos avultar a hipótese de que para além de serem “um universo global da cidade onde circulam”, estes equipamentos poderão ser representantes do território específico onde estão alocados?

Conforme Botelho (2003, p.142) “pode-se dizer que a mobilidade territorial²³ e o uso de equipamentos culturais se convertem, cada vez mais, em direito e privilégio das classes com maior poder aquisitivo”. Contudo, na ordem inversa de pensamento, se um equipamento cultural estiver alocado a um território de vulnerabilidade social, esta questão social dissipa-se. Assim, a questão da mobilidade pode ser configurada numa outra perspectiva.

Outro aspeto importante é o fato de que a arquitetura e a disposição dos espaços físicos podem representar uma colaboração inestimável para favorecer não apenas o convívio e a sociabilidade, facilitando também a formação de redes sociais, que cumprem um significativo papel na diversificação das práticas culturais. A previsão de espaços com usos diversificados ou contíguos²⁴ (por exemplo, espaços para esporte ou salas de leitura ao lado de espaços expositivos ou teatros) pode favorecer a transição de uma atividade para outra (Botelho & Oliveira, 2010, p.17).

Podemos entender o equipamento cultural como a estrutura macro em que microprocessos podem ter lugar num enquadramento de inter-relacionamento. Esta possibilidade é sumariamente importante, no que diz respeito a territórios de vulnerabilidade social.

Conforme Martins (2017, p.104)

os equipamentos culturais vivem hoje processos de transformação. A tradicional divisão de funções entre os espaços culturais (como as bibliotecas, os teatros, os cinemas, os museus) e entre estes e os espaços sociais e cívicos (associações, centros de convívio e de lazer) está a ser posta em causa ... os equipamentos culturais devem ser espaços, que, mesmo com uma ambição global, não ignorem o elemento local, o meio no qual estão inseridas. Idealmente devem ser espaços onde as pessoas possam entrar sem

²³ A este respeito a Câmara Municipal de Lisboa ampliou a rede de autocarros que serve a freguesia de Marvila onde está alocado o equipamento cultural em análise da presente tese.

²⁴ Esta questão será retomada e ampliada no ponto referente a *Biblioteca, comunidade e cidade* (pág. 37-39).

barreiras (físicas, sociais, culturais), onde tenham a possibilidade de ser apenas espectadores, mas onde também possam intervir, participar, conviver. Espaços dinâmicos e vivos nos quais as fronteiras entre as funções que perseguem, entre o público e o privado, entre a prática cultural.

3. Políticas Culturais para o desenvolvimento

Em que medida a cultura poderá ser considerada como eixo estratégico no desenvolvimento de territórios e comunidades percebidas enquanto vulneráveis?

Quais são as “perguntas difíceis” (Costa, Rodrigues & Martins: 2015, p.11) que deverão ser colocadas ao entender a cultura como central nas políticas de desenvolvimento dos territórios?

Num enquadramento histórico, poderemos reconhecer que a formulação da dimensão cultural do desenvolvimento deu-se, de forma inaugural, na Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais na África de 1975²⁵ em que “o desenvolvimento cultural não é somente o corretivo qualitativo do desenvolvimento senão a verdadeira finalidade do progresso”.

A declaração final da conferência ressalva as desvantagens e clivagens sociais com o desenvolvimento centrado no setor económico e se recomenda a aceitação mais geral do conceito de desenvolvimento socioeconómico integrado, que tenha as suas raízes profundas nos valores culturais.

Ainda na década de 50, Raymond Williams identifica pistas para o itinerário a seguir:

se entendemos o processo de desenvolvimento cultural, sabemos que este é feito de ofertas contínuas para uma aceitação comum; e que portanto, não devemos tentar determinar de antemão o que deve ser oferecido, mas desobstruir os canais e permitir todos os tipos de oferta, tendo o cuidado de abrir bem o espaço para o que for difícil, dar tempo suficiente para o que for original, de modo que o que se tenha seja desenvolvimento real, e não apenas a confirmação ampliada de antigas regras (1958, p.11).

²⁵ Mais conhecida como Africacult- Accra 1975, organizada pela UNESCO com a Cooperação da União Africana. <http://unesdoc.unesco.org/images/0001/000190/019056sb.pdf>.

Para autores como Vives, Pico e Arévalo (2010, p.89) “a cultura é uma dimensão do desenvolvimento, como recurso, como contexto ou como fim.”

Claramente, a erudição da cultura em suas representações tradicionais (a “alta cultura”)²⁶, ainda é um cenário que perpassa o imaginário coletivo, aproximando-se progressivamente, ainda que de forma sutil, do assumir das manifestações culturais autóctones e populares do território como válidas e constitutivas de uma identidade territorial.

Cada território manifesta-se previamente, de forma orgânica, tece o tecido de seus interesses culturais que podem ou não dialogar com a política cultural gizada em estruturas governamentais. A determinação de uma política cultural, à semelhança da intervenção comunitária (também ela uma forma de intervenção), deverá auscultar o território e ofertar programação cultural mediada pelos equipamentos, em especial, alocados no território.

Concorre para esta reflexão a identificação de

... duas das ameaças mais gravosas identificadas ao nível da formulação e implementação de políticas culturais locais: por um lado, a sectorialização das políticas, em detrimento de estratégias integradas de desenvolvimento dos territórios, e por outro, a insuficiência de processos colaborativos e de trabalho em rede ao nível local, regional, nacional e sectorial. (Costa, Rodrigues & Martins, 2015, p.11)

A relação que se estabelece entre a cultura, o desenvolvimento e o território. Assumindo a cultura na “sua multiplicidade e diversidade, de todos, e para todos” (Costa, Rodrigues & Martins, 2015, p.11) numa lógica de contemporaneidade.

Um dos pontos importantes na análise das políticas culturais que é similar ao concebido pela Rede de Bibliotecas Municipais de Lisboa, a nível local, e a um compromisso internacional partilhado por bibliotecas a nível global é a mudança do paradigma do acesso para o *do comum* em que o indivíduo é colocado no centro da cena artística dotando-o de instrumentos para se entender enquanto criador – esta

²⁶ “Cultura no sentido das artes e cultura popular excluíam-se mutuamente: uma era elevada, a outra inferior; uma refinada, a outra degradante. Enquanto indivíduo, poderá aspirar à alta cultura, mas, por definição a alta cultura nunca poderia ser adotada pelas massas – se for adotada por toda a gente deixaria de ser alta cultura” (Holden, 2015, p.40).

centralização no indivíduo é especialmente válida em territórios em que a cultura tradicionalmente é referenciada e reverenciada enquanto legitimadora de uma determinada postura social.

Obviamente, que o caminho da descentralização não será unicamente no esforço de cidadãos individualizados e que as políticas culturais entendidas como uma forma de garantir não só o acesso, mas o entendimento da pertença, do não excludente, impõe-se como o enquadramento privilegiado para o efeito.

Neste âmbito, questiona-se: há políticas culturais mais adequadas para promover o envolvimento comunitário? Ou seja, e retomando as dúvidas próprias do processo e ao entendermos a cultura como um instrumento de desenvolvimento comunitário, é necessário gizar uma política cultural em que a mediação no território, quer na forma de equipamentos culturais; quer através de agentes culturais; quer ainda no papel desempenhado por associações culturais seja observada.

Por outro lado, é necessário questionar a viabilidade de políticas culturais em territórios que por sua vulnerabilidade possuem uma hierarquia de necessidades que aproximando-se da satisfação de necessidades básicas, não descartam a projeção de diferentes necessidades. Considero que neste ponto é factível uma discussão que parte da seguinte premissa: para que serve a Cultura?

Uma discussão reiterada e ampliada nas suas propostas contemporâneas²⁷ e que deverá ser levada em conta quando se reflete sobre o papel da cultura na sociedade atual e em especial em territórios de vulnerabilidade social.

A instrumentalização da cultura (para que serve) é, por ventura, uma abordagem que poderá ter validade no sentido em que a arte e as manifestações culturais assumam uma componente de economia criativa, o que de resto tem sido veiculado como uma estratégia para a Zona Oriental de Lisboa onde está alocada a Biblioteca de Marvila.

Acima de tudo, o que está em causa é a expectativa das comunidades que serão sujeitos de intervenção a partir de entendimentos sobre o que é a cultura, sobre o que é da cultura, sobre o que se pode fazer com a cultura, muitas vezes, exógenos.

Aclaro, igualmente, por sua importância as seguintes tendências na abordagem à um território vulnerável socialmente: primeira a ideia de que o território vulnerável socialmente é uma espécie de “tábua rasa” onde não há uma história prévia, que para

²⁷ A este propósito ver o filme “O quadrado” de Ruben Ostlund.

além de ser genuína e validada entre os pares, é representativa da identidade daquele território. A segunda ideia é que se justifica pela primeira é que, dado o fato da comunidade em causa, não ter uma “cultura” própria no modo de fazer e de apropriação, naturalmente ela estará apta a absorver um conjunto de propostas e ofertas de acordo com paradigmas tradicionalmente formulados em que a “voz” da comunidade não é ouvida, ou ouvida parcialmente.

A terceira prende-se com a desvalorização das manifestações culturais endógenas da comunidade que aproximam-se de abordagens mais populares numa dinâmica em que a rua é o cenário privilegiado, o “corpo” é o veículo de manifestação e a arte institui-se enquanto amplificador das questões sociais – é uma arte de intervenção e de denúncia.

A este propósito, é clara a caracterização da Zona Oriental de Lisboa:

De raiz territorial, para além das marchas populares, encontram-se expressões culturais, artísticas e musicais contemporâneas nas áreas de maior densidade populacional, em especial por Chelas, onde convivem grupos de rap, produtores de música eletrónica, grupos de dança africana e música cigana. Também por todo o território se encontram expressões artísticas no espaço público, da street art às esculturas e outras intervenções análogas. (Estratégias para a Cultura da Cidade de Lisboa, 2017, p.203).

Segundo Costa (2015, p.115), “A dimensão cultural é, portanto, uma componente intrínseca do desenvolvimento e a assunção deste componente de lógicas de promoção do desenvolvimento que veiculam e utilizam a cultura como um fim em si mesmo e não apenas como apenas um meio para atingir os outros fins do desenvolvimento ... “

O foco nas ligações²⁸ que também poderá ser entendido enquanto mediação é considerada por vários autores (Pinto, 2015, Pardal, 2015, Matos, 2015), um “elemento chave para o sucesso de uma actuação que se pretende duradoura, resiliente e sustentada, tanto no campo cultural, como no campo do desenvolvimento dos territórios.” (Costa, 2015, p.118).

Partindo do pressuposto de que todo e qualquer desenvolvimento é um processo, este aspecto assume especial relevância. Não é incomum projetos cuja duração não são compatíveis com a necessidade de permanência no terreno para que

²⁸ Pinto (2015, p.91-94) em “Cultura e território: o desafio das ligações” ressalva os seguintes tipos de ligação: entre áreas de governação; no território; entre pessoas.

em primeira instância a comunidade tenha conhecimento do projeto em curso, sintam-se impelidas a participar e se estabeleçam condições temporais adequadas para que esta comunidade se aproprie do mesmo. Considerando que o objetivo último do projeto, especialmente, os de natureza artístico-cultural é gerar as bases para a fruição e criação cultural, é imperativo que a variável tempo seja considerada na elaboração.

Projetos flutuantes são fonte de instabilidade.

As políticas culturais subjacentes a esta lógica de intervenção flutuante são estruturalmente “fracas” (Ferrão, 2015, p.84)²⁹. Por sua vez, Costa (2007, p.418) adverte que “as actividades culturais não podem continuar a ser vistas como um elo secundário na economia e na sociedade.”

A reflexão³⁰ suscitada pelo autor assume uma maior contundência quando questiona:

Alguém imagina um governo sem um ministério da economia, dos transportes, do ambiente ou da saúde? Já a inexistência de um ministério da cultura ou do ordenamento do território é vista por muitos com complacência e compreensão, senão mesmo como natural e inevitável dado tratarem-se de domínios considerados como subalternos³¹ para a vida coletiva das sociedades e, de forma mais genérica dos países.” (Ferrão, 2015, p. 85).

A política cultural será então uma política “fraca” para territórios “fracos”? A política cultural “fraca” será uma estratégia pouco eficiente no desenvolvimento de uma comunidade vulnerável socialmente? Numa metáfora possível, falaremos de cuidados paliativos?

²⁹ Matos (2015, p.104) identifica “linhas de base que devem ser estruturantes das políticas (culturais) ... :transversalidade; equidade; participação; inclusão; complementaridade; parceria qualidade.

³⁰ Associa à esta reflexão a “Teoria da Hierarquia de Necessidades”, de Abraham Maslow, no contraponto entre as necessidades fisiológicas, na base da pirâmide, sendo inatas e com maior capacidade de serem satisfeitas e o lugar das necessidades culturais que, numa análise pessoal, poderão ser consideradas como necessidades de autorrealização (topo da pirâmide), da ordem da cognição e intituladas como a necessidade de **conhecer e compreender o mundo a sua volta**” e a **“necessidade de satisfação estética”**.

³¹ O autor refere uma recorrência em tempos de crise: o adiamento para “períodos de maior prosperidade as preocupações com os domínios ambientais, culturais e outros, vistos como mais adequados a fases de maior prosperidade.” (Ferrão, 2015, p.85). Acrescento à esta reflexão, o entendimento de que a ausência de um compromisso com a cultura de forma sólida e continuada, em muito, é resultante desta dinâmica incorporada pelas estruturas governamentais de subalternização em detrimento de outros setores da sociedade.

Respondendo em parte a estas indagações, Pardo (2010, p.107), distingue por um lado as políticas culturais clássicas “centradas na promoção das artes e da criação artística, a preservação da memória e o impulso da transferência e difusão de informação e conhecimento sobre a cultura”³² e por outro, identifica novas dinâmicas relacionadas com “a relação transdisciplinar necessária para impulsionar o desenvolvimento³³ de cidades e territórios”³⁴.

No modelo binário de vivência da cultura (Tabela 1), que colocava em oposição *High Culture* e *Low Culture*, um determinado grupo de pessoas só tinha acesso a um tipo de cultura específico. Este modelo vai alterar-se sobretudo a partir dos anos 20-30 com as mudanças de financiamento da cultura e da educação cultural, fatores chave para que a cultura seja de acesso geral.

Em consonância Holden (2015, p.39), verifica “uma mudança fundamental em termos do papel das artes e da cultura na sociedade”, abrindo um novo patamar para a pluralidade de interesses envolvidos na valorização da cultura. Esse novo modelo opõe-se aos “binários opostos do tipo elevado/inferior, refinado/degradante e elitista/popular” (p.41) e assenta por sua vez, num “modelo triplo de cultura financiado pelo setor público, comercial e criada em casa.” (pág. 44).

Por sua vez, Costa (2007, p.404), amplia a tipologia proposta por Holden para seis grupos: as grandes indústrias culturais; a “alta cultura” mas institucional; a cultura popular associada às sociabilidades urbanas; a preservação do património e da identidade histórico cultural; as actividades técnico-criativas; as práticas culturais amadoras e outras formas de sociabilidade cultural.

É neste contexto de diversificação³⁵ em que o “indivíduo assume posições como produtores e consumidores, autores e leitores, intérpretes e públicos” (Holden, 2015, p.42) que se inserem as dinâmicas culturais da cidade de Lisboa.

³² Tradução própria.

³³ O autor elenca como possibilidades de ação do desenvolvimento por intermédio da cultura: a regeneração e a revitalização de centros históricos e zonas degradadas, o impulso do turismo sustentável; a economia criativa e as indústrias culturais. (2010, p.107).

³⁴ Idem.

³⁵ Costa (2010, p.404) identifica como exemplos da relação diversificada entre as actividades culturais e o território: “Pode ir da valorização de determinados activos específicos que individualizam esse espaço (elementos patrimoniais, arquitectónicos, gastronómicos, tradições ancestrais, etc.) à simples utilização do território (quase sob a forma de “espaço objecto” em alguns casos) como mais uma parcela de uma cadeia de valor global de produção de um bem cultural (como set de filmagens, como local onde é mais rentável produzir um determinado componente electrónico, como espaço de exibição e mercado), passando por muitíssimas outras situações.”

	Alta Cultura/ Cultura Financiada	Cultura Comercial	Cultura Criada em Casa	Política Cultural
Modelo Binário	- tendência a ser marginalizada enquanto preocupação elitista de uma pequena minoria;	- tendência a ser desprezada enquanto mero entretenimento.	- tendência a ser tratada de forma condescendente enquanto algo de natureza meramente amadora.	- tendência a estar confinada a um campo muito limitado, tendo um valor reduzido na hierarquia dos governos, quer nacionais, quer locais.
Modelo Triplo	- definida pela prática: o que é financiado torna-se cultura permitindo uma expansão do significado de “cultura” para demais campos como o circo; as marionetas; a arte de rua; a ópera; o bailado.	- o consumidor é o juiz máximo e o sucesso ou o falhanço é impulsionado pelo mercado e o acesso a este, por sua vez, é controlado por uma influente classe (produtores comerciais de topo; executivos de empresas discográficas; editores).	- definida por um grupo de pares informal auto-selecionado e as barreiras à entrada são muito menores; a decisão acerca da qualidade daquilo que é produzido está nas mãos daqueles que vêem, ouvem ou provam o artigo acabado.	- tendência a complexificação pelo fato de acontecer em todos os tipos de lugares que fazem parte

Tabela 1. Comparação do modelo binário e do modelo triplo de cultura (adaptado pela autora, 2017 – Holden, 2015, p.39-54)

Dinâmicas culturais da cidade de Lisboa – análise das “Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa 2017”

No que diz respeito às dinâmicas culturais da cidade de Lisboa, refere-se o momento de um *cenário cultural saudável*³⁶ (Costa, 2010, p.160), que se traduz no aumento e na diversidade da oferta e das estruturas culturais, quer em termos municipais, quer em termos das entidades privadas.

Segundo o documento “Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa 2017”, a cidade tem conhecido uma dinâmica considerável, tanto do lado da oferta cultural e criação artística como do lado da procura e fruição, que se têm consolidado e diversificado, em diversas frentes, desde as últimas estratégias, embora a ritmos bastante variáveis consoante os campos culturais em causa (Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa 2017, p.104).

De acordo com o documento em análise, “Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa 2017”, nota-se igualmente o posicionamento da cidade associada ao cosmopolitismo e à multiculturalidade, que apesar de não ser um fenómeno inaugural, assume, atualmente, contornos mais significativos. Para isso concorre, a delineação de diferentes segmentos de públicos e de espaços ampliando as possibilidades quer de oferta cultural, quer de equipamentos culturais, sejam eles convencionais ou convertidos para determinada programação.

Uma das ideias do documento é que “de uma forma global, existem equipamentos suficientes na capital, sejam eles teatros, cinemas, museus, bibliotecas, salas de espetáculo, dos mais variados tipos, e espaços de exposição.” (pág. 158). Obviamente, esta constatação suscita a reflexão da descentralização da oferta cultural e coloca na linha da frente a importância da revitalização da freguesia de Marvila como um polo cultural e conseqüentemente o papel da biblioteca de Marvila enquanto agente de transformação de um meio de vulnerabilidade social.

Neste sentido, a descentralização poderá beneficiar da intervenção das associações que se encontram no território responsabilizando-se pelo “enraizamento e manutenção

³⁶ Uma década antes, Costa (2010, p.418) teorizava que “Uma política cultural urbana activa, envolvendo os diversos actores em torno de uma lógica estratégica comum para a afirmação de uma cidade de Lisboa “criativa”, será então um requisito fundamental, o qual deve ser também pensado a uma escala metropolitana.” O autor confirma as atividades culturais como “uma vertente fundamental e insubstituível para a sustentabilidade do desenvolvimento dos territórios.” (p.418).

das dinâmicas culturais da cidade” (p.161). Estas instituições podem contrariar, em articulação com as comunidades locais, a tendência para a existência de uma programação pouco orientada para quem habita nas periferias e zonas mais desfavorecidas (p.159).

Ainda sobre a descentralização, Martins (2017, p.107) reconhece que “o acesso à Cultura e às Artes é muito desigual consoante o território onde estamos ... e mesmo em Lisboa, a oferta cultural está sobretudo concentrada no centro, apesar de cada vez mais acontecerem projetos nos territórios periféricos, como Marvila.”

Da análise da *Agenda Cultural de Lisboa*³⁷ como instrumento “para mapear a estrutura e evolução da oferta cultural na cidade” (p.142), ressalvo pontos que pavimentam a discussão sobre o posicionamento da freguesia de Marvila e das bibliotecas, enquanto equipamento cultural, no cenário cultural da cidade. De acordo com os dados da média das atividades artísticas-culturais, a freguesia de Marvila ocupa a vigésima primeira posição num total de vinte e quatro freguesias, sendo que a freguesia Avenidas Novas lidera com 14,4 % da média em contraponto com Santa Clara com 1,0%.

Em relação aos equipamentos culturais com maior oferta de atividades artísticas-culturais, da listagem não figura nenhuma biblioteca. A referência ao campo da Literatura é encabeçada pela Livraria Bulhosa (Campo Grande).

Em termos setoriais, a Rede de Bibliotecas Municipais de Lisboa, tem sido, desde 2012, alvo de um projeto de requalificação, no âmbito do *Programa Estratégico Biblioteca XXI*. Neste Programa, “as bibliotecas, não são mais vistas como um mero depósito, mas antes como assumindo um papel catalisador e de liderança nas comunidades locais.” (p.182).

Para efeitos deste estudo, analisamos o disposto sobre a Zona Oriental de Lisboa onde se encontra a Freguesia de Marvila. A afirmação de que “a zona Oriental é vista como destacada e distinta do resto da cidade, possuidora de um caráter próprio”³⁸ (p.203), concorre para a percepção deste território como amplificador de possibilidades.

³⁷ De acordo com o documento “Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa”, foram analisadas as Agendas Culturais de Lisboa referentes ao ano de 2015 (11 agendas no total sendo que para os meses de julho e agosto foi publicada apenas uma agenda.) Consultado em: (p.142).

³⁸ A este propósito consultar o site: <http://www.orientre.pt/> - “o ponto cardeal mais cool de Lisboa.”

A este respeito, agrego a afirmação do jornal *El País*, sobre Marvila,³⁹ “Em Marvila, não há nada, E isso é tudo.” Por um lado, discuto a afirmação no sentido em que desvaloriza a história do território, mas por outro lado é possível identificar dinâmicas de tudo-nada, novo-antigo, memória-requalificação.

De acordo com o documento “Estratégias para a Cultura na Cidade de Lisboa”, a Biblioteca de Marvila seria um bom exemplo de “espaços polivalentes para diversas expressões de uso para um universo alargado de coletivos” e que poderia funcionar também como “agregador para redes interseccionais de parceiros. Esses espaços devem dar apoio e albergar coletivos e iniciativas de expressão cultural contemporânea muitas vezes invisível” (p.203).⁴⁰

Explorando os eixos estratégicos delineados no Programa,⁴¹ podemos confirmar como “a reapropriação de áreas abandonadas, nomeadamente zonas industriais e portuárias desativadas, pode constituir uma boa solução para a descentralização da oferta cultural da cidade e subsequente fruição por diversos públicos.” (p.259).

O que se propõe é a “promoção da experiência e fruição cultural” (Eixo Estratégico n.º 1), reconhecendo-se a importância da promoção da “vivência territorializada e descentralizada do seu património, potenciando a fruição das suas múltiplas memórias e identidades” (p.259). Este eixo, no seu objetivo 2, prevê a mobilização de dinâmicas culturais locais de proximidade estabelecendo uma ligação com a natureza da biblioteca de Marvila, no sentido em que ela é qualificada formalmente como um centro cultural de proximidade.⁴²

Conforme o disposto neste eixo:

Uma das formas de cumprir esse objetivo passa pela criação de raiz de centros de proximidade. Espaços estes fortemente territorializados e ancorados em contextos locais particulares que ao conjugarem valências múltiplas (não somente culturais) e fornecerem

³⁹ Consultado em: <http://www.tsf.pt/sociedade/interior/marvila-entre-18-bairros-eleitospelo-elpais-5589394.html>.

⁴⁰ Ver análise da programação em *Diferentes linguagens de uma programação* (pág. 39-46)

⁴¹ EE1 - Promoção da experiência de fruição cultural; EE2 - Promoção da capacidade de expressão cultural; EE3 - Valorização e reforço da imagem, da vivência e da memória colectiva da cidade; EE4 - Regulação dos efeitos externos induzidos pelas actividades culturais na cidade; EE5 - Mobilização do potencial cosmopolita do território metropolitano de Lisboa. (p. 242).

⁴² Conforme o “Plano Estratégico Biblioteca XXI”. <http://www.cm-lisboa.pt/servicos/noticias/detalhe-da-noticia/article/programa-estrategico-biblioteca-xxi-visa-a-recuperacao-e-alargamento-da-rede-de-bibliotecas-da-ci>

serviços diversificados, podem atuar como polarizadores de vida cívica e cultural dos bairros (p. 260).

Conforme Martins (2017, p.108),

A cultura de proximidade implica conhecer, ouvir e “empoderar” as comunidades nas quais se inserem a esta nova centralidade é proposto a “fruição ativa” (*active spectatorship*) com uma dupla função: “Se por um lado os “espectadores ativos” permitem que as organizações culturais tentem ir ao encontro dos desejos e gostos artísticos das respetivas comunidades, por outro lado, é uma forma de responsabilizar e trazer essas comunidades para o espaço de criação, que se quer de qualidade, acessível, plural e representativo.” (p.266).

Ainda no Eixo Estratégico n.º 1, o conceito de “literacia cultural” afluído no objetivo 3 expande a ideia de uma literacia, no sentido de uma capacidade de processamento de informações associada ao cumprimento de currículos escolares e práticas pedagógicas e objetiva a formação de hábitos culturais na população infantil e juvenil estabelecendo um eixo de ligação. Neste âmbito, justifica-se o recurso ao exemplo da contiguidade territorial entre a Biblioteca de Marvila e Escola Básica 2+3 da freguesia de Marvila na medida em que esta contiguidade potencia o uso diário deste espaço pelos alunos, favorecendo a promoção da “literacia cultural”. Este objetivo toca em conceitos essenciais para pensar o exercício da cultura: capital e habitus⁴³, na medida em que que como justifica Vasconcelos (2002, p.81) a propósito de Pierre Bourdieu “ o acúmulo de bens simbólicos e outros estão inscritos nas estruturas do pensamento (mas também no corpo) e são constitutivos do *habitus* através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução social.”

⁴³ Ver *Cultura, Mediação e Equipamentos Culturais* (pág. 12-17).

(...) Por aqui – é assim. Hortas, quintas, jardins, herdades; fortificações, solares, ermidas e portas – foram sacrificadas à urbanização e aos cais acostáveis (...)
(Norberto de Araújo, *Peregrinação em Lisboa in Prodac: Comunidade em Construção*, 2015, p.36)

Marvila. A indústria foi-se, os criativos estão a chegar. Basta para agarrar o futuro?
(João Carlos Malta e Joana Bourgard in *Rádio Renascença*, 4 de Março de 2016)

CAPÍTULO II

MARVILA: DUAS BIBLIOTECAS EM RELAÇÃO POR UMA COMUNIDADE

Marvila está a mudar. Esta afirmação reflete, em muito, a natureza deste território que de “distante arrebalde da cidade capital, passando por espaço de acolhimento de inúmeras ordens religiosas ou de sumptuosas quintas de veraneio de uma burguesia em ascensão nos meados do séc. XIX, até cenário de uma pujante industrialização que se agigantou a partir de finais de Oitocentos ... foi palco de inúmeras e profundas metamorfoses” (PRODAC, 2015, p.23).

Marvila das hortas, das quintas, das fábricas, dos fluxos migratórios associados à industrialização, dos caminhos de ferro, das políticas de realojamento, das marchas populares e das associações, dos *hubs* criativos.

1. O PROJETO DE INTERVENÇÃO

O presente projeto será apresentado de forma relacional em que os seus elementos constitutivos: contexto territorial e institucional; população alvo; diagnóstico; finalidade e objetivos; estratégias e plano de ação; intervenientes e recursos; avaliação e cronograma permitirão reconstruir o itinerário de implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila. Um projeto, por sua natureza teórica, e para operar no real poderá recorrer a metodologia de projeto. A opção da presente tese por esta

metodologia permitiu a mobilização de capacidades e competências pessoais (Guerra, 1994), não só para a resolução de problemas, mas para a negociação na comunidade de novas e originais soluções, por vezes, antecipando os problemas e vulnerabilidades.

METODOLOGIA

Conceber um equipamento cultural alocado num território de vulnerabilidade social, como mediador, insere-se numa percepção da mudança: novos espaços e tempos sociais⁴⁴ de que nos fala Caride Gómez (2009, p.450) “La progresiva ampliación de las fronteras conceptuales y experienciales de la educación a nuevos espacios y tiempos sociales, coincidente con la reivindicación de un aprendizaje permanente, que se extienda a lo largo de todo el ciclo vital . . .”

No que diz respeito a metodologia aplicada⁴⁵, poderemos defini-la como participativa, dialogante e flexível (Ander-Egg, 2000, p. 170), pressupondo “una forma de conocer, diagnosticar, programas, proyectos y actividades, pero sin quedar nunca aprisionados en reglas fijas.” (p. 171).

Reconhecendo na comunidade a força de suporte da investigação, integrei-me numa postura de observação participante recorrendo-me de instrumentos e técnicas que permitiram por um lado, a aproximação a rotina do equipamento cultural e por outro, a apropriação de uma metodologia de inovação social (*Biblioteca Humana*).

Estes subsídios teóricos aplicados na intervenção, serão convocados para a avaliação que foi sequente a cada uma das etapas.

Definida como investigação qualitativa privilegia a aplicação em campo. No que diz respeito à caracterização dos intervenientes nesta investigação, declara-se que foram os alunos da Escola 2 + 3 da freguesia de Marvila, os livros e os leitores das sessões exploratória e piloto e por aproximação à comunidade circundante do equipamento cultural em análise.

⁴⁴ A este propósito Barros (2017, p. 50) posiciona o Educador Social num “lugar feito de lugares, um espaço-tempo dinâmico . . . um lugar de trânsito, de travessias permanentes, que podem ter tanto de reconhecidamente promissor como de incerto, de desconhecido, de desafiante.”

⁴⁵ Conforme Ander-Egg, a metodologia seria “emergente”, significando que “a partir de lineamientos generales va surgiendo y concretándose a medida que se va llevando a cabo.” (2006, p.169).

Em cada momento de descrição e reflexão sobre o projeto de intervenção explicitarei as técnicas e instrumentos mobilizados na recolha de informação, para diagnóstico ou para avaliação dos procedimentos e dos resultados.

1.1. A construção do diagnóstico

Sendo a opção metodológica ir aproximando-se, de forma progressiva, do território em análise, a associação com as diferentes focagens da lente de uma câmara fotográfica é competente para a visualização do processo em causa, do território para o equipamento.

Das hortas aos *hubs* criativos

Historicamente, e conforme disposto na exposição de abertura da biblioteca de Marvila, intitulada “No rasto da história de Marvila”⁴⁶

O território de Marvila tem uma história industrial que remonta às manufacturas dos finais do século XVIII, que se desenvolve no século XIX e tem o seu apogeu no século XX. Porém, nas décadas de 80 e 90 deste século o fecho das fábricas é sucessivo, nada restando hoje da intensa vida industrial. A população fixou-se na zona ribeirinha, em vilas e pátios operários, adaptados em edifícios pré-existentes. As fábricas e armazéns vinícolas distribuíam-se essencialmente ao longo do rio, beneficiando das vias de transporte do Tejo e dos caminhos de ferro. O crescimento do número de fábricas, sobretudo de maior dimensão, acolheu um número significativo de migrantes. Na ausência de políticas sociais, designadamente de uma política de habitação, cresceram as habitações precárias sendo o bairro chinês o mais populoso. (“No rasto de Marvila”, apresentação exposição)

Anteriormente, Marvila marcava posição entre a Baixa, a “zona de transição” e os núcleos suburbanos industriais mais distantes. Agora, a sua posição na metrópole joga-se entre o Parque das Nações e a Baixa, entre Chelas e o porto de Lisboa e o Tejo (Nunes & Sequeira, 2012, p. 11).

⁴⁶ Exposição patente de 27 de novembro a 31 de janeiro de 2017 na Biblioteca de Marvila. Consultado em: <http://blx.cm-lisboa.pt/noticias/detalhes.php?id=1145>. Ver: Anexo E (p.135)

Na atualidade, a freguesia de Marvila com 6,29 km² de área e 38 102 habitantes (INE, 2011), é formada por 10 bairros (Bairro dos Alfinetes e Salgadas, Bairro do Condado, Bairro dos Lóios, Bairros das Amendoeiras, Bairro da Flamenga, Bairro do Armador, Bairro Marquês de Abrantes, Bairro da PRODAC Norte e PRODAC Sul, ou Vale Fundão, Bairro do Vale Formoso e Poço do Bispo (zona de Marvila Velha). Localizada na Zona Oriental do Concelho de Lisboa⁴⁷, “tem as suas fronteiras a Norte, com a freguesia dos Olivais e Parque das Nações, a Este com o rio Tejo (Mar da Palha), a Sul com as freguesias do Areeiro e Beato e a Oeste com a Freguesia de Alvalade. É atravessada por dois vales, o Vale Fundão e o Vale de Chelas, e detentora de dois parques urbanos, o Parque da Bela Vista e o Parque do Vale Fundão.”⁴⁸

Considerado como um território em transição, a freguesia de Marvila, tem sido revitalizada pela implementação de indústrias criativas. Segundo Fernando Medina (atual presidente da Câmara Municipal de Lisboa) “Este processo de transformação faz-se dotando a cidade e focando-a nas indústrias do século XXI. Inovação, tecnologia e criatividade. E nada é mais simbólico do que fazer a polaridade das indústrias do século XXI no local onde a indústria do século XIX também nasceu.”⁴⁹

Data de 1997, o primeiro projeto de intervenção comunitária da Zona L de Marvila,⁵⁰ segundo diagnóstico da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa e da Câmara Municipal de Lisboa. Por intermédio de um inquérito por questionário, realizado aos moradores, foi possível identificar “os principais problemas, as necessidades mais sentidas, mas também as disponibilidades dos residentes para participar na definição e concretização de ações conducentes à melhoria do seu bairro.” (PRODAC, 2015, p.85).

Pela relevância que assume e como substrato para efeitos comparativos com a atualidade do território, clarificamos que “entre os principais problemas identificados figuravam as carências e insuficiências económicas, questões ao nível das relações de vizinhança e situações de toxicodependência e de criminalidade, que reforçavam o traço mais transversal de exclusão social.” (PRODAC, 2015, p.85).

⁴⁷ Ver: Anexo A (pág. 131)

⁴⁸ Consultado em: <http://www.jf-marvila.pt/index.php/historia-da-freguesia/toponimia>

⁴⁹ Fernando Medina em entrevista à revista Dinheiro Vivo, consultado em: <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/galeria/aqui-vai-nascer-o-maior-hub-criativo-e-empresendedor-nacional/>.

⁵⁰ A Zona L é composta pelos bairros dos Alfinetes, das Salgadas, Marquês de Abrantes e Vale Fundão. É importante este recorte geográfico, dado que a Biblioteca de Marvila encontra-se alocada no bairro dos Alfinetes.

No que diz respeito às necessidades sentidas pelas populações, “era destacada a escassez de espaços verdes, o deficiente arranjo urbano, a falta de um posto médico, a insuficiência de unidades de pequenos comércios, as acessibilidades muito reduzidas, as linhas de transportes público ou a necessidade de melhorar os níveis de segurança no espaço público.” (PRODAC, 2015, p.85).

Em termos comparativos entre o passado e o presente do território, recorremos ao inquérito⁵¹ aplicado pela Junta de Freguesia de Marvila com o objetivo de avaliar a percepção da população residente e/ou trabalhadores na freguesia face à oferta de serviços no seu bairro e potencial interesse na sua dinamização. A amostra, composta por 679 entrevistas (372 homens e 307 mulheres), demonstra alguns resultados que se consubstanciam como variáveis relevantes para reflexão. Quando questionados sobre os serviços que sentem necessidade no seu bairro, 35,5% indicaram que gostariam de ter: lar/centro para idosos, serviços de carácter social, cinema, lojas e canil municipal, significando que sentem, no terreno, o pulsar das transformações validadas por estudos quantitativos.

A caracterização da freguesia como um potencial espaço de intervenção comunitária, clarifica-se com o disposto no documento Opções do Plano e Orçamento: 2017,⁵² da responsabilidade da Junta de Freguesia de Marvila. No global, aponta-se para ciclos sociais de exclusão e de empobrecimento da população da freguesia, com rendimentos que se situam abaixo do limiar da pobreza. Acresce a este facto, a situação em termos de níveis de escolarização e níveis de continuação de estudos dos jovens, que reforçam as “provas” de reprodução dos ciclos de exclusão e pobreza de uma parte significativa da população residente (2016, p.9).

A leitura do documento referido anteriormente revela ainda a vontade, na esfera do poder político, de entender Marvila como uma freguesia com uma imagem social com potencialidades de transformação, como espelha a caracterização do local no documento supracitado.

A visão que temos para Marvila é de uma freguesia:

Bonita que aposta na reabilitação urbana, na preservação do seu património paisagístico e qualificação do espaço público;

⁵¹ Consultado em: http://jf-marvila.pt/index/images/files_2012/Apresentacao_questionarios_Populacao.pdf

⁵² Consultado em: http://jf-marvila.pt/files/2016/OPO2016_17/2017_OJFM_v0_FINAL.pdf

Integradora: que aposta na multiculturalidade e na promoção de inovação social;

Diversa: vários bairros separados por grandes eixos rodoviários;

Saudável: reutilizadora e eficiente;

Criativa: inova e empreendedora;

Amiga: dos idosos, das pessoas com deficiência, das famílias e das crianças;

Ambiciosa: universalista, virando-se para o rio. (2016, p.29)

Claramente que há um esforço em identificar estratégias inovadoras (Marvila integradora/Marvila saudável) que contrariem uma imagem social da freguesia associada à criminalidade e ao conflito. Importante notar que conforme dados da Câmara Municipal de Lisboa,⁵³ referentes ao Orçamento Participativo de Lisboa, na Freguesia de Marvila a área temática da reabilitação urbana e espaço público foi a mais representativa na submissão e votação de propostas. Assim, também, atesta o relatório do Centro de Estudos para a Intervenção Social (CESIS)⁵⁴ que identifica “a noção de que a população da cidade constrói uma imagem do bairro sem conhecer, de facto, a sua realidade... É uma imagem assente em preconceitos que nem os/as actuais residentes a eles escapa.” (2016, p.13).

A ideia de que “A cidade não vê o bairro. A cidade imagina o bairro”, contribui para o reforço de comportamentos excludentes e antecipa a identificação de uma necessidade que poderá ser objeto de intervenção comunitária. Concorre para isso, a construção de uma imagem estereotipada da freguesia e dos seus residentes. Uma certa invisibilidade, de uma área da cidade de Lisboa, que agora transita entre dinâmicas de tudo-nada⁵⁵, novo-antigo, memória-requalificação enquadra-se numa perspetiva de um projeto que tem como o seu objetivo original o combate ao estereótipo, preconceito e discriminação.

⁵³ Consultado em; <http://www.cm-lisboa.pt/participar/orcamento-participativo>

⁵⁴ CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social Projecto Espiral (CLDS) Eixo 4 – Informação e Acessibilidades (Acção 8 – Valorização da Freguesia). Consultado em: http://www.cesis.org/admin/modulo_news/ficheiros_noticias/20130306111219-1marvilaboagente.pdf

⁵⁵ Segundo artigo publicado no jornal “El País”, “*Em Marvila, não há nada, E isso é tudo.*” Consultado em: <http://www.tsf.pt/sociedade/interior/marvila-entre-18-bairros-eleitospelo-elpais-5589394.html>

Juventudes e vulnerabilidades

A ideia de Marvila como mosaico de identidades sociais é decorrente das significativas alterações sociodemográficas, com incidência nas décadas de 1980 e 1990, como consequência dos projetos de realojamento desenvolvidos no âmbito de programas municipais (PIMP e PER) (Nunes, Viana, Serra & Amaro, 2015, p.84).

Segundo os Censos de 2011, na freguesia de Marvila a população apresenta uma distribuição por escalões etários semelhante à da cidade de Lisboa, embora com um peso percentual ligeiramente superior de população mais jovem quando se compara com a da cidade (tabela 2). O cálculo do índice de juventude⁵⁶ confirma esta tendência, enquanto que na freguesia de Marvila este índice apresenta um valor de 73,8%, em Lisboa este é de 53,8%. Por seu turno, o índice de envelhecimento⁵⁷ em Marvila regista um valor de 135,5% e, na cidade chega a 185,8%.

Tabela 2 - Estrutura etária da população de Marvila e de Lisboa, 2011

	0-14		15-24		25-64		65+	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Marvila	5257	13,8	4448	11,7	21272	55,9	7125	18,7
Lisboa	70494	12,9	53507	9,8	292772	53,5	130960	23,9

(Fonte: INE, 2011)

Associado a esta juventude, um outro recorte que caracteriza a freguesia relaciona-se com as elevadas taxas de gravidez na adolescência⁵⁸

⁵⁶ O índice de juventude é a relação entre a população jovem e a população idosa, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos e o número de pessoas com 65 ou mais anos (expressa habitualmente por 100 (10²) pessoas com 65 ou mais anos). Consultado em: <http://smi.ine.pt/Conceito/Detalhes/3227>

⁵⁷ O índice de envelhecimento é a relação entre a população idosa e a população jovem, definida habitualmente como o quociente entre o número de pessoas com 65 ou mais anos e o número de pessoas com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos (expressa habitualmente por 100 (10²) pessoas dos 0 aos 14 anos). Consultado em: https://www.ine.pt/bddXplorer/htdocs/minfo.jsp?var_cd=0000603

⁵⁸ **PROGRAMA BIP/ZIP LISBOA – PARCERIAS LOCAIS- FICHA DE CANDIDATURA**
Associação Nuclisol Jean Piaget – parceiros: Santa Casa de Misericórdia, Aventura Social, Junta de Freguesia de Marvila

existindo múltiplas dificuldades ao nível das competências parentais, sobretudo junto dos jovens casais ou mães/pais. Esta situação é agravada por um tecido económico frágil, os níveis de escolaridade e empregabilidade são baixos, emergindo outras fragilidades sociais relacionadas com consumo de estupefacientes, violência doméstica, tráfico de droga, desemprego e dinâmicas familiares desestruturadas (2016, p.4).

Sobre a escolaridade da população de Marvila, identifica-se uma taxa elevada de analfabetismo (6,9% da população com mais de 10 anos), quando comparada com a taxa de analfabetismo da cidade (3,2% da população com mais de 10 anos), facto que é importante destacar quando estamos perante uma população mais jovem que a população da cidade. Também o peso percentual de licenciados acentua a distância entre estes dois territórios: em Marvila 14,2% da população com mais de 25 anos tem uma licenciatura enquanto em Lisboa este valor chega a 41,9% (INE, 2011). Mais de metade dos residentes na freguesia apenas tem a escolaridade básica (59,3%).⁵⁹ A taxa de desemprego entre os residentes na freguesia é de 16,8%, enquanto no conjunto da cidade de Lisboa é de 11,8% (INE, 2011), evidenciando uma tendência para a existência de maior precariedade nas condições de vida. Sobre os quantitativos da população ativa a exercer atividade nos grupos profissionais menos qualificados (grupos 7, 8 e 9 da classificação nacional das profissões), Marvila evidencia um maior peso percentual de profissionais nestes grupos (36,6% da população) quando comparada com o conjunto da cidade (16,3%).⁶⁰

De acordo com o Observatório de Luta Contra a Pobreza na Cidade de Lisboa,⁶¹ a freguesia de Marvila apresenta um contexto intergeracional de vulnerabilidades, em que “a relação com a assistência é de longa duração.” (2014, p.33).

Apesar deste padrão de vulnerabilidade que se prolonga ao longo do tempo e onde se torna difícil encontrar portas de saída, são sobretudo os residentes em Marvila, tendencialmente com idades entre os 36 e os 55 anos ou com mais de 65 anos e com

⁵⁹ Consultado em: http://www.cm-lisboa.pt/fileadmin/MUNICIPIO/Reforma_Administrativa/Juntas_de_Freguesia/JF_Marvila.pdf

⁶⁰ Recenseamento da População, INE, 2011

⁶¹ Referente ao Barómetro de Pessoas que se encontram em situação vulnerável. Relatório Final DINÂMIA'CET Setembro 2014

um grau de coesão familiar globalmente mais positivo que têm tido uma relação pontual com os dispositivos de assistência (somando 9 do total de 11 casos com este tipo de relação). São também estes entrevistados que embora beneficiando de pensões de velhice/invalidez e de habitação social, mais tendem a recusar aderir a certos apoios sociais⁶² (2014, p.139).

Relativamente à população estrangeira residente, identifica-se que na freguesia de Marvila esta população representa 3,26% do total, valor inferior aos 5,81% da cidade de Lisboa. Em termos de representatividade, os imigrantes dos PALOP são os mais expressivos com um total de 528 indivíduos, sendo que a maior parcela cabe aos Cabo-Verdianos (255), seguidos dos Angolanos (101). A comunidade de origem asiática é a segunda mais expressiva com 252 pessoas num universo de 4 971 residentes na cidade de Lisboa, sendo os habitantes de origem chinesa o grupo maioritário, num total de 212. Contudo, não podemos esquecer que estes quantitativos apenas se reportam à população que tem nacionalidade estrangeira, escondendo todos aqueles que constituem a segunda geração e que em Marvila constituem um grupo importante dos residentes, em particular com origem nos PALOP.

Em termos globais, comparando com a cidade de Lisboa, identifica-se uma hierarquia dispare, sendo que no caso da freguesia de Marvila, a presença de imigrantes, segundo a nacionalidade, obedece à seguinte ordem de maioria: PALOP (528); Ásia (252); Brasil (240); União Europeia (153). No caso da cidade de Lisboa, a comunidade brasileira, com 10 288 residentes, é a mais representativa, seguida da população oriunda da União Europeia (6 547), dos PALOP (6 423) e da Ásia (4 971).

Em síntese, estamos perante um território onde a população residente é tendencialmente mais jovem no contexto da cidade. Porém, esta população, evidencia alguma desvantagem socioeconómica comparativamente com a população do conjunto da cidade. Marvila é também um território de acolhimento de população imigrante, em particular oriunda de países africanos, asiáticos e do Brasil que convive com segundas e terceiras gerações de população oriunda dos PALOP.

⁶² Consultado em: http://observatorio-lisboa.eapn.pt/ficheiro/Estudo-Bar%C3%B3metro-de-pessoas-em-situa%C3%A7%C3%A3o-vulner%C3%A1vel-II_final.pdf

Biblioteca, comunidade e cidade

Inaugurada em 27 de novembro de 2016, a Biblioteca âncora de Marvila⁶³ é a maior biblioteca⁶⁴ Municipal de Lisboa, com um espaço com quase 2600 metros quadrados constituído por um edifício construído de raiz e um outro requalificado, a antiga casa senhorial da Quinta das Fontes.⁶⁵

Este equipamento cultural⁶⁶ está localizado no Bairro dos Alfinetes, no setor sudeste de Chelas, e reconhece-se como mais um ponto de partida para as Bibliotecas de Lisboa: um novo olhar sobre uma comunidade e a cidade. Partindo deste lugar, do seu passado, tanto rural como industrial, e da sua população, procuramos outras formas de interagir com a freguesia e criar novas dinâmicas na cidade. Queremos construir pontes e diálogos com a história dos locais, os seus desejos, forças e fragilidades, onde o centro da atenção são as pessoas (in material de divulgação da Biblioteca de Marvila).

Pela sua relevância e originalidade, o conceito de âncora que qualifica a Biblioteca de Marvila, deverá ser explicitado como “centro cultural de proximidade” dotado, “para além das valências tradicionais, de políticas activas de combate à iliteracia e à exclusão, e de espaços como “pequenos auditórios e áreas expositivas⁶⁷ de novas valências⁶⁸ propostas no *Programa Estratégico Bibliotecas XXI: Leitura, Informação e Conhecimento; Educação e Formação; Desenvolvimento e Cidadania; Artes e Cultura e Encontros e Debate*.

Hoje, as BLX, são a voz das comunidades. Aqui se cruzam gerações, interesses e expectativas: a alegria das crianças, a irreverência dos jovens, as necessidades

⁶³ Ver: Anexo F (pág. 136)

⁶⁴ Com mais de 100 anos, a Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX) tem 18 Bibliotecas distribuídas pela cidade de Lisboa, sendo que uma é itinerante.

⁶⁵ A Quinta das Fontes foi uma das Quintas que, na sequência de um trabalho realizado pelo VALIS em 1992, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu preservar pelo seu valor patrimonial tendo em vista a possibilidade da sua posterior utilização de forma compatível com a sua localização e estrutura interna. Consultado em: <http://www.constrope.pt/pt/noticia/23/biblioteca-de-marvila/>.

⁶⁶ O projeto de reconstrução é da responsabilidade do Arquiteto Hestness Ferreira.

⁶⁷ Segundo a vereadora da Cultura, Catarina Vaz Pinto, a Biblioteca âncora está planeada a ser “colocada em rede numa perspectiva local de bairro”. Consultado em: <https://expressodooriente.com/marvila-ganha-biblioteca/>

⁶⁸ “Programa Estratégico Bibliotecas XXI” - proposta de requalificação da rede de bibliotecas municipais de Lisboa.

profissionais dos adultos e a tranquilidade dos mais velhos. Têm espaço para livros. Mas também para os negócios, para a arte, para a música e laboratórios experimentais.⁶⁹ (in material de divulgação da Biblioteca de Marvila)

O enquadramento definido por Newman (2008, p.15), em que “A biblioteca da 3.^a geração contribui com a comunidade”, até pelo facto de que “não corresponde a nenhum modelo pode nem parecer uma biblioteca”, reafirma uma tendência de transformação da vocação e do papel das bibliotecas, com contornos internacionais, como os modelos implantados na Colômbia e no Brasil.

De forma sucinta, esclareço que a política de implantação de bibliotecas-parque em Bogotá e Medellín, na Colômbia⁷⁰, tornou-se uma estratégia de referência na promoção do desenvolvimento social e enfrentamento da violência urbana. As “armas”⁷¹ decididas pelo governo colombiano de maneira institucional, em parceria com o setor privado, foram a educação e a cultura. Uma maneira arrojada, por certo, de enfrentar poderes locais instituídos pela força, medo e a artificial sensação de proteção.

Inspirada na experiência colombiana, as bibliotecas-parque⁷² do estado do Rio de Janeiro e São Paulo – vinculadas ao Programa de Aceleração do Crescimento – PAC do governo federal brasileiro – vêm desenvolvendo um novo conceito de promoção do acesso à leitura e de formação de leitores, integrando o acervo bibliográfico, as linguagens artísticas diversas, a produção cultural e as comunidades do meio envolvente.

Há uma possibilidade de intervenção da biblioteca da 3.^a geração em comunidades como um equipamento que reforça uma das tendências da biblioteca para o novo milênio: *local de orientação pessoal, onde o papel dos bibliotecários, à semelhança de outros mediadores sociais, será o de prestar apoio a um número crescente de utilizadores nas múltiplas formas de aceder à informação.* Com o

⁶⁹ Consultado na divulgação institucional da BLX: “As pessoas fazem a Biblioteca”. Ver Anexo B (pág. 132)

⁷⁰ As experiências colombiana e brasileira serão mais detalhadas no Anexo Aa. *Cartografia de um projeto* (pág.163-171)

⁷¹ O comprometimento do poder público com a estratégia, no caso de Medellín, investindo 40% do orçamento municipal em educação e 5% em cultura, foi capaz de superar os altos índices de criminalidade pelos quais a cidade tornou-se notória durante os anos 1990.

⁷² “Uma biblioteca que tem de tudo. Até livro” é o slogan da biblioteca-parque de Manguinhos, no Rio de Janeiro, que por falta de verbas, esteve fechada desde dezembro, reabrindo parcialmente em janeiro por iniciativa da população que “ocupou” o equipamento cultural. <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/fechada-desde-dezembro-biblioteca-parque-de-manguinhos-ocupada-20852187>

progressivo deslocamento nas bibliotecas, da centralidade do livro para a multiplicidade de leituras (Versiani *et al*, 2012), torna-se necessário renegociar o papel do sujeito leitor nesse contexto. Se a leitura pode ser entendida como um conjunto de práticas difusas, o sujeito leitor vai-se formando e estabelece o seu lugar como um sujeito da plurissignificação do mundo, desenvolvendo estratégias de cooperação e respeito pelo outro. Nóvoa (2017) observa que “hoje, a biblioteca está em todo o lado, está nos nossos bolsos”.⁷³

Diferentes linguagens de uma programação

Por onde for, vivo a calçada
Transmite amor, mas ninguém viu nada
Que em cada calçada que eu estava, estava lá mudando o mundo
Muitos não percebiam que ali havia som de conteúdo
(Língua Franca, 2017, Gênios Invisíveis)

Como centro cultural de proximidade, a biblioteca de Marvila gizou a sua programação⁷⁴ estruturada numa oferta que combina os seguintes campos: arte urbana; cruzamento entre linguagens artísticas e formação de público(s) para a cultura. O *Festival MURO 2017*⁷⁵ é, sem dúvida, o exemplo que configura de forma mais completa essa assunção, concorrendo para esta afirmação o disposto na *Agenda Cultural de Lisboa*.⁷⁶ “A mais recente biblioteca da rede procurará estar atenta às mais variadas expressões da arte urbana e garantirá oficinas de música e escrita para hip-hop” (2016, p.7).

Segundo Pallamin (2000, p.24)

A arte urbana é uma prática social. Suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos

⁷³ Consultado em : <http://biblioo.cartacapital.com.br/antonio-novoa/>

⁷⁴ Esclareço que esta afirmação é baseada na análise da programação disponibilizada no site na Rede de Bibliotecas de Lisboa (<http://blx.cm-lisboa.pt/noticias/?tipo=1>) e na Viral Agenda (<https://www.viralagenda.com/pt/p/v-BibliotecaMarvila>).

⁷⁵ Ver programação completa em Anexo P (pág. 147)

⁷⁶ Edição antecipatória da abertura da Biblioteca de Marvila, cito: “. . . para além dos livros, as bibliotecas são espaços de envolvimento e criação de dinâmicas quotidianas onde a arte, a música, as atividades de lazer e de trabalho se entrecruzam de modo a responder as necessidades de seus utilizadores.”

estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política.

Concorrem para esta definição, as percepções⁷⁷ dos artistas associados ao festival: Eduardo Kobra acredita no caráter transformador do festival e reconhece que “Os moradores querem aprender, está-se a despertar neles o interesse pela arte. Há muito talento por aqui”. Por sua vez, Flix que, realizou uma residência artística junto à comunidade, refere o sentimento de pertença: “Tenho a certeza que, como ajudaram, vão cuidar disto depois de eu ir embora. Fica com eles um sentimento de pertença”. À semelhança de Pallamin, John Douglas percebe na arte urbana as potencialidades de uma prática social e considera que “O importante é que se abrem caminhos novos, que levam quem mora aqui a pensar, tentar perceber o significado das obras e a discutir sobre a cultura.”

Na sequência destas reflexões, e a propósito de territórios vulneráveis socialmente, Jacquard (1997, p.17), menciona os jovens que “rabiscam as paredes para as tornar menos cegas, menos implacavelmente fechadas sobre eles.”

A comunicação institucional do *Festival MURO* para além de fixar a natureza da biblioteca de Marvila como “equipamento municipal cultural âncora da zona oriental de Lisboa”, perspetiva em termos de futuro o território como “um novo e importante núcleo de obras de arte urbana numa zona que responde positivamente à preocupação da descentralização que sempre tem norteado a estratégia de atuação da *GAU* e do *Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa*”.

A comunidade é referida como o lugar onde “a arte urbana pretende desempenhar um papel importante ao nível da inclusão⁷⁸ cultural e social bem como no diálogo intergeracional.” A forma como os eventos são comunicados por um lado demonstra como a biblioteca é percebida pelos seus parceiros e por outro como a biblioteca pretende ser percecionada no seu meio envolvente e na cidade. Sendo especialmente relevante, no caso desta biblioteca, pelo facto da sua originalidade (primeira biblioteca âncora de Lisboa) e também pela aposta numa programação diversificada e arrojada.

⁷⁷ Consultado em: <https://www.publico.pt/2017/05/25/local/noticia/inclusao-social-estampada-em-15-paredes-de-marvila-1773421>.

⁷⁸ A Galeria de Arte Urbana convidou o criador venezuelano FLIX a realizar uma residência artística de um mês, onde desenvolveu um projeto *site-specific* num conjunto de suportes diversificados no território de Marvila, destinado sobretudo ao envolvimento da população juvenil destes bairros.

A análise da programação⁷⁹ do *Festival MURO*, disponibilizou uma multiplicidade de eventos e possibilitou a aproximação de um público que visitou a freguesia de Marvila pela primeira vez e em consequência a biblioteca. Identifica-se uma possível associação, do público não-residente, deste equipamento cultural a um espaço de arte urbana confirmando a afirmação de Newman (2008, p.15) “uma biblioteca que nem parece uma biblioteca”.

Destaca-se o projeto escolar *Educação pela arte*, em parceria com a GAU e o Departamento de Educação da CML que contemplou visitas guiadas de arte urbana, sessões de trabalho em sala e a realização de um mural na *Escola Básica de Marvila*. A comunidade, o bairro e seus habitantes, como centro de ação foi fotografada pela *Agência Calipo*.⁸⁰

Aproveitando a oportunidade de exploração das fotografias disponibilizadas pela *Agência*, parece-me importante, compreender o “olhar” exógeno⁸¹ sobre este território de intervenção comunitária. Da interpretação das fotografias poderemos criar um mosaico que sugere uma seleção condicionada por espaços, pessoas e representações sociais: do território híbrido (fig.1) ao público em formação (fig.2), dos rostos (fig.3 e 4) aos grupos associados (fig.5 e 6).

⁷⁹ Consultado em: <http://festivalmuro.com/wall/3773>

⁸⁰ A Agência Calipo, fundada em 2014, é um coletivo de fotógrafos, com linguagens visuais e técnicas fotográficas muito distintas, que partilham entre si a discussão de ideias, a partilha de conhecimento e a vontade de produzir trabalho de qualidade. Consultado em: <https://www.facebook.com/agenciocalipo/photos/a.376091676120131.1073741838.175685672827400/380416639020968/?type=3&theater>

⁸¹ Sobre a questão da representação social (olhar exógeno) sobre o território: “Não se pode dizer que a localização destes bairros seja na periferia, “mas parece”. Uma única farmácia, três cafés, uma escola e uma biblioteca municipal é tudo o que se pode encontrar nas imediações. Lojas, supermercados ou multibanco nem vê-los.” Consultado em: <https://www.publico.pt/2017/05/25/local/noticia/inclusao-social-estampada-em-15-paredes-de-marvila-1773421>



Figura 1. Mosaico da representação social do território

(Fonte: Agência Calipo)

A opção programática pela Arte Urbana é uma linha de ação que poderá ser observável mesmo antes da abertura formal da biblioteca em novembro de 2016. A programação de verão⁸² ofereceu uma série de atividades relacionadas com a cultura hip-hop⁸³ (Beatbox; Graffiti; Escrita Criativa & Produção Musical; Breakdance) em que a população local foi convidada a usufruir, não só de um espaço ainda em formação, tendo em conta que a biblioteca ainda não estava formalmente aberta, mas também de uma programação pensada em exclusivo para ela. Esta iniciativa teve como parceiro o *H2T*⁸⁴, que clarifica a biblioteca em alguns pontos

⁸² Ver Anexo D (pág.134)

⁸³ As Oficinas de Hip-Hop @Marvila com Encontro da Cultura decorreram entre 18 de Junho e 31 de Agosto de 2016.

⁸⁴ O H2T é um site de divulgação à cultura Hip-Hop, expressa no Graffiti, MCing, Djing, Bboying, Beatbox e Produção. Com vínculo à Associação Juvenil M.Jovens, o H2T tem como foco a divulgação do Hip-Hop e partilha dos seus princípios fundamentais: respeito, paz, amor, união, diversão... Pretendemos que estes possam fazer parte do dia-a-dia da sociedade e, principalmente, enraizar-se no crescimento e educação dos jovens. Valorizar a arte como meio de expressão fundamental. Consultado em: <http://h2tuga.pt/h2tuga/apresentacao/>

Ainda a biblioteca não inaugurou e já as vertentes deste movimento têm marcado os sábados, principalmente na memória do já volumoso número de crianças que têm marcado presença nas Oficinas experimentais de Hip-Hop que têm acontecido . . . houve lugar a uma completa vivência/experiência desta Cultura. Convívio, performances, exposições e acima de tudo a demonstração de valores onde acima de tudo o afamado 5º elemento – conhecimento – esteve bem presente.⁸⁵

Entendida como intencionalidade da programação da biblioteca de Marvila, a arte urbana constitui-se como uma linha de continuidade que permite a fixação dos conteúdos e o ajuste de procedimentos. Essencialmente, introduz uma “lógica de futuro”, uma permanência das iniciativas que estabelecem com o território de intervenção uma relação permanente. Enquadra-se, portanto, nesta relação de permanência, a *Formação de Pares: Arte Urbana em Marvila*.

A observação detalhada da proposta da formação fornece pistas que colaboram com a intenção da continuidade enquanto valor no âmbito da intervenção comunitária. A primeira pista é nos dada pela definição do público-alvo dos quais destaco o “universo de jovens que participam nas diversas atividades da programação da Biblioteca de Marvila”; “moradores do bairro”; “grupo comunitário 4 Crescente”.⁸⁶

Fica clara a proposta da centralidade na comunidade enquanto estratégia de aproximação e envolvimento, ressaltando as palavras “universo” e “diversas” referentes aos jovens o que nos permite aferir a existência de um “corpus” de usuários do equipamento cultural que ao ser reconhecido pretende-se ser mobilizado.

A segunda pista que nos conduz à permanência é o produto cultural resultante da formação: a realização de uma visita guiada ao conjunto de peças de arte urbana executadas no contexto do “MURO Lx-2017 – Festival Internacional de Arte Urbana”, no território de Marvila.⁸⁷

Esta teia de relações que é gerada a partir da relação entre equipamentos (Biblioteca de Marvila/ Galeria de Arte de Lisboa) mediada por atividades culturais (Festival MURO), potencia cruzamentos e novas soluções como é o exemplo da

⁸⁵ Consultado em: <http://h2tuga.pt/h2tuga/este-sabado-a-familia-hip-hop-reune-se-em-marvila/>

⁸⁶ Associações de Moradores, Associações Juvenis, PRODAC, Fundação Benfica, Santa Casa de Misericórdia de Lisboa.

⁸⁷ Consultado em: <http://www.cm-lisboa.pt/noticias/detalhe/article/curso-formacao-de-pares-arte-urbana-em-marvila>

Exposição “LS Recycle”, do writer, artista urbano e plástico de Marvila, Luís Santos, que na sequência da participação do Festival MURO, expôs, pela primeira vez, na biblioteca de Marvila. O trânsito da rua para o equipamento cultural privilegia o artista da comunidade, sendo possível entendê-la como a intervenção a partir da arte.



Figura 2. Fachadas pintadas Festival MURO

(Fonte: C.M.L)

A memória do território é preservada não só no edifício, com a restauração da Quinta das Fontes, com a presença do lagar como peça central quer pelo seu simbolismo, quer pela sua imponência, mas também no projeto “Vidas e memórias de bairro”, uma replicação do projeto iniciado na Biblioteca da Penha de França, e que tem como objetivo a recuperação e divulgação das histórias de vida, testemunhos, relatos e memórias sobre os bairros desta freguesia.⁸⁸

Acolhendo projetos da Rede de Biblioteca de Lisboa (BLX) como os “Mimos e livros à mão de semear” e a “Rota de contadores”, e em parcerias da rede como a “Poesia na Esquina do Bairro”, no âmbito de Lisboa Capital Ibero Americana da Cultura.

O cruzamento com outras linguagens artísticas como o cinema representado pelo 3.º Festival de Cinema Argentino em parceria com a VAIVEM com o objetivo de levar “o cinema de autor à Biblioteca de Marvila e tem como foco da programação cinco filmes atuais que dialogam com obras literárias.”⁸⁹ e o “Ciclo de Cinema Noites no Pátio”. Para além do cinema, o teatro, a dança e as artes performativas foram programadas pelo equipamento.

⁸⁸ Consultado em: <http://blx.cm-lisboa.pt/noticias/?tipo=1>.

⁸⁹ Idem.

No âmbito das novas valências⁹⁰ propostas no Programa Estratégico Bibliotecas XXI: Leitura, Informação e Conhecimento; Educação e Formação; Desenvolvimento e Cidadania; Artes e Cultura e Encontros e Debate, a observação da dinâmica diária da biblioteca de Marvila permitiu a construção dum projeto direcionado para os jovens do território envolvente à biblioteca, que habitualmente a frequentavam para uso dos computadores, ampliando a sua relação com os equipamentos e com o espaço.

Neste sentido, o projeto Bibliogamers⁹¹ assume-se como “um espaço de lazer e promoção da indústria nacional dos videojogos. Este setor, em franca ascensão, já contribui para a criação de emprego, sob a forma de numerosas startups”.

Nesta mesma linha de formação, sublinha-se a relevância de ações voltadas para a inclusão e literacia digital (Começar a utilizar o computador; Comunicar online com a família e amigos; Serviços Públicos na Internet; Criatividade Digital - Fotos, Vídeos e Blogs) justificada como afirma Bonacho, "o saber-decifrar não é suficiente para o nível de literacia imposto pela sociedade contemporânea; o saber-ler não deve ser confundido com o saber-decifrar" (2013, p.36).

A visibilidade dos seus utilizadores poderá ser percebida na Oficina de Afro House em que “um dos jovens da comunidade mais presentes na Biblioteca ao longo do ano” ministrou a oficina que foi apresentada à comunidade. Assim como os artistas da freguesia de Marvila (Exposição Bugginga).

O projeto teatral “Assembleia”, de Rui Catalão revela o quotidiano da comunidade em que “um casal discute “o problema da habitação” e “coabitação” nas dimensões da “casa”, do “bairro” e do “país”. Segundo Catalão, “Na primeira sessão no Armador conheci o Pedro e, na primeira sessão na biblioteca de Marvila, conheci a Solange e houve três coisas que me chamaram a atenção: o olhar deles, a voz, que para mim são elementos determinantes para o teatro, e os corpos⁹²”. O equipamento cultural, na qualidade de “corpo”, determina-se enquanto cenário e como ponto de encontro de diversos eventos promovidos por entidades parceiras.⁹³

⁹⁰ “Programa Estratégico Biblioteca XXI” - proposta de requalificação da rede de bibliotecas municipais de Lisboa.

⁹¹ O projeto *BiblioGamers* previu a organização de diversas iniciativas, designadamente, quatro exposições, uma palestra, composta por dois painéis de três convidados cada, quatro Lan Parties, dois torneios de videojogos e duas sessões de esclarecimento.

⁹² Consultado em: <http://www.producoesindependentes.pt/projectos/assembleia/>

⁹³ As parcerias são diversificadas: Grupo de Capoeira Beija-Flor; Arteemrede; Teatro Maria Matos; Batoto Yetu, entre outros.

De forma a ilustrar a dinâmica de parceria instituída pela Biblioteca de Marvila, elejo “Os Dias de Marvila” em que o Teatro Maria Matos e a Biblioteca de Marvila por sua contiguidade territorial ofereceram um programa cultural na qual destaco *Topias Urbanas* que oferecia a “oportunidade para entrar de forma inesperada nos espaços da freguesia de Marvila” guiados por “performances, caminhadas, conversas, jogos e projeções de vídeo, concebidas por um grupo de artistas, arquitetos e cientistas sociais que durante 10 meses frequentaram este lugar e trabalharam em grande proximidade com alguns dos seus habitantes”. A parceria com o Teatro Maria Matos reveste-se duma importância singular, pelo fato de permitir o trânsito entre públicos de natureza diversa.

Um olhar inaugural transformado em palavras

Como forma de construir um diagnóstico mais próximo da realidade em que se pretende intervir, para além da análise documental baseada em fontes de dados múltiplas e variadas (Yin, 1994), faz-se necessária a observação direta de fenómenos reconhecidos enquanto constitutivos da comunidade em questão, posicionando o diagnóstico no âmbito qualitativo por prever um contacto em detalhe e profundidade (Coutinho, 2013) com a Biblioteca âncora de Marvila.

Dentro desse espectro poderemos identificar as caminhadas, organizadas por associações no território como o Grupo Comunitário 4 Crescente, justificando-se a observação direta e as entrevistas⁹⁴ a um grupo intergeracional⁹⁵ que visitava, pela primeira vez, a Biblioteca de Marvila: um olhar inaugural que permite as condições para, segundo Miles e Huberman (1994) ... os dados tomarem a forma de “palavras”.

Para a análise do conteúdo das entrevistas realizadas neste dia, organizaram-se as respostas em três dimensões: primeira impressão; diagnóstico sobre o território; expectativas (Tabela 3).

Da análise da dimensão “Primeira Impressão”, surgem alguns indicadores que ilustram a potencialidade do equipamento cultural para ser acolhido no quotidiano dos residentes da comunidade: habitação (*não me importava de morar nessa casa aqui ao*

⁹⁴ Em entrevista concedida no dia 23 de junho de 2016 no âmbito da caminhada organizada pelo Grupo Comunitário 4 Crescente. A biblioteca âncora de Marvila associou-se à iniciativa e acolheu os participantes em uma visita guiada com a doação de livros.

⁹⁵ Consultar: Anexo C (pág.133)

lado)⁹⁶; *trabalho (Eu adorava trabalhar aqui)*⁹⁷; espaço de fruição (*Está um espetáculo. Não estava à espera*). Sobre o que é o “Território”, as afirmações situam-se entre o presente e o futuro. Em termos de futuro, os entrevistados identificaram propostas concretas (*mais comércio; lojas*).

Por sua vez, para perceber de que forma estes habitantes percepcionavam o território em análise, optou-se pela abordagem positiva com as seguintes perguntas: E como é Marvila para você. Você gosta?; Se você tivesse que me convencer sobre Marvila, o que você diria daqui? O que é que tem Marvila de bom?

De forma geral, os entrevistados responderam que gostam do território em que vivem e o fato de escolherem a palavra *estragar* para caracterizar o que é menos bom, reforça, por um lado, a ligação com a comunidade em que estão inseridos (*Me dói muito. Ver tudo estragado*) e por outro, percebem que este é um fator que poderá ser potenciador de discriminação (*Eles dizem que é perigoso, mas para quem vive aqui não é perigoso*).

⁹⁶ A casa “aqui ao lado” que a entrevistada refere-se é o edifício rosa contíguo ao edifício central da Biblioteca de Marvila.

⁹⁷ A entrevistada, na altura da entrevista, trabalhava em uma empresa de limpeza e no decorrer da visita – ao observar as dependências do edifício – confidenciou-me que iria propor a administração da empresa para concorrer para o serviço de limpeza da biblioteca prevendo que seriam necessárias várias equipes de trabalho.

PRIMEIRA IMPRESSÃO	TERRITÓRIO	EXPECTATIVAS
<ul style="list-style-type: none"> • Bonita. Está muito bonita (P. 58 anos) • <i>Olhe, sabe o que é que eu digo? Isto é muito bonito e não me importava de morar nessa casa aqui ao lado</i> (P. 58 anos). • Fantástica. Já até falei com o senhor para ver se eu conseguia trabalhar aqui. Eu adorava trabalhar aqui (L.48 anos) • Está um espetáculo. Não estava à espera. <i>Eu já andei aqui quando estava abandonado e não estava à espera</i> (M. 22 anos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Estragam tudo e isso é uma coisa que me choca muito. Me dói muito. Ver tudo estragado (P. 58 anos). • Eu acho que tem pouco é comércio. Mas agora com essa biblioteca fantástica melhor (L. 48 anos) • Esta zona aqui principalmente. É uma zona muito problemática (L. 48 anos) • <i>Pode ter muitas coisas: lojas, uma ou duas</i> (M. 22 anos) • <i>Eles dizem que é perigoso, mas para quem vive aqui não é perigoso</i> (M. 22 anos) • <i>Estragam as coisas, prédios, riscam as paredes, partem os vidros</i> (M. 26 anos) • <i>É (hesita) o que é que tem de bom nesse bairro? Há partes boas, há pessoas boas como há pessoas menos boas</i> (M. 26 anos) 	<ul style="list-style-type: none"> • Que tenha muita coisa e que ninguém estrague, e que ninguém a roube (P. 58 anos) • Espero que essa biblioteca sossegue os jovens (L. 48 anos) • <i>Perto de casa. Parece que vai ser agradável</i> (M. 22 anos). • <i>História (da Arte) Exposições; Cursos</i> (B. 13 anos)

Tabela 3 – Análise de conteúdo: Entrevistas aos participantes na Caminhada

Em resposta à pergunta: “O que é que eu espero?”, uma moradora residente próxima da biblioteca, respondeu: “Espero que essa biblioteca sossegue os jovens.” Potencialmente, identificou-se o estereótipo da delinquência juvenil (com reverberação na análise documental). Em antevisão, e como estratégia de aproximação à comunidade, a programação cultural de verão (2016) da Biblioteca âncora de Marvila centrou-se na Cultura Hip Hop em que a “rua” e o quotidiano são os fios condutores simbólicos na construção da manta de manifestações artísticas associadas: beat-box; rap; escrita criativa; produção musical; graffiti, free-style; parkour.

Ficam da intersecção entre as várias aproximações ao território: análise documental⁹⁸ (com recurso a diversas fontes), vivência no terreno com o acompanhamento de ações de aproximação da comunidade ao equipamento cultural, numa relação entre o macro e o micro, convocadas para a construção do diagnóstico, as pistas necessárias para: a) confirmar no território uma apetência para a melhoria das condições de vida; b) a potência do equipamento cultural como mediador neste projeto de intervenção.

1.2. O desenho do projeto de intervenção

O desenho do projeto de intervenção foi gizado a partir de uma relação configurada de forma relacional entre os elementos constitutivos: contextos (territorial e institucional); população alvo; diagnóstico; finalidade e objetivos; estratégias e plano de ação; intervenientes e recursos; avaliação e cronograma objetivando construir um itinerário possível de implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila.

Problemática, objetivos e estratégias

As potencialidades identificadas na Biblioteca de Marvila, enquanto espaço disponível para o acolhimento de uma comunidade diversa, caracterizada por estereótipos e preconceitos que emergem da imagem que a história do próprio bairro tem transmitido para o exterior, desafiam a uma intervenção que contribua para a desconstrução destes estereótipos e abra a comunidade ao exterior, projetando-a através da Biblioteca. Neste sentido a problemática em que assenta o presente projeto assume a seguinte formulação:

As estratégias desenvolvidas no uso da Biblioteca de Marvila, enquanto equipamento cultural, localizado num território de vulnerabilidade social, podem conferir-lhe um lugar de mediação na intervenção comunitária.

Pela consonância, entre a inovação social (primeira biblioteca âncora) e a vulnerabilidade social do território, a *Biblioteca Humana*, na qualidade de estratégia inovadora no combate ao preconceito, estereótipo e discriminação, poderá potenciar a modificação das condições de vida da população tocada pela iniciativa.

⁹⁸ A este propósito, consultar: *Juventudes e Vulnerabilidades* (págs.34-36)

A rede municipal de bibliotecas de Lisboa (BLX) tem como objetivo principal oferecer “serviços de biblioteca com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social”,⁹⁹ através da disponibilização de recursos de informação e conhecimento para a promoção da literacia e da leitura entre os cidadãos de Lisboa.

Neste âmbito, a Biblioteca de Marvila pretende “afirmar-se como espaço inclusivo, de apoio à experimentação e à criação, aliando o tradicional ao alternativo, refletindo a vivência intercultural da comunidade local, mas aberto à cidade.”¹⁰⁰

Para sua operacionalização, foi construído um programa assente nos seguintes eixos: Patrimônio Cultural; Arte Emergente; Cidadania e Novas Tecnologias; Ciência e Conhecimento, sendo possível identificar uma dinâmica substancial de relação, entre as bibliotecas referenciadas. enquadrada no eixo Cidadania e Novas Tecnologias.

Em antevisão, o documento “Imigração, Diversidade e Política Cultural em Lisboa” (2011, p. 58-59), conclui que

O Programa “Biblioteca XXI” constitui assim, uma aposta na reestruturação tão necessária da rede de bibliotecas municipais, na sua modernização e adaptação às comunidades envolventes, às características dos bairros onde se inserem, como elementos de integração social e cultural, complementos ao sistema educativo (escolas dos bairros em causa) e como espaços de convivência e fruição cultural e artística. A implementação deste programa, tendo em conta a sua concepção e objectivos propostos, poderá vir a tornar-se, e deseja-se que assim o seja, numa boa prática da autarquia integrada na promoção da interculturalidade.

Esta é uma linha de condução que deverá ser assumida e encontrar eco no terreno, reconhecendo na biblioteca, enquanto equipamento cultural de intervenção por excelência¹⁰¹ com o desígnio de gerir suas expectativas com as das comunidades envolventes.

A implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila persegue os seguintes **objetivos**:

⁹⁹ Consultado em: <http://blx.cm-lisboa.pt/gca/?id=135>

¹⁰⁰ Consultado em power point disponibilizado pela coordenação da Biblioteca de Marvila

¹⁰¹ As bibliotecas municipais foram identificadas como uma das áreas de política cultural consideradas relevantes para analisar a incorporação da diversidade nas políticas culturais da cidade de Lisboa. Consultado em: <http://www.ceg.ul.pt/migrare/publ/MigrarePaper06.pdf>

- promover um espaço de vivências de alteridade positivas assente no respeito e valorização da “história prévia” de cada um;
- reforçar o lugar da Biblioteca de Marvila como um equipamento cultural que permite acolher a comunidade.

A implementação da *Biblioteca Humana* como **estratégia** na Biblioteca de Marvila, num contexto de articulação entre recursos e objetivos, seguirá as seguintes orientações metodológicas de intervenção do projeto (Guerra, 2010, p.167):

- **Inovadora:** conforme os pressupostos da inovação social os atores, intervêm em rede de forma participativa e sustentada, gerando novas soluções para velhos constrangimentos (preconceito, estereótipos e discriminação);
- **Inclusiva:** promovendo a inclusão social e emancipação dos indivíduos, através da metodologia da *Biblioteca Humana*, transformando as condições de desenvolvimento do território de Marvila;
- **Educativa:** com um forte componente educacional, a *Biblioteca Humana*, pretende contribuir, em um enquadramento não formal, para o combate ao preconceito, estereótipo e discriminação;
- **Proximidade:** criando condições operacionais (horário, dia da semana, divulgação efetiva, acolhimento), para permitir o envolvimento da população no projeto, em suas múltiplas possibilidades: “Livros”, leitores, voluntários.

Quando Ronni Albergel,¹⁰² inventor da *Biblioteca Humana*, coloca a questão desencadeadora: “Como poderemos nos entender, se não tivermos a oportunidade de conversar uns com os outros?”, a simplificação da fórmula da resolução de conflitos interpessoais parece óbvia e é neste contexto que surge esta estratégia inovadora.

A *Biblioteca Humana*, na qualidade de conceito em análise, poderá ser entendido como “um lugar onde perguntas difíceis são esperadas, apreciadas e respondidas.”¹⁰³

A primeira *Menneske Biblioteket* foi organizada em 2000 no Roskilde Festival. A ideia original foi desenvolvida por uma ONG dinamarquesa chamada “Stop the Violence” (Foreningen Stop Volden) como uma das atividades oferecidas aos participantes do festival. Baseada, em Copenhague, “Stop the Violence” foi uma iniciativa que desejava

¹⁰² “Inventor” da “*Biblioteca Humana*”, in human.library.org. Nota: a designação “inventor” é a original escolhida e dialoga com o conceito de inovação social que permeia o presente artigo científico.

¹⁰³ Consultado em: human.library.org

educar jovens a serem ativos na prevenção da violência juvenil. (...) Nesta primeira experiência, 75 “livros” voluntariaram-se e o público foi muito receptivo ao conceito (2011, p.12).

Reconhecida em 2003 pelo Conselho da Europa pelo seu carácter inovador a *Biblioteca Humana*¹⁰⁴ “endereço o tema do preconceito sem enfatizar um em específico sobre os outros. Ao mesmo tempo, consegue de forma bem-sucedida navegar entre as sensibilidades e idiosincrasias que acompanham o trabalho contra o preconceito.” (2011, p.10).

Numa *Biblioteca Humana*, as pessoas ‘tornam-se’ livros que são ‘emprestados’ para uma conversa de trinta minutos. Esses “livros”¹⁰⁵ humanos, geralmente têm uma “história prévia” pontuada por episódios de estereótipo, preconceito e discriminação e cuja partilha com um leitor, capacita-o não só para este se libertar deste ciclo vicioso, mas também e talvez mais importante, empoderar-se, transformando a sua fragilidade em fortaleza.

Com o objetivo original de combater o preconceito, o estereótipo e a discriminação, a *Biblioteca Humana* é um movimento mundial para a transformação social cujo objetivo principal é “promover o respeito pelos direitos humanos e dignidade humana enfrentando o preconceito através da promoção de diálogo construtivo sobre estereótipos que frequentemente levam a discriminação contra indivíduos ou grupos.”¹⁰⁶

Com cerca de dezoito anos de implementação em cerca de 80 países, a *Biblioteca Humana*¹⁰⁷, poderá ser entendida como um projeto que dialoga com os conceitos de Educação Social e Intervenção Comunitária. Consubstancia-se como um efetivo instrumento de transformação social e melhoria na qualidade de vida das pessoas envolvidas, assente num cooperativo processo de aprendizagem para “livros” e leitores.

Ressalvo a sutileza envolvida neste projeto – que aparentemente nos parece natural pela sua matéria-prima constitutiva: pessoas e suas histórias reais – mas é necessário pontuar que fortaleza e debilidade se cruzam: um equilíbrio, por certo,

¹⁰⁴ O Conselho da Europa renomeou a proposta como “Living Library”, mas para efeitos do presente tese as duas designações serão discutidas. Consultar: Anexo Ab (pág. 172-181).



¹⁰⁵ Alguns títulos de “livros”: Ativista em Direitos Animais; Exilado; Negro; Mulher loira; Cego; Nascido de novo; Católico; Deficiente físico; Ex- Viciado em Drogas; Ex- Neo Nazi; Ex- Prisioneiro; Feminista; Homossexual; Sem Abrigo; Judeu; Lésbica; Muçulmano; Padre; Polícia; Rabino; Desempregado

¹⁰⁶ Consultado em: <https://www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/EYCB%20Living%20Library.pdf>



¹⁰⁷ Consultar: Anexo Z, (pág. 162)

complexo de manter. Vejamos por exemplo, esta recomendação do Guia do Conselho da Europa: “Certifique-se que todos os membros da sua equipa partilhem dos valores da *Biblioteca Humana* e que não abandonem, no último momento, e não queiram trabalhar com um grupo particular (e.g homossexuais ou imigrantes)” (2011, p.34).

Para efeitos de compreensão, a matriz SWOT foi aplicada, num primeiro quadro, relativamente ao projeto da *Biblioteca Humana*, e no subsequente, na relação possível com sua implementação na Biblioteca de Marvila.

POSITIVA 	NEGATIVA 
FORTALEZA	DEBILIDADE
<ul style="list-style-type: none"> - SIMPLICIDADE: <i>scrcs</i> humanos, EM DÍÁLOGO, são a matéria-prima do projeto; - MÉTODO próprio aplicado e testado em mais de 70 países; - FLEXIBILIDADE de local: (bibliotecas públicas; festivais; colégios/universidade, centros comerciais); duração: (2 horas a uma semana); n.º de livros (0 a 100); - ORÇAMENTO: custo reduzido; - INOVAÇÃO: reconhecida como estratégia inovadora em 2003 pelo Conselho da Europa; 	<ul style="list-style-type: none"> - SIMPLICIDADE: a matéria-prima do projeto (<i>scrcs</i> humanos em diálogo) por sua fragilidade e exposição à comportamentos excludentes; - APLICAÇÃO do método de forma indevida;
OPORTUNIDADE	AMEAÇA
<ul style="list-style-type: none"> - COMBATE ao preconceito; estereótipo e discriminação através do contato social (conversa); - AMBIENTE de educação não formal e intercultural aprendizagem; - EMPODERAMENTO, através da partilha da sua história, de vítimas^{as} de preconceito, estereótipo, discriminação. 	<ul style="list-style-type: none"> - RECRUTAMENTO dos “livros”; - NAO COMPRENSAO do método: enfraquecimento do projeto gerando falsas impressões; - IDENTIFICAÇÃO do estereótipo como crenças, valores da maioria da população; - NAO ACEITAÇÃO por parte de potenciais “livros” de que nem todos são elegíveis para o ofício.

Quadro 1 - Matriz Swot Biblioteca Humana (Construção própria)

POSITIVA 	NEGATIVA 
FORTALEZA	DEBILIDADE
<ul style="list-style-type: none"> - CONSONÂNCIA de objetivos entre a A Biblioteca de Marvila (As pessoas fazem as bibliotecas) e a Biblioteca Humana (Histórias Reais, Pessoas Reais); - ARTICULAÇÃO com projetos implementados na Biblioteca de Marvila, "Vidas e Memórias de um Bairro"¹⁰⁸; "Topias Urbanas"; 	<ul style="list-style-type: none"> - SIMPLICIDADE: a matéria-prima do projeto (seres humanos) por sua fragilidade e exposição à comportamentos excludentes; - APLICAÇÃO do método de forma indevida; -
OPORTUNIDADE	AMEAÇA
<ul style="list-style-type: none"> - APROXIMAÇÃO à comunidade de Marvila; - COMBATE ao preconceito, estereótipo e discriminação; - AMBIENTE de educação não formal e intercultural aprendizagem; - EMPODERAMENTO, através da partilha da sua história, de vítimas¹⁰⁸ de preconceito, estereótipo, discriminação 	<ul style="list-style-type: none"> - RECRUTAMENTO dos "livros"; - NÃO COMPREENSÃO do método: enfraquecimento do projeto gerando falsas impressões; - IDENTIFICAÇÃO do estereótipo como crenças, valores da maioria da população; - NÃO ACEITAÇÃO por parte de potenciais "livros" de que nem todos são elegíveis para o efeito.

Quadro 2 - Matriz Swot Biblioteca Humana na Biblioteca de Marvila (Construção própria)

Plano de Ação

Em detalhe, o **plano de ação** estrutura-se em três fases: 1) preparatória; 2) implementação; 3) avaliação, que se descrevem de seguida:

1) Fase Preparatória

A decisão de implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila necessitou de aprovação pela *Human Library Organization*,¹⁰⁸ após submissão de uma

¹⁰⁸ A Human Library é uma marca registrada do HLO e nós autorizamos o uso do nosso nome, logo e conceito somente nas condições previstas como regras da Biblioteca Humana, sendo usados só para efeitos não-comerciais e com permissão escrita da Human Library Organization.

candidatura preenchida de acordo com os requisitos exigidos. Após aprovação, procedeu-se à apresentação da proposta aos parceiros locais e institucionais (REDE BLX, Junta de Freguesia de Marvila, PRODAC, Grupo Comunitário 4 Crescente, Santa Casa da Misericórdia, entre outros). A ideia de envolvimento dos parceiros decorre da própria natureza da intervenção comunitária, assim como da necessidade de reunir contributos de natureza diversa para a implementação de todo o processo. Este percurso, construído de avanços e recuos, apresenta-se de seguida em jeito de contextualização desta fase preparatória.

Percursos

É da natureza de uma ideia haver uma intenção inicial – um movimento que une a percepção de uma oportunidade à sua concretização. O detalhar do itinerário da implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila permite perceber para além dos passos dados, o movimento de recuos e avanços, e os obstáculos colocados: um projeto de intervenção beneficia da lucidez deste enquadramento potenciando reflexões e ajustes que constroem o caminho. Célebre e pertinente neste contexto, a frase do poeta Antonio Machado (1912): “Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.”¹⁰⁹

O caminho em referência iniciou-se no dia 3 de julho de 2015, com um email enviado à responsável pela Rede de Biblioteca de Lisboa (BLX) demonstrando o meu conhecimento, no âmbito do *Lisbon Summer School for the study of culture* em que participei, sobre a implementação da biblioteca de Marvila.

Impulsionada pela conclusão na época da pós-graduação em "Gestão Cultural" do Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo cujo tema é "A biblioteca como espaço de fruição e criação cultural e o mediador de leitura como agente de cultura", pareceu-me indicado este contacto com o objetivo de “apresentar-lhe o trabalho e os diálogos possíveis com o projeto da Biblioteca de Marvila” (email enviado em 3 de julho de 2015).

O projeto foi apresentado à Rede BLX e o enquadramento para a sua prossecução foi sequente com o ingresso no mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, potenciando, então a ideia inicial de investigar o processo de

¹⁰⁹ Em *Proverbios y cantares XXIX*, poema do livro *Campos de Castilla* publicado em 1912.

implementação do projeto e articulação com a comunidade mediado pelas manifestações afetivas e culturais.

Em comunicação posterior com a Rede BLX ficou atestado o interesse em acompanhar, o trabalho de campo, nos meses que antecederiam a abertura da biblioteca ao público. Era, sem dúvida, uma oportunidade única de observação das relações possíveis (e também imprevisíveis)¹¹⁰ neste território.

Ainda que prematuro, já estava presente o recorte do projeto de intervenção elegendo a cultura como enquadramento: pelo facto da intervenção decorrer no âmbito do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, o impacto sobre as necessidades culturais (formação, alteração, ampliação) e o reconhecimento do ser humano como um ser cultural seriam pontos de alinhamento pela implementação da biblioteca nessa comunidade (email enviado em 9 de dezembro de 2015). Atesto igualmente, e reforço hoje, “a convicção pessoal de que bibliotecas geram transformações” (email enviado em 9 de dezembro de 2015).

Para a concretização do projeto, elaborei um documento onde desenhava uma possível aproximação ao território que intitulei “Cartografia de um projeto”¹¹¹. Com a devida relevância do título, uma cartografia permitiria palmilhar o território, pela primeira vez, ainda que teoricamente. Ainda numa fase preparatória, demais subsídios teóricos foram sendo construídos e revelados como o caso paradigmático do centro cultural Sage-Gateshead,¹¹² implantado em Newcastle e que transformou uma comunidade industrial com uma aposta ainda mais arrojada: um centro de música (email enviado em 18 de dezembro de 2015).

O conceito de bem, também foi suscitado, representando-o em esquema para um melhor entendimento, como se explicita na Figura 3.

¹¹⁰ Ressalto a declaração da Responsável pela Rede de Bibliotecas de Lisboa, “nos primeiros contactos a população insistia na ideia de que aquilo que lhe fazia mesmo falta era uma esquadra da PSP”. Consultado em: <https://www.publico.pt/2016/11/24/local/noticia/para-que-serve-uma-biblioteca-em-marvila-a-freguesia-ganhou-um-espaco-em-prol-da-inclusao-1752304>

¹¹¹ Consultar: Anexo Aa (pág. 163-171).

¹¹² O título da palestra foi: "O potencial de transformação urbana de um centro cultural: o caso Sage - Gateshead. <http://www.sagegateshead.com/>

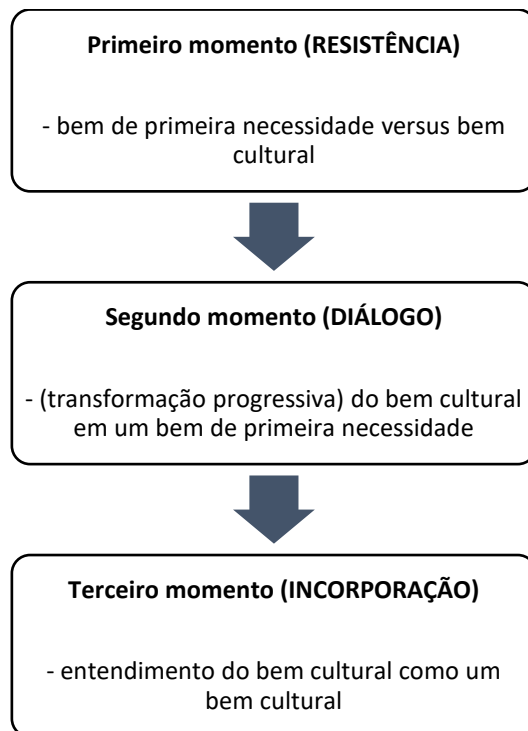


Figura 3. Conceito de Bem Cultural

(Construção da autora)

A ideia da produção de um “bem” poderá ser percebida numa dupla leitura: quer como produto (neste caso cultural), quer como melhoria (e mudança) na espera pessoal e de uma comunidade. Houve, desde o início, o meu interesse em perceber, no terreno, as primeiras aproximações da comunidade ao equipamento e do equipamento à comunidade. Refiro este duplo movimento, por acreditar que a intervenção comunitária implica relação e não (somente) recepção e neste sentido, uma das questões que coloquei foi o ponto de partida. No meu entendimento, o diagnóstico inicial deveria ser gerado pela comunidade circundante do equipamento cultural (Biblioteca de Marvila), tendo sugerido à Rede BLX uma maratona fotográfica em que a comunidade seria convidada a apresentar Marvila a partir do olhar interno: "Como você vê a sua comunidade" - subseqüentemente seria organizada uma exposição com a curadoria de um grupo de moradores com o objetivo de ser exposta na biblioteca quando ela já estivesse operacional.

A pista da comunidade no centro da decisão foi seguida e o meu primeiro contacto com a comunidade em relação com o equipamento cultural foi no dia 23 de abril de 2016, mediante convite da Rede de Bibliotecas de Lisboa. Em antecipação, foi possível a partir da observação direta e de entrevistas aos participantes da caminhada, gizar um diagnóstico prévio. Neste ponto, surge a lembrança de uma referência literária que subsidiou o meu itinerário reflexivo: “Ostra feliz não faz pérola”, título de um livro de Rubem Alves (2008) (em contraponto a uma afirmação ouvida neste dia - a biblioteca implantada naquele território era “como dar pérolas aos porcos”). Pela contundência da expressão e até pela sua banalização, estabeleci uma relação de contraponto entre as duas (“Ostra feliz não faz pérola” e “Dar pérolas aos porcos”):

- 1) o processo de geração de uma pérola pressupõe um corpo estranho que desencadeia uma reação dentro da ostra. Comparativamente, não muito diferente do esforço de fricção entre novos e antigos hábitos em que a biblioteca âncora da Marvila poderá ter um papel a desempenhar na qualidade de mediador;
- 2) a pérola enquanto símbolo do belo e do raro poderá ser um eixo orientador para a programação cultural da biblioteca. Refiro a frase de Paula (uma das entrevistadas) sobre o sentimento em relação às paredes grafitadas do seu prédio: " Me dói muito. Ver tudo estragado".

Deste primeiro encontro com o potencial público da Biblioteca de Marvila, ficou a ideia de que havia o reconhecimento do equipamento cultural como relevante (e novo) no território. A questão do novo é importante ser referida porque implica um olhar do poder público para aquele território. Percecionada a sua importância, o próximo passo seria eleger o enquadramento em que esta investigação aconteceria. Num primeiro momento, como já foi referido, a ideia da formação parecia-me um eixo norteador de eleição: o equipamento foi construído de raiz para aquela comunidade.

A formação de públicos de cultura seria competente para investigar a hipótese do equipamento cultural enquanto mediador de intervenção comunitária?

Em parte, sim, mas havia uma variável que seria cumprida com restrições: o tempo. Naturalmente, um processo de formação de públicos de cultura exige um espaço de tempo superior ao destinado à elaboração de uma tese de mestrado: a avaliação dos resultados seria limitada. Era um risco inerente a esta opção!

Uma outra hipótese e tendo em conta que a Biblioteca de Marvila gizava, ainda, a sua programação, seria a implementação de uma metodologia social inovadora que para além de trazer subsídios para a reflexão, implementaria uma dinâmica de mudança, deixando no território a memória de uma ação. Era já uma ideia do coordenador da Biblioteca de Marvila, a implementação da *Biblioteca Humana* nesta biblioteca. Por sua vez, no âmbito da unidade curricular de Educação Artística em Contextos Extra-Escolares,¹¹³ desenvolvi um projeto intitulado “Arte de Bolso – à medida da mão”, em que havia explorado a metodologia da *Biblioteca Humana* e do *Museu da Empatia* que partilhavam a premissa de “Put (oneself) in (someone's) shoes.”

Em fevereiro de 2017, foi comunicado à Rede BLX a minha intenção, em consonância com a coordenação da Biblioteca de Marvila e com a coordenadora do mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária, de implementar a metodologia da *Biblioteca Humana* (Human Library) na biblioteca de Marvila justificando a sua pertinência pela:

- **inovação**: a Biblioteca de Marvila, será a primeira biblioteca pública portuguesa a acolher o projeto com potencial para replicabilidade em rede;
- **consonância** de intenções com a mensagem institucional das Bibliotecas de Lisboa (*As pessoas fazem a biblioteca*) e na *Biblioteca Humana* os livros são pessoas e a leitura consiste em uma conversa;
- **possibilidade** de intercomunicação com o público do projeto "Vidas e Memórias de Bairro" e demais projetos como o da Cultura Hip Hop.

Após este percurso, assumi claramente, que a opção pela implementação da metodologia da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila, não só englobava a primeira hipótese (formação de públicos para a cultura), como permitiria estabelecer uma ligação mais visível (e imediata) entre o equipamento cultural e a comunidade.

¹¹³ Na qualidade de aluna em mobilidade internacional, a minha grade curricular era composta por unidades curriculares do Mestrado em Educação Artística e Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária. Acredito, que em muito, esta vivência compartilhada entre duas esferas do saber concorreram para a definição do tema e recorte escolhido para o projeto de intervenção.

2. Fase de Implementação

A implementação foi inicialmente pensada para três momentos: Projeto Pré-Piloto, Projeto Piloto e Sessões Regulares¹¹⁴ (figura 4). Contudo no espaço temporal em que foi possível implementar o projeto apenas se concretizaram dois momentos como indica a tabela 4. Do desenho inicial do plano de ação (figura 4), as Sessões Regulares acabaram por não se concretizar durante a minha intervenção, pois todo o percurso inicial, envolvendo a logística necessária para iniciar as primeiras sessões se prolongou no tempo. Justifica-se assim, o desfasamento entre a proposta desenhada na figura 4 e os momentos de implementação da *Biblioteca Humana* expressos na tabela 4.

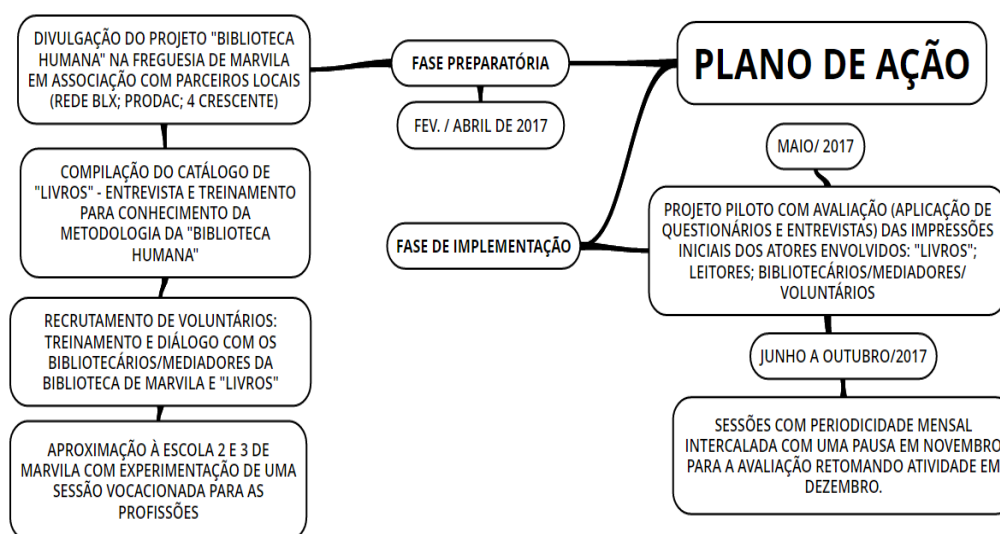


Figura 4. Desenho do Plano de Ação

¹¹⁴ Consultar: Cronograma. Anexo H (pág. 138)

	Projeto Pré- Piloto	Projeto Piloto
Público	Alunos de 9º ano da EB 2+3	Público em geral
Título	<i>Quem vê caras, não vê profissões</i> “Biblioteca Humana”	<i>Não julgue o livro pela capa</i> “Biblioteca Humana no Festival Muro”
Objetivos	1. explorar os estereótipos associados às profissões; 2. sensibilizar as crianças para os comportamentos discriminatórios.	1. experimentar a adequação da metodologia da “Biblioteca Humana”, num evento de um dia com empréstimos de “livros” (previamente compilados num catálogo) por leitores.
Atividades	1. Sensibilização na EB 2+3: - De perto, ninguém é normal - Observação das fotografias em relação às profissões/estereótipos 2. Sessão com os livros humanos na biblioteca de Marvila.	1. Sessão com os livros humanos na biblioteca de Marvila.
Data	abril de 2017	maio de 2017
Avaliação (instrumentos)	Reflexões dos alunos Questionário aos alunos Notas de campo	Reflexão dos livros e dos leitores Notas de campo Questionários ao público e aos livros

Tabela 4 - Momentos de implementação da Biblioteca Humana

No que diz respeito ao processo de implementação, é necessário referir a predisposição consciente para recolher informações sobre implementações congêneres da

metodologia da *Biblioteca Humana* no contexto português. Era preciso aprender com as experiências¹¹⁵.

2.1. Projeto Pré- Piloto

Na observação do território, onde a Biblioteca de Marvila está alocada, percebe-se uma contiguidade com um outro território educativo: a Escola Básica 2+3. Esta contiguidade será chave no processo de implementação, determinando-se assim a necessidade de perceber a sensibilidade e receptividade da escola à ideia de uma *Biblioteca Humana*, em que as pessoas são livros. Considera-se que o ambiente escolar, embora no seu enquadramento formal, seria o indicado para iniciar o projeto.

A EB 2+3, nas pessoas de quatro professores, estabeleceram-se como parceiras¹¹⁶ durante todo o processo selecionando as turmas para vivenciar a proposta e reconhecendo uma complementaridade de intenções, dado que, em evento anterior promovido pela escola, os pais foram convidados a conversar com os alunos sobre suas profissões.

Em termos estruturais, a atividade obedeceu às seguintes fases: sessão de sensibilização¹¹⁷ para o conceito da *Biblioteca Humana* na Escola e sessão exploratória na Biblioteca de Marvila. A sessão de sensibilização ocorreu com um grupo a frequentar o 9.º ano, acompanhada por dois professores, tendo sido disponibilizados 45 minutos de uma aula, para a apresentação do projeto da sessão exploratória da *Biblioteca Humana*, na Biblioteca de Marvila, no dia 20 de abril de 2017. A ação foi implementada num universo de trinta alunos, dezasseis raparigas e catorze rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos. A representatividade de nacionalidades, embora de maioria portuguesa, indicou alunos de outras nacionalidades como: brasileira, santomense e colombiana.

Para a apresentação, foi feita a proposta de substituição do espelho pelo telemóvel com o qual os alunos a partir da frase “De perto, ninguém é normal”, tiraram fotografias dos seus rostos. O resultado foi um recorte de uma das partes constituintes da face humana, sendo que o detalhe e a desfocagem própria do processo,

¹¹⁵ A descrição detalhada dos projetos investigados poderá ser consultada no Anexo Ab (pág. 172-181).

¹¹⁶ A reunião preparatória teve lugar na EB 2+3, em 23 de março de 2017.

¹¹⁷ Ver em: https://prezi.com/rvmm_cr1sxe6/de-perto-ninguem-e-normal/

desencadearam uma reflexão sobre os conceitos de normalidade e preconceito a apresentar à *Biblioteca Humana*.

Na dinâmica complementar, os alunos foram convidados a refletir, em grupo, sobre o conceito de normal e o seu oposto¹¹⁸. Para efeitos de análise, transcrevo as respostas (na íntegra e conservando sua grafia) e ressalvo que poderiam ser anónimas ou não.

O QUE É NORMAL?	O QUE NÃO É NORMAL?
<p>“É querer divertir-mo-nos”</p> <p>“Aproveitar a vida”</p> <p>“Uma pessoa sem problemas físicos ou mentais” (Fábio)</p> <p>“Ter dois olhos” (Frederico)</p> <p>“Saber identificar seus próprios defeitos” (Sara)</p> <p>“Saber lidar com os seus próprios defeitos” (Deolinda)</p> <p>“Divertir-se” (Rafaela)</p> <p>“É ser igual aos outros”</p> <p>“Para mim ser normal é: ter 2 olhos, 1 boca, 1 nariz, 2 sobrancelhas, duas orelhas, ter pestanas”</p> <p>“Ser diferente é ser normal”</p> <p>“Ser normal é aborrecido” (OBS: Esta frase foi dita e não escrita)</p> <p>“É ser por inteiro”</p>	<p>“Não querer sair de casa”</p> <p>“Não querer estar com amigos”</p> <p>“Ter depressão”</p> <p>“Não ter um olho” (Frederico)</p> <p>“Ser antissocial”</p> <p>“É ser diferente dos outros”</p> <p>“Já não sei o que é normal”</p> <p>“Não ter nariz, não ter sobrancelhas, não ter boca”</p> <p>“É estar de acordo com os padrões da sociedade”</p> <p>“O conceito de normalidade é relativo, afinal o que pode ser aceitável num lugar pode ser anormal noutra” (OBS: Esta frase foi contestada, pelos outros alunos, pelo fato de ser retirada da internet)</p> <p>Nota: a palavra racismo apareceu incompleta em um dos exercícios sobre identificação do que é normal e seu oposto.</p>

Tabela 5 - Reflexões dos alunos sobre o conceito de normal e o seu oposto

¹¹⁸ As frases originais poderão ser consultadas no Anexo I (pág. 139 – 140).

A análise de conteúdo das concepções dos alunos sobre o conceito de normal e o seu oposto permite identificar, nas respostas recolhidas, duas categorias associadas à normalidade: física e comportamental.

Na categoria física, é clara a identificação do “por inteiro” como indicativo de normalidade, referido por um dos alunos após o exercício da fotografia com o telemóvel (neste caso, somente o olho esquerdo ficou registado). Concluo, pelas respostas dos alunos, que ser normal, é não ser sujeito de doença/debilidade física associada à ausência de algum elemento físico constitutivo do ser humano. Os alunos concretizaram com os elementos da face, sendo possível identificar como uma consequência imediata da estimulação do exercício da fotografia.

Em contrapartida, da análise comportamental, surgiu a indicação de que a timidez não seria normal, ilustrada por expressões como “Não querer sair de casa”; “Não querer estar com amigos”; “Ser antissocial”. Observo igualmente, e com regozijo, que o relativismo da normalidade (“Ser diferente é ser normal”; “Já não sei o que é normal”), oferece condições para a aproximação e diálogo com o que é diferente.

Na atividade de observação das fotografias em relação às profissões, saliento o facto da escritora J.K Rowling ser associada, nas duas turmas, a uma cantora de fado. O chef de cozinha brasileiro, Henrique Fogaça, foi identificado por alguns alunos, mas este fato não limitou o exercício exploratório a partir dos símbolos (o chef é amplamente tatuado). Já João, o tatuador, foi identificado como músico, cabeleireiro, pasteleiro. No caso dele, o cabelo comprido orientou a escolha. Albert Einstein foi identificado de forma coesa pelos alunos, mas aqui a proposta era outra: desmistificar a “loucura” (a foto escolhida foi a célebre em que ele tem a língua para fora) e compreender que é importante não julgar pela aparência.

Como corolário, foi apresentado o material publicitário do livro “Extraordinário”, de R.J Palacio, pela proximidade com a frase chave da *Biblioteca Humana*: “Não julgue o livro pela capa”, e igualmente pela sua ampliação ao sugerir “não julgar o menino pela face”. Acrescento como justificação para essa escolha, e aproveitando a presença de uma professora, o facto de ser um livro juvenil que versa sobre a questão do preconceito (August Pullman, o Auggie, o personagem principal, nasceu com uma síndrome genética cuja sequela é uma severa deformidade facial, que lhe impôs diversas cirurgias e complicações médicas) e está disponível no catálogo da Rede de Bibliotecas de Lisboa.

Os alunos mostraram-se recetivos, participando ativamente nos exercícios propostos. Após a apresentação do projeto, disponibilizei-me para dúvidas e questões, e algumas surgiram, referentes ao facto de eu ser brasileira – facto que usei como gancho (ou anzol, se preferirem) para reforçar o conceito da *Biblioteca Humana* como instrumento de combate ao preconceito, estereótipo e discriminação.

Na sequência, participei no “Encontro de Leitores”, iniciativa da Biblioteca da EB 2+3, em que os alunos apresentam as suas leituras. Neste âmbito, e por convite da professora responsável, justifiquei a minha presença, explicando sucintamente o conceito da *Biblioteca Humana* e a parceria com a escola na sessão exploratória das profissões. Refiro que um dos alunos, de forma espontânea, associou à iniciativa à palavra racismo.

Sessão exploratória – “Quem vê caras, não vê profissões”

A partir do mote “De perto ninguém é normal”¹¹⁹, explorado na sessão de sensibilização, os possíveis conceitos de normalidade foram delimitados para desconstruí-los, no sentido de facilitar a compreensão da pertinência de uma metodologia de inovação social, como a *Biblioteca Humana* com aquele público inaugural e específico.

Definiu-se que o tema para a sessão exploratória seriam as profissões, “Quem vê caras, não vê profissões”¹²⁰, e esclareço que, inicialmente, a seleção das profissões foi norteada pelo critério da estereotipagem, mas após reflexão, o catálogo representou um “acervo” dirigido a profissões que, à partida, não seriam pensadas pelos alunos enquanto alternativa.

Gostaria de vos por uma questão: pensei que seria interessante ter duas professoras: professora de Teatro e professora de Artes Visuais, ambas professoras universitárias. Para além disso, também pensei na possibilidade de termos um ator/atriz, um tatuador, escritor, programador de jogos - justificados pelo interesse dos alunos na sensibilização de hoje (email enviado aos técnicos da biblioteca de Marvila, 27 de março de 2017)

¹¹⁹ Da música “Vaca profana” da autoria de Caetano Veloso.

¹²⁰ Consultar: Anexo J (pág. 141).

Na sessão exploratória, na estruturação da implementação, os alunos assumiram a posição de “leitores”¹²¹, e escolheram, num catálogo, os “livros humanos” que gostariam de ler: dj; sociólogo; antropólogo; atriz; programador de jogos; jornalista; professora universitária; tatuador; escritora; documentarista¹²². Os alunos optaram, de forma voluntária, por se organizar numa leitura coletiva, em grupos que variavam entre três a cinco elementos, embora inicialmente tivesse sido avançada a possibilidade da leitura de “um para um”.

Para efeitos de compreensão dos resultados, construo uma tríade: experimentar; aprender; desmistificar e seleciono trechos de depoimentos recolhidos nos questionários aplicados à posteriori aos alunos¹²³ (Tabela 6)

Tabela 6 – Depoimentos dos alunos

Experimentar	<p>“Gostei de falar”</p> <p>“Experiência muito boa. Foi bom conhecer aquelas pessoas e suas histórias de vida”</p>
Aprender	<p>“Aprendi muito sobre o teatro e o que se faz”</p> <p>“Aprendi que posso ter uma vida melhor”</p>
Desmistificar	<p>“Sim, com o bibliotecário. Pensei que a profissão seria uma “seca” e afinal é totalmente diferente.”</p> <p>“Aprendi a ajudar mais pessoas e não julgar as pessoas pela aparência.”</p>

(Fonte: Questionários aplicados aos alunos após a sessão exploratória)

A frase “Aprendi a ajudar mais pessoas e não julgar as pessoas pela aparência”, particularizo-a, na medida em que é representativa do objetivo da *Biblioteca Humana* (“Don’t judge a book by its cover”), o combate ao preconceito, estereótipo e discriminação. Neste sentido, parece-me importante sublinhar que as profissões que os alunos identificaram como potenciais livros, para além de diversificadas, revelam que a proximidade ainda é uma variável que precisa de ser explorada (polícia, bombeiro e cantor foram os mais citados).

¹²¹ Como certificação da participação, assim como de agradecimento, foi ofertado à leitores e livros certificados que poderão ser consultados nos Anexos K e L (pág. 142 e 143).

¹²² *Biblioteca Humana* em ação. Consultar: Anexo O (pág. 146).

¹²³ Ver questionário em Anexo U (pág. 154)

Recorrendo à imagética da biblioteca tradicional, gostaria de refletir sobre esta “nota de rodapé”. Na eventualidade, de ser ficção, o facto do aluno colombiano sugerir a profissão narcotraficante para uma próxima sessão tem um valor intrínseco que nos orienta para o estereótipo, na sua definição de opinião generalizada sobre um determinado grupo.

A sessão exploratória, como o próprio conceito indica, permitiu a avaliação da iniciativa em diversos campos, ajustando debilidades e fortalecendo potencialidades como é o caso do “livro tatuador/ tatuado” que se transformou na imagem da implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila¹²⁴, participando na qualidade de “livro tatuado” na sessão inaugural (projeto piloto) no âmbito do *Festival MURO*, realizado mais tarde. Um elo do processo como demonstra a figura 5.



Figura 5. Livro tatuado/tatuador - elo do processo

A privacidade, uma das preocupações iniciais, foi garantida e isto ficou claro, com a disposição dos postos de leitura, no piso térreo da biblioteca, em que havia uma proximidade física – o que não invalidou a conversa entre os “livros” e leitores replicada na sessão inaugural.

Foi possível constatar a necessidade de acompanhamento das conversas em curso, assim como a necessidade da presença de voluntários que na sessão inaugural (projeto piloto), para além de acompanhar as conversas, captaram público do *Festival MURO* para as sessões da *Biblioteca Humana*.

Em relação à minha experiência como leitora, a sessão exploratória ofereceu-me o enquadramento ideal para testar a metodologia mediante a leitura de três livros:

- 1) Jornalista:** não foi uma escolha inicial e sim uma necessidade logística o que é salutar e significativo no sentido em que, e referindo uma expressão do “livro”-

¹²⁴ Consultar: Anexo Q (pág. 148).

bibliotecário, “os acidentes” também são fonte de conhecimento. Posso dizer que “acidentalmente”, sentei-me e a conversa fluiu com facilidade e pontos de contato foram rapidamente encontrados;

2) Atriz: uma conversa ainda mais breve do que com o jornalista e acompanhando os alunos (até como uma forma de desbloqueio), mas na postura de observação;

3) Realizador de Cinema: afirmo que foi a conversa que mais se aproximou do formato da metodologia da *Biblioteca Humana*: cerca de vinte minutos; com tranquilidade e tempo para ouvir e trocar histórias.

2.2. Projeto Piloto

A dicotomia reflexiva entre leitor e “livro humano”, mais do que uma divisão, oferece, no meu entendimento, um ponto de partida que também é um processo de retroalimentação, e, não obstante, ao eleger o leitor como o objeto de investigação, reconheço a interação como elemento estruturante desta relação.

Este propósito é claro pelo cruzamento entre afirmações nos questionários de livro e leitor. Cito como exemplo, o livro *pessoa com deficiência física* que ao ser perguntado como a sua experiência de livro numa *Biblioteca Humana* poderia ser melhorada indicou, como estratégia, a aproximação ao público jovem. Por sua vez, uma leitora da sessão exploratória com os alunos da EB 2+3, ao ser perguntada se recomendaria a experiência aos amigos e familiares, respondeu afirmativamente referindo o desejo de conversar com uma pessoa com deficiência física.

Sendo possível perceber, a partir da reflexão anterior, uma continuidade entre as sessões não obstante os públicos-alvo serem de natureza diversa (jovem/geral), clarifica-se que a sessão inaugural (projeto piloto) beneficiou desta experiência prévia, sendo importante referir que ela não poderá ser enquadrada, de forma globalizante, na metodologia da *Biblioteca Humana* (Human Library™). Esta distinção é importante para clarificar alguns pontos constitutivos da metodologia em análise.

O facto da sessão exploratória versar sobre um tema único (profissões), não obstante algumas profissões (tatuador; dj) poderem ser alvo de preconceito e estereótipos, esta unicidade não respeita uma das condições de implementação do projeto.

*Nós não avalizamos, aprovamos ou encorajamos eventos “temáticos”, pois não oferecem aos leitores uma verdadeira escolha de conteúdo e, portanto, desta maneira não é uma Biblioteca, mas uma coleção especial . . . O objetivo da Biblioteca Humana é engendrar a compreensão de que compartilhamos nossas comunidades com pessoas de todos os setores da vida e que algumas dessas pessoas estão sujeitas a preconceitos e discriminação. A Biblioteca Humana desafia os estereótipos e os preconceitos que podem formar opiniões em qualquer um de nós*¹²⁵ (Human Library, FAQ, 2016).

Neste sentido, os “livros” que compuseram o catálogo da sessão inaugural (projeto piloto) respeitaram outra diretiva da implementação: “pelo menos cinco grupos dos nossos sete pilares de preconceitos devem estar incluídos. Para nós, eles são etnia, religião, sexualidade, ocupação, status social, estilo de vida e saúde e deficiências.”¹²⁶

Inicialmente, duas linhas de orientação surgiram para o recrutamento dos livros: pessoas que representassem preconceitos, estereótipos, discriminação referentes à freguesia de Marvila: mãe solteira; cigano; desempregado; grafiter; rapper. Justifico os três primeiros por serem representativos do tecido social local¹²⁷ e os dois últimos por estarem associados à programação de verão¹²⁸ (Cultura Hip Hop) da biblioteca em 2016.

Notar que o *tatuador* foi consequente da sessão de sensibilização dos alunos da EB 2+3, o que poderia ser entendido como um ajuste na trajetória do projeto. A confluência de datas entre o *Festival MURO 2017* e a sessão inaugural (projeto piloto), para além de representar uma variável temporal de análise (seis meses de abertura da biblioteca), garantiria a afluência de um público, que embora de passagem, usufruiria da experiência – replicando-a em outros contextos e lugares – em comunhão com o público circundante da biblioteca. Para além dos fatores referidos, há o contexto similar entre os dois eventos: a primeira *Biblioteca Humana* realizou-se no âmbito do Roskilde Festival, em 2000. Determinados o contexto e as datas, a sessão inaugural foi sendo preparada.

¹²⁵ Consultado em: Human Library FAQ 2016.

¹²⁶ Na candidatura os “livros” previamente selecionados foram: mãe solteira; cigano (feminino e masculino); desempregado; grafiter; rapper; obeso; refugiado; sem abrigo; gay; lésbica; pessoa com deficiência.

¹²⁷ Ver: *Das hortas aos hubs criativos* (pág. 30-33)

¹²⁸ Ver: *Diferentes linguagens de uma programação* (pág. 39-46).

De facto, a associação da Rede de Bibliotecas de Lisboa (BLX) à metodologia, contribuiu para que a implementação fosse assegurada em termos logísticos: alocação dos técnicos da Biblioteca de Marvila; marketing e divulgação nos canais da BLX.

Não obstante a *Biblioteca Humana* poder ser implementada em qualquer lugar, as bibliotecas, quer sejam escolares, comunitárias ou municipais, revestem-se, pela partilha do universo e terminologias associadas como locais de eleição para a implementação desta metodologia. Esta constatação permite um trânsito entre os “livros” convencionais da estante e os “livros” que caminham. Neste sentido, justifica-se a organização de estantes¹²⁹ com livros relativos aos temas abordados na *Biblioteca Humana* que puderam ser consultados no decorrer da experiência.

Livros que caminham

Podemos considerar que a arquitetura do edifício assume o papel de mediador, na medida em que a transparência dos vidros separadores entre a entrada principal e o andar térreo¹³⁰ propicia: o despertar do interesse; a aproximação para conhecer e a migração do público do *Festival MURO* para a iniciativa. A este respeito, é importante ressaltar que o próprio conceito: *Biblioteca Humana* inscrito no *roll-up* disposto na entrada da biblioteca convidava ao questionamento: mas o que é uma *Biblioteca Humana*?

Explicitado, de forma breve, o conceito, os potenciais leitores eram convidados a consultar o catálogo e experimentar a metodologia. Assumido o papel de leitor, e após consulta do catálogo, escolhiam o livro que gostariam de ler, recebiam o cartão de leitor, os direitos dos leitores e o questionário a ser preenchido no final da experiência.¹³¹ De seguida eram encaminhados, por voluntários para os postos de leitura dispostos no andar térreo da biblioteca¹³².

Em oposição à sessão exploratória, os “livros” estiveram resguardados no “book lounge”,¹³³ na sala José Gomes Ferreira, onde poderiam interagir com os outros livros enquanto esperavam para serem “requisitados” pelos leitores. Há uma especial

¹²⁹ Ver cartazes de apoio em Anexo R (pág. 149-151)

¹³⁰ A este respeito ver o “livro” Professora do Ensino Superior (pág. 80-84).

¹³¹ Ver em Anexo N (pág.145) e Anexo W (157-159).

¹³² Ver: Anexo T (pág. 153).

¹³³ O “book lounge” é o local onde os livros são mantidos até o próximo leitor os solicitar. Consultado em: The Human Library™ Book Depot,

atenção da metodologia à segurança quer física, quer emocional dos “livros” humanos: “Cada vez que os livros retornam de um empréstimo, o coordenador certifica-se que eles estão bem e conversa com eles sobre a sessão . . . Livros precisam de pausas e o coordenador em cooperação com os bibliotecários precisa garantir que os livros não sejam excessivamente expostos.”¹³⁴ No caso da implementação¹³⁵ na Biblioteca de Marvila, os procedimentos referidos foram aplicados de forma global e após serem requisitados, os “livros” eram conduzidos, pelos voluntários ao encontro dos *seus* leitores, aos postos de leitura.

A riqueza da experiência é inequívoca, porém, cumpro o meu dever na qualidade de investigadora de cristalizar (no tempo e no espaço), pelo seu impacto e originalidade, a imagem do “livro” que caminha ao encontro do seu leitor. É o “espanto” de que fala Aristóteles quando se refere ao “motor do conhecimento”. Neste encontro (mágico), os livros e os leitores relacionam-se num ‘período de empréstimo’ de mais ou menos 30 minutos num ambiente aberto, acolhedor, seguro e respeitador, com a oportunidade de ouvir, fazer perguntas e partilhar experiências. Sendo que, numa dinâmica de perguntas e respostas (Q&A), os “livros” normalmente abrem a conversa com cinco minutos de introdução ao seu tópico e tentam prover uma visão das suas experiências, dando ao leitor a oportunidade de buscar a informação que gostaria de saber.

Retomando a pergunta inicial se seria utópico pensar que um projeto baseado numa metodologia de inovação social é capaz de desconstruir e atenuar comportamentos discriminatórios, a observação interpretativa da fotografia da figura 6 (leitura coletiva do livro tatuado), fornece-nos algumas pistas e introduz o nível de análise que será orientador do objeto de investigação e discussão de resultados: o leitor.

¹³⁴ Idem.

¹³⁵ Ver Implementando a *Biblioteca Humana* em Anexo S (pág.152)



Figura 6. Leitura coletiva Livro Tatuado

Na fotografia em análise, fica clara a relação de cumplicidade, ainda que momentânea, em que o “livro” se permitiu ser tocado e as “leitoras” se permitiram tocar. Este ponto é importante e está relacionado com a função do livro na sua postura, no seu papel sendo relevante afirmar que o “livro tatuado” referiu que se propôs a tocar as pessoas: *Como livro, o que eu preferi fazer foi falar primeiro um bocado com a pessoa, perceber como a pessoa é, minimamente, e depois sim, selecionar o melhor para lhe dizer e a melhor maneira de tocar nas pessoas.* (entrevista concedida no dia 7 de julho de 2017).

Livros que pensam e sentem

“Cada homem é um livro, uma combinação de letras, sempre as mesmas letras, que, arrumadas de certo modo, mas com regras definidas, fazem objetos semelhantes com conteúdos que até podem ser opostos. Os títulos correspondem aos nossos motos, e os autores aos nossos nomes.”

(Afonso Cruz, 2016, *Mil anos de esquecimento*, p.113)

Pensar no conceito do livro é um exercício empírico pela presença reconhecida, enquanto objeto civilizatório: das placas de argila dos povos assírios e babilônios aos papiros do rio Nilo, do pergaminho que formou acervos para a constituição do *Mouseion* de Alexandria, um caminho foi percorrido.

Mais do que a sua presença concreta, é inegável a sua solidez simbólica como afirma Manguel (1996, p.44)

Em todas as sociedades letradas, aprender a ler tem algo de iniciação, de passagem ritualizada para fora de um estado de dependência e comunicação rudimentar. A criança, aprendendo a ler, é admitida na memória comunal por meio de livros, familiarizando-se assim com um passado comum que ela renova, em maior ou menor grau, a cada leitura.

Bojunga (1984) agrega a dimensão corpórea ao livro quando afirma que “Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.”¹³⁶

Para Hansen (2013, p.9)

O livro não é um objeto natural, mas artificial, material e simbólico. Como objeto artificial é mercadoria, produto acabado de vários processos intelectuais, técnicos e industriais; como objeto simbólico é texto, que pressupõe uma autoria, que o acabou como obra, e leitores que nunca acabam.

Pensar no livro enquanto humano exige o exercício da metáfora em que “considerar um livro como um ser humano ou um ser humano como um livro, descrever o mundo como texto ou um texto como o mundo são formas de nomear a arte do leitor.” (Manguel, 1996, p. 96).

Mas a metáfora exige um esforço superior acrescenta Manguel: “A metáfora da leitura solicita por sua vez outra metáfora, exige ser explicada em imagens que estão fora da biblioteca do leitor e, contudo, dentro do corpo dele.” (1996, p.97).

A referência ao “corpo”, partilhada por Bojunga, capacita a reflexão para introduzir o conceito de “livro” humano.

Numa *Biblioteca Humana*, quer livros, quer leitores são humanos e essa afirmação poderá suscitar uma indagação no que se refere ao livro. Quanto ao leitor, assume-se que a sua condição de humano está clara e incorporada.

¹³⁶ Mensagem proferida no Dia Internacional do Livro Infantil e Juvenil, de 1984.

Contudo, no que diz respeito ao “livro” humano, recorro, para efeitos de definição, à institucional da Human Library™: “Um livro humano¹³⁷ é uma pessoa que se oferece para desafiar o preconceito através de uma conversa respeitosa com os membros do público, que os requisita. Eles terão um título que se relaciona com sua experiência de preconceito e/ou discriminação.”¹³⁸ (2016, p.2).

Posto isto, e consciente da plasticidade do conceito, até pela sua originalidade, esclareço que para efeitos da presente análise são três os livros que se constituem como unidade de análise: o tatuador/ tatuado; a obesa; a professora do ensino superior. Concorreram para esta seleção as seguintes razões: 1) a transversalidade do livro tatuador/tatuado por participar nas duas sessões da *Biblioteca Humana* e por ser a imagem da campanha de divulgação da iniciativa; 2) a universalidade do livro obesa que é um dos “best sellers” a nível mundial¹³⁹; 3) o binómio tradição-modernidade que sugere o livro professora do ensino superior¹⁴⁰.

A experiência dos livros humanos será particularizada, explorando as variáveis específicas e comuns – em convergência e divergência constituindo um “chão comum” para que os leitores inscrevam as suas percepções.

“Eu sei ler as pessoas” – “Livro Tatuador/ tatuado”

Ao ser perguntado se considerava que a Biblioteca de Marvila terá um papel importante na comunidade analisada, o livro “Tatuador/tatuado” (LTt) respondeu afirmativamente, *Eu acho que aquilo que vai acontecer e que eu acho que está a acontecer é que acaba por mexer psicologicamente com as pessoas. O que eu acho que é o mais difícil* (LTt)

Identifica, igualmente, um sistema de recompensa em que *os miúdos e até pelos mais velhos em que o respeito pelo equipamento é a moeda de troca*. Refere o “Torneio Fifa”, em que foi árbitro convidado e constatou a incorporação da premissa de que *se eles se portassem bem poderiam continuar no torneio*. Imprime, igualmente, uma ideia de futuro e de melhoria ao afirmar que *se vocês se portarem bem, se isso correr bem*

¹³⁷ Consultado em: humanlibrary.org.

¹³⁸ Tradução própria.

¹³⁹ O livro Obesa identificou algumas questões sobre a metodologia da *Biblioteca Humana* (e sua implementação) que serão alvo de reflexão.

¹⁴⁰ A este propósito, é importante ressaltar a ideia de que a escolha de um livro que a partida não seria alvo de preconceito, estereótipo, estigma, concorre para a reflexão.

para o ano pode ser ainda melhor (LTt). Ou seja, o equipamento cultural posiciona-se como âncora, para resgatar uma palavra que é constitutiva da natureza desta biblioteca.

O entrevistado reconhece que a comunidade é “afetada” pela presença do equipamento considerando que *realmente até afeta, principalmente no que a biblioteca fez no bairro, das pinturas (LTt).* A referência ao *Festival MURO* e da arte urbana é importante, no sentido em que, a biblioteca é parceira deste evento com a Galeria de Arte Urbana de Lisboa (GAU), mas segundo o entrevistado no imaginário da comunidade *dando outro aspecto ao bairro*”,¹⁴¹ concorrendo para a requalificação do território garantindo que a biblioteca *ganhou o respeito de muita gente no bairro.* (LTt)

De salientar que é possível estabelecer um diálogo com o micro-processo que envolve, não só o projeto *Biblioteca Humana*, mas também a relevância do equipamento cultural que pertence a uma estrutura de maior dimensão que é a Câmara Municipal de Lisboa, e que começa a ser reconhecida na sua perspectiva de proximidade com a comunidade. Esta premissa fica clara com a afirmação do entrevistado de que: *Eles (a comunidade) não associam a biblioteca à Câmara. A biblioteca é do bairro. Ponto!* (LTt)

Este sentimento de pertença que concorreria em qualidade com uma estratégia de divulgação mais concertada e com a programação¹⁴² que para além dos públicos tradicionais das bibliotecas, crianças, jovens, famílias e seniores, contemplasse os adultos, sendo uma preocupação referida pelo entrevistador¹⁴³ da qual partilho.

Quando perguntado sobre a repercussão da experiência no seu quotidiano, o entrevistado respondeu de forma original, mas que de certa forma, justifica, por um lado, o objetivo da metodologia que é a normalização das diferenças com recurso ao diálogo, e por outro confirma que há ligações com o quotidiano que poderão ser observadas: *Eu ir à Biblioteca Humana para mim foi mais um dia normal por que eu já estou habituado a isto.* (LTt)

Sobre os sinais de requalificação do território, referiu os espaços verdes que estão a ser construídos concorrendo para a melhoria da estética do território. Neste ponto, considero importante observar a mudança da nomenclatura dos espaços.¹⁴⁴

¹⁴¹ O entrevistado usa a seguinte expressão para qualificar a intervenção de arte urbana no âmbito do *Festival MURO*: “Acho que deu um aspecto ao bairro brutal. Brutal, mesmo!”.

¹⁴² Ver *Diferentes linguagens de uma programação* (pág. 39-46).

¹⁴³ Cabe esclarecer que o entrevistado declarou que a responsabilidade não é da Biblioteca de Marvila e sua equipe (*eu sei que a culpa não é deles*).

¹⁴⁴ A designação oficial mudou da estigmatizada Zona J para o novo Bairro do Condado.

Consultado em:

http://rr.sapo.pt/noticia/48289/andar_as_voltas_na_zona_j_o_circulo_perpetuo_da_exclusao

Segundo o entrevistado *Chelas será sempre Chelas e as pessoas já sabem o que é que foi, já sabem o que é*. Sobre a estigmatização do território consolidada pelo filme “Zona J”¹⁴⁵, resume de forma contundente: *Eu acho que é o melhor sítio do mundo para viver* e explica o porquê ao justificar que *Em Chelas tu tens tudo*. Confrontado com as possíveis razões da estigmatização¹⁴⁶ do território, desvaloriza a importância do filme “Zona J” e garante-nos uma perspectiva diferenciada sobre a questão: *Lisboa é um bairro gigante. Tu tens Chelas, tens Sacavém, a Quinta do Mocho, tens Olivais, tens Amadora que é bairro, tens Damaia que é bairro, Musgueira que é bairro* (LTt).

O facto do bairro social estar associado a vulnerabilidade, enquanto condição, é entendido pelo “livro”, como algo que não é estanque, nem definitivo: há leituras múltiplas. A vulnerabilidade poderá estar dependente de um poder de decisão pessoal e duma imposição do território: *Há pessoas que são vulneráveis porque querem e há pessoas que são vulneráveis porque não têm opção*. (LTt)

O “livro” em questão, poderá ser considerado um “clássico”, como refere Calvino (1991, p.14) “um livro que vem antes de outros clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia.” Justifico esta afirmação pelo facto do “livro” em referência para além de ter sido a imagem da implementação do projeto na Biblioteca de Marvila, esteve disponível no catálogo de ambas as sessões: com os alunos e com o público em geral. Há um reconhecimento de uma visão geral, *the whole picture* do projeto que parece-me importante posicionar enquanto linha de condução. Quando afirma que *a maioria das pessoas não consegue ler o que é que está por trás de uma tatuagem*”, é possível identificar a força da ausência de uma narrativa clara sobre o assunto.

Refiro que intencionalmente usei a palavra clara em detrimento de única, por que o que se pretende, assim como na relação personalizada e individual de um leitor com seu livro, é que haja uma pluralidade de leituras. Mas é preciso clarificar para que o estereótipo não se aloje.

¹⁴⁵ Zona J é um filme português, uma longa-metragem de ficção realizada por Leonel Vieira em 1998. O título do filme é uma referência à Zona J, uma zona do bairro de Chelas, em Lisboa.

¹⁴⁶ “Tu não és africano de lado nenhum. És um black que nasceu na pior zona do pior país da CEE. És um preto, um neto de escravo. Ninguém nos liga nenhuma, por que nós não somos nada.” Consultado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gru7zcWUpMA>

“Por que gorda é uma característica minha, mas eu tenho outras” – “Livro Obesa”

Por que gorda é uma característica minha, mas eu tenho outras, esta afirmação de arranque da conversa do “livro Obesa” (LOb) é significativa e ajuda a entender a metodologia da *Biblioteca Humana* (Human Library™) em ação. O que é pretendido é que o preconceito, estereótipo ou comportamento discriminatório a que o “livro humano” é sujeito seja percebido pelo leitor, numa primeira dimensão, e pela comunidade, numa segunda dimensão de forma relativa em relação, ao todo, representado por qualquer ser humano.

Ao afirmar ter outras características o “livro”, abre um leque de possibilidades de diferentes pontos em comum, que para além do que é mais visível, poderão ser convocados. A categoria da visibilidade e da invisibilidade foi tema de reflexão do “livro obesa” ao afirmar que *quase todos os preconceitos que estavam ali eram visíveis*.¹⁴⁷ Uma hipótese, possível em relação com essa observação, é que o facto da obesidade se encontrar na categoria da visibilidade, potenciaria por um lado, o uso do humor enquanto estratégia, que será retomado mais à frente, e a opção clara por parte do “livro” para se expor perante os leitores.

Isto é importante, por que o livro em análise foi o único a estar em catálogo nos dois dias da sessão inaugural (piloto), estando apto a discursar sobre um panorama mais alargado quer no universo dos leitores, quer no universo dos livros. Para além do disposto, o livro “Obesa” é um dos *best sellers* da Human Library™ e, esta universalidade que é constitutiva do projeto, a presença em 80 países nos cinco continentes, deverá ser incorporada como enquadramento de partida e em relação com a implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila.

O material primeiro, para além do próprio ser humano, são as histórias que se contam e naturalmente este é um ponto que foi referido quando os leitores foram convidados a responder sobre qual a primeira ideia do que é uma *Biblioteca Humana*. Este ponto será desenvolvido no capítulo destinado aos leitores, contudo parece-me profícuo estabelecer um diálogo com a afirmação do LOb: *Gosto mesmo muito de*

¹⁴⁷ *Era a mais gorda e de repente eu reparei que havia um rapaz também muito gordo e eu pensei: bem, devemos ser dois livros. Na minha cabeça nem pensei que ele poderia estar por outras coisas também. Se calhar também foi alvo de discriminação relativamente à outras coisas.* (LOb)

conversar e estar a conversar numa biblioteca, um sítio que toda a vida me disseram que era para estar calada.

Por conversa, a entrevistada entende a da memória do passado enquanto frequentadora de bibliotecas, mas permite uma ancoragem no presente ao referir-se ao “compasso de espera” quando os livros estavam reunidos no “acervo” à espera de serem requisitados para serem lidos.

A conversa, segundo a entrevistada, que se estabeleceu entre “os livros” neste compasso de espera foi muito fluída e suscitou o desejo por conhecer os outros “livros”. Referiu a associação das palavras curiosidade e ansiedade para o momento em que seria chamada e encaminhada para o leitor: *O que é que eu tenho para contar? O que é que eu tenho para contar sobre a gordura? Vão perguntar o quê? Eu não vou responder a nada de certeza.* (LOb)

Mas não foi o que aconteceu e a sua experiência forneceu-me subsídios para questionar a metodologia em dois aspectos: tempo e regularidade: *As mudanças só em meia hora? (...) Talvez se a pessoa tiver oportunidade de ler mais vezes o livro.*

Concorre para esta afirmação, retomando a categorização visibilidade/invisibilidade, uma outra em que haveria temáticas que exigem uma maior complexidade pela natureza do preconceito e estereótipo. Poderemos caracterizar o preconceito associado a obesidade, como visível e que exige uma complexidade que está associada à terminologia.¹⁴⁸

Uma das questões postas à entrevistada teve como objetivo perceber como os leitores se aproximavam do “livro” a partir da palavra que usavam: gorda; obesa; *plus size*. Em resposta, ficou claro que houve uma dificuldade em encontrar a palavra “certa”, sugerindo uma preocupação dos leitores em não constranger o “livro”, sendo que a entrevistada refere que a palavra gordura, em seu sentido mais globalizante foi mais usada, e que ela para simplificar o início da conversa perguntava o critério da escolha.

Relembro-me quando o meu peso incomoda os outros. Confronto-me com situações que o meu peso manda. Nunca gostei que mandassem em mim e vivo agora no pensamento “quando a cabeça não tem juízo, o corpo é que paga”. Acho que estou a olhar para essa parte de mim a sério, pela primeira vez, nunca me identifiquei com a palavra obesidade.

¹⁴⁸ Esta questão da terminologia suscitou-me uma reflexão: como me dirigir a este livro em específico? Algumas opções surgiram: gorda; obesa e plus size, tendo decidido por obesa pelo fato de ser mais próximo do termo usado pela Human Library.

Está na hora de ter juízo! Pela saúde. Não pela imagem, porque eu sou assim. (sinopse do LOb)

A consciência da sua imagem corporal potenciou a simplificação dos primeiros tempos de conversa. O facto de reconhecer-se enquanto total (*por que eu sou assim*), impeliu os leitores que, após lerem a sinopse do catálogo, se decidiram pela leitura daquele livro em específico. As motivações foram de ordem diversa, mas poderemos pontuar que quer por oposição, quer por identificação os leitores sentiram-se motivados:

essa senhora (a primeira leitora) era extremamente magra e o motivo que ela me escolheu foi por que se sentia de alguma forma discriminada por ser magra . . . chegámos à conclusão que tínhamos muita coisa em comum: as duas a mesma idade, as duas professoras. Ela magra e eu gorda. (LOb)

Outra leitora ofereceu-lhe uma diferente perspectiva: *como é que lidava com essa coisa de me chamarem gorda. Como é comigo? Como é em termos de trabalho?* (LOb). Aspectos práticos do quotidiano, que muito longe de serem receitas prontas a serem aplicadas, são ferramentas de reflexão pessoal em contato com o outro que para além das diferenças observa pontos em comum.

Se a primeira leitora foi motivada pela oposição, a segunda exigiu do livro uma reflexão sobre o seu mundo interno em diálogo com as exigências da sociedade. Isto fica claro com a tônica dada às relações despoletando um desdobramento da metodologia da *Biblioteca Humana* que explano pela sua importância ao ter como enquadramento de análise o microprocesso e apropriação pessoal decorrente da experiência. A experiência teria como objetivo confirmar se, ao ver a fotografia da entrevistada, as pessoas inquiridas que variariam entre dimensões: amigos; conhecidos e desconhecidos, e não obstante o “rótulo”, a “gordura”, estas pessoas teriam um relacionamento com a entrevistada: *esquece que me conheces enquanto personalidade, estás só a ver o invólucro, a gordura, eras capaz de ter um relacionamento comigo?* (LOb)

Perguntada sobre se realmente gostaria de saber a resposta, a entrevistada respondeu afirmativamente e concluiu que esse movimento poderá estar associado ao facto de ter sido livro numa *Biblioteca Humana*: *Eu li o meu próprio livro. Comecei a*

conversar comigo própria e, se calhar, vieram outras coisas que já não vinham há muito tempo. (LOb)

A repercussão de ser “livro” numa *Biblioteca Humana* suscitou atitudes de pessoas próximas. A entrevistada refere que uma amiga deu-lhe um livro intitulado “A Gorda”¹⁴⁹ e questiona: *Por que é que este livro é me dado agora?*, colocando como uma possibilidade o facto de saber que “tinha sido livro”.

A entrevistada concorda com o potencial de combate ao preconceito, estereótipo e discriminação ofertado pela metodologia da *Biblioteca Humana*, mas reafirma o que escreveu no questionário¹⁵⁰: *esta mudança leva tempo, mas também acho que temos que começar.* Estabelece um paralelismo com a biblioteca convencional, ao entender a experiência “um veículo” em que as pessoas com quem se conversa são “as fontes”, em que “outros livros” sobre a mesma temática poderão ser “consultados” ofertando uma nova “versão” sobre o assunto”.

“A casa-biblioteca” – “Livro Professora do Ensino Superior”

A afirmação sequente do “livro Professora do Ensino Superior” (LPes) incorpora a dimensão do quotidiano na expressividade aliada à palavra vivência da metodologia e de sua subsequente implementação:

não foi por acaso que fomos escolhidos para ser aqueles primeiros livros, naquele primeiro dia, porque são profissões que implicam uma vivência plena. Provavelmente todos nós trazemos para o quotidiano o profissional que somos e levamos para a profissão o quotidiano que vivemos (LPes).

A dimensão do quotidiano representa, para esta investigação, uma variável de análise primordial: interessa-me entender de que maneira as consequências da experiência na *Biblioteca Humana* são sentidas e perpetuadas no tempo.

A dimensão do quotidiano também poderá ser verificada na relevância da arquitetura do equipamento cultural e na disposição dos “livros” no momento da leitura pelos alunos: *a casa-biblioteca, a casa dos livros; aquela arquitetura, a forma como nós*

¹⁴⁹ “A Gorda”, de Isabela Figueiredo, editorial Caminho, 2017.

¹⁵⁰ Consultar: Anexo V (págs. 155-156).

estávamos dispostos e a diversidade entre livros (humanos) que havia: o rapaz tatuado/ o tatuador; o jornalista, etc. (LPes).

A “casa-biblioteca”, expressão que considero de extrema valia, não só na dimensão do quotidiano, mas na vinculação afetiva dos atores envolvidos, encontra eco no texto da escritora Lygia Bojunga¹⁵¹ (1984) ao afirmar que: *“Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.”*

De salientar, o assumir-se enquanto “livro” que se verificou nos livros entrevistados, salvaguardando as respetivas conjunturas e que no caso do LPes adicionou a dimensão do teatro como elemento não só “despertador” de curiosidades e “estranhamento”, condição necessária para que a fruição aconteça

O livro que eu fui ser era professora do Ensino Superior, mas que não era uma qualquer professora do Ensino Superior, era uma professora de teatro, e que já de si, num contexto qualquer, cria sempre muita curiosidade nas pessoas, então naquele contexto, com aquelas crianças, criava ainda mais, porque elas sabiam que existia uma coisa chamada teatro, algumas até já tinham feito teatro, já tinham visto teatro, mas uma professora do Ensino Superior que ensinasse teatro foi algo que estranharam. (LPes)

Reconhece-se, a partir da experiência da entrevistada, que o facto da experiência ser coletiva foi um mobilizador para que as perguntas que rarearam no início da conversa fossem despoletadas. Para isso contribuiu a decisão do “livro” em *fazer uma introdução, perguntar-lhes também o que elas estavam a fazer, o que queriam na vida, o que estavam a fazer para atingir isso* criando-se uma *breve cumplicidade*.

Com as bases da conversa estabelecida, comprova-se que a metodologia oferece o enquadramento de uma interatividade, mais no sentido de que nos fala Molder¹⁵² (2013) em que há uma disposição para “ouvir o que ainda não ouviu”. E depois, se puder, se for capaz, dizer: “Tenho uma dúvida”. Às vezes estamos a receber um choque que vai mudar a nossa vida e não temos dúvidas.”

Neste caso, a entrevistada reconhece que *foi também um momento para me confrontar e para me situar naquilo que eu sou e naquilo que eu faço no dia-a-dia, como é que isso se transporta para informação que pode ser um livro aberto. (LPes)*

¹⁵¹ Consultado em: <http://www.casalygiabojunga.com.br/pt/livroatroca.html>

¹⁵² Consultado em: <http://anabelamotaribeiro.pt/maria-filomena-molder-110868>

Na dimensão do “eu livro” que é referenciada pela entrevistada o verbo transmitir foi alçado a elo de ligação: *para partilhar, para reaprender, reequacionar*. Esta reflexão aproxima-se da prerrogativa da edição que não é apanágio do livro enquanto objeto, mas também da metodologia investigada

Como eu vou fazendo a minha edição, acrescentando páginas e como eu vou acrescentando capítulos a este quotidiano profissional. Desses meses que passaram, de lá até agora, o que é que eu vou selecionar para este capítulo, que é este ano letivo que, agora, encerra, o que é que valeu a pena? O que é que eu aprendi este ano? E o que eu vou registar no meu “eu livro”. (LPes)

Considera que este momento de “edição”, foi a consequência mais visível da participação na experiência: *como é que eu me vou editando, acrescentando e melhorando. Como é que eu faço essa edição revista e melhorada desse livro que eu sou. O que é que eu seleciono para escrever lá, para imprimir lá. (LPes)*

Ressalvo que o objetivo da sessão exploratória era desmistificar caminhos ampliando possibilidades em que assim como a história, a escolha não precisa ser única ou balizada por condicionantes de várias ordens, e no caso da presente investigação, pela vulnerabilidade social do território em que estamos inseridos. A ideia de caminho é clarificada pela afirmação da entrevistada: *Eu gosto muito dessa ideia de mostrar caminhos e depois cada qual tem que escolher o seu: com as suas características, com os seus gostos. (LPes)*

Isto é especialmente importante, tendo em conta a dinâmica do grupo da sessão exploratória em que a “surpresa” causada pela ausência de perguntas, numa fase inicial, que em última análise poderá ser revelador de uma apatia, de uma conformidade e também de uma ausência de informação como descrito pela entrevistada

Quando se faz aquela pergunta às crianças: “O que queres ser quando fores grande?” Estou a lembrar-me do primeiro grupo de quatro que estive comigo, três delas disseram que não tinham a menor ideia do que queriam ser quando crescessem. Só uma delas é que, inicialmente, achava que tinha uma ideia muito precisa, mas depois com a conversa ficou na dúvida porque viu que era preciso estudar coisas de que ela não gostava. (LPes)

Os desafios não foram só do lado dos alunos, mas igualmente dos “livros” que eram representantes de profissões, a maior parte delas, com uma representatividade

pouca expressiva na sociedade de que nos fala Santos (1999)¹⁵³ na qual “o saber prático tende a ocupar todo o espaço da escola, enquanto o saber filosófico é considerado como residual ou mesmo desnecessário, uma prática que, a médio prazo, ameaça a democracia, a República, a cidadania e a individualidade.”

Sendo possível estabelecer uma relação de conteúdo entre a reflexão de Milton Santos em “Os deficientes cívicos” e a disponibilidade para a abertura que a Biblioteca de Marvila, enquanto equipamento cultural, pretende

É muito aberto – do lado de cima vemos as pessoas que estão cá em baixo – vemos os corredores, mas não é óbvia a passagem de um lado para outro, os livros, estão lá todos, mas não se impõem, temos que ir nós à procura deles. Isso é interessante também, e é tudo muito redondo, por isso leva também a que apeteça quase uma dança naquele andar por ali, e é quase um namoro com o livro. Ah! Afinal está daquele lado. Gostei muito também! (LPes)

A abertura que se propõe o equipamento que na sua génese alia a tradição e a modernidade, ao respeitar a estrutura física anterior da Quinta das Fontes com seus elementos constitutivos como o Lagar do Azeite, preservado como elemento central da Biblioteca de Marvila ao edifício construído de raiz, permite-nos perceber que os vasos intercomunicantes são preservados contribuindo para que metodologias de inovação social que pretendem combater comportamentos discriminatórios sejam efetivas. Esta potencialidade de transformação social é reconhecida pela entrevistada associando o princípio do preconceito ao desconhecimento, sendo que *o outro é alguém que sabe coisas diferentes do que nós sabemos e, portanto, só nos pode complementar.* (LPes)

O outro, acrescenta, *conhece coisas diferentes, sabe coisas diferentes das nossas, portanto nós só podemos enriquecer ao conhecer também, partilhar isso o que sabemos, o que pensamos com os outros que são diferentes de nós.* (LPes).

É na pluralidade como refere a leitora (LPes) que poderemos inscrever, em forma de síntese, as relações de convergência e afastamento entre as vivências dos entrevistados enquanto “livros” humanos. Como ponto de convergência, o microprocesso surge como uma linha que une os três livros: *Eu li o meu próprio livro* (LOb); *Um momento para me confrontar* (LPes); *Eu já estou habituado* (LTt).

¹⁵³ Consultado em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs24019917.htm>

Por afastamento, percebemos a perspectiva de onde se vê o território e o equipamento cultural. Naturalmente, o livro tatuador/tatuado percebe o território “por dentro” e “de dentro” e o seu olhar será diferenciado dos demais livros. Contudo, o equipamento cultural (a biblioteca) é referida transversalmente pelos entrevistados: pelo sentimento de pertença: *a biblioteca é do bairro. Ponto!* (LTt); *a casa-biblioteca* (LPes); *estar a conversar numa biblioteca* (LOb).

Leitores que pensam e sentem

“Ler significa aproximar-se de algo que acaba de ganhar existência”
(Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*, 2000)

Pensar num leitor é estar em contacto com uma prerrogativa humana – e não cingindo-se ao processo de alfabetização, que nos torna competentes para nos relacionarmos com o mundo e com o outro por meio de um código. Somos leitores, muito antes de sermos alfabetizados – uma leitura que implica o “espanto” de descobrirmos o mundo pela primeira vez e de forma continuada.

No caso dos leitores de uma *Biblioteca Humana*, a experiência aproxima-se do “espanto” de uma primeira vez, já com uma história prévia assente no processo de alfabetização, mas que envolve outras competências e disponibilidades. Para compreender, como os leitores se posicionaram nesta experiência, elegemos a entrevista como principal fonte de recolha de dados, seleccionando os seguintes eixos para análise: 1) Expectativas; 2) Experiência; 3) Repercussões.

Por expectativas, entende-se as ideias suscitadas pelo nome da ação (*Biblioteca Humana*), ficando claro pelas entrevistas que o conceito de *Biblioteca Humana* não oferece subsídios para o seu entendimento de forma instintiva. Conclui-se que a mera associação de conceitos, biblioteca+humana, sendo os participantes dotados de recursos para compreender de forma separada os seus significados, quando combinados em interação, suscitaram dúvidas.

Por sua vez, as repercussões são inerentes à experiência de serem leitores numa *Biblioteca Humana* em diálogo com o equipamento cultural que a subsidia (Biblioteca de Marvila) e estão divididas em dois momentos: leitura e um mês após. Os

leitores responderam a questionários de forma anónima na sequência da leitura¹⁵⁴ e na entrevista foi lhes solicitado que recordassem a experiência no dia e, um mês depois, correspondente ao momento da entrevista as repercussões possíveis da experiência. Institui-se, aqui, uma ligação com a memória dos participantes – variável relevante ao considerarmos o objetivo da metodologia: o combate ao preconceito, ao estereótipo e à discriminação. A memória que conduz à ação como caracteriza António Damásio (2017) “A memória ajuda-nos a lidar com o agora, mas também é necessária para prever o futuro ... não tira uma Polaroid mas grava um código.”¹⁵⁵ Com intencionalidade precisa, pretendeu-se investigar de que maneira este “código” de que nos fala Damásio ficou inscrito na memória dos leitores.

A análise de conteúdo permitiu estruturar as respostas em campos associativos que serão organizados de forma posterior à descrição individualizada de cada uma das entrevistas. A escolha dos leitores obedeceu ao critério da representatividade das modalidades de leitura contemplada pela metodologia da *Biblioteca Humana*: leitura coletiva/ sem vínculo anterior (leitora 1 e 7); leitura individual (leitora 2); leitura com recurso ao dicionário (leitora 6); leitura coletiva/ grupo com vínculo anterior (3,4,5), sendo que para efeitos de avaliação de resultados, esta entrevista, em específico, foi realizada em grupo.¹⁵⁶

Leitora 1 (Diretora de escola¹⁵⁷)

A leitora 1 (LD) leu dois livros nos dois formatos disponíveis: individual e coletivo, de um para um com o livro, leitura de um livro que já conhecia noutra circunstância e de um livro “inédito” - recém-lançado no mercado editorial.¹⁵⁸

Quanto ao conceito, pensou que fosse uma palestra, uma leitura em voz alta, uma mesa redonda em que cada um vai falar e pode haver perguntas do público e usa a palavra “nunca” para demonstrar o quanto foi uma surpresa a proposta da

¹⁵⁴ Alguns leitores leram mais do que um livro e o preenchimento do questionário foi na sequência do último livro lido. Consultar modelo de questionário, anexo W (págs. 157-158)

¹⁵⁵ Consultado em: <https://www.noticiasmagazine.pt/2017/antonio-damasio-lisboa-cinco-frases-marcantes-do-cientista/>

¹⁵⁶ Era importante recriar as dinâmicas de leitura coletiva vivida nesta leitura e concorre para isso a afirmação da leitora 5: *Não sei se vocês tiveram essa curiosidade.*

¹⁵⁷ A entrevistada é diretora de uma escola de educação não formal.

¹⁵⁸ É incontornável o trânsito entre o universo da biblioteca convencional e a *Biblioteca humana*. Este aspecto será melhor explorado neste ponto.

metodologia. A intimidade foi um ponto que mereceu destaque pela LD: *Nós estamos pouco habituados, hoje em dia, a haver contactos tão próximos com estranhos, enquanto a discriminação, um “ponto de atração” e prossegue afirmando que é pela diferença que a Biblioteca Humana se enquadrou na Biblioteca de Marvila: Chegar a Marvila já é uma experiência da diferença.*¹⁵⁹

Os elementos comparativos foram sugeridos pela leitora ao referir-se ao Livro Tatuado: *Eu acho que alguém que se tatua, precisa daquela tatuagem, da mesma forma que eu preciso de usar sapatos.* (LD)

A proximidade foi referenciada como algo que não teria sido possível de outra forma (*uma proximidade muito próxima*) e a leitora descreve o momento em que pediu para pegar na mão do LTt para observar, de mais perto, a tatuagem: *E perguntei se poderia pegar na mão dele. Ver de perto e virar*¹⁶⁰. (LD)

Contudo, mesmo a proximidade tendo sido conquistada no enquadramento da *Biblioteca Humana*, a sua permanência poderá ser questionada: *A ponte está feita, agora não há necessidade de a percorrer, hoje em dia!* (LD)

Sobre a metodologia, a leitora foi clara: *Eu acho que é uma experiência que se conta muito dificilmente pelo texto, pela imagem e o cartaz era muito elucidativo, o texto era elucidativo.* (LD)

Quando perguntada sobre a confirmação do combate ao preconceito, estereótipo e comportamentos discriminatórios, a leitora afirmou que *continua a fazer eco um mês depois.*¹⁶¹

A história contada, ou seja, a forma como se conta a sua história pessoal foi para a leitora um dos motivos para continuar em diálogo com a experiência passado um mês: *é alguém que sabe contar quem é, é alguém que faz o seu caminho, alguém que faz o seu caminho valorizando o que está para trás.* (LD) *Ele sabe quem ele é - conclui a leitora.*

Comparando a experiência do livro convencional com o humano, admitindo a relação “semelhante”, a leitora ressalta uma diferença: *com os livros é uma relação total de poder, unilateral, - eu leio quando eu quero, quando eu não quero eu abandono-te, regresso, te traio, te faço . . . Ali é uma relação muito de grande compromisso.* A leitora

¹⁵⁹ Ver descrição em *Cartografia sensível – dicionário artístico-literário*, Anexo Y (pág. 161) .

¹⁶⁰ Para a ilustração deste momento, consultar figura 6 (pág. 72)

¹⁶¹ A entrevista foi concedida um mês após a leitura (28 de junho de 2017).

identifica a interatividade intrínseca à relação leitor-livro humano: *Não é um livro fechado à sua frente.* (LD)

Leitora 2 (Coreógrafa/ professora de dança contemporânea)

A leitora 2 (LC) explicou o critério de escolha dos livros: após a leitura das sinopses, reconheceu que *sempre havia pequenas partes, que a mim me tocavam como ser humano*. A decisão pelo livro-obesa, para além de ser suportada por uma série de coincidências (idade, signo e a história em relação ao corpo), coincide com a impressão da leitora 1(LD) sobre a interatividade: *eu própria poder partilhar a minha experiência*.

A leitora em referência aponta duas dimensões associadas à experiência. Por primeira dimensão *conhecer a pessoa por dentro, para além daquilo que está visível e por segunda o outro lado da história, essa outra história que ela também tem*. (LC) A primeira dimensão referenciada conduz, nas palavras da leitora, ao ponto de atratividade *que nos faz comunicar com esta pessoa*. Assim como a LD, esta leitora de forma espontânea, encontrou pontos de contacto entre as experiências de leitura-livro convencional e leitura-livro/humano:

a história também pode ser construída, com o que está a acontecer com o leitor naquele momento com o livro ... o que não quer dizer que numa livraria tradicional não haja outro tipo de comunicação que provoca também momentos de reflexão e que não haja essa descoberta, mas são coisas distintas: uma coisa não substitui a outra. (LC)

Quando questionada sobre a qualidade estratégica da *Biblioteca Humana*, enquanto metodologia, a leitora respondeu positivamente referindo em concordância com a LD, a intimidade: *é uma estratégia de tocar as pessoas de uma forma direta e pessoal e íntima, também, essa relação de intimidade com o livro*. (LC)

Para além de estratégia, a metodologia foi identificada enquanto ferramenta: *em tempo real e de ser humano para ser humano*. A memória da experiência da leitora foi permeada pela palavra, a afirmação do Livro Obesa, em que a obesidade é *apenas uma das características dela*,¹⁶² pela reflexão sobre o preconceito.

¹⁶² A entrevistada refere que o facto do Livro Obesa não ter realizado o sonho de ser enfermeira, por causa do peso, ficou gravado em sua memória.

Eu sinto que eu não sou nada preconceituosa – foi a afirmação de arranque, mas reconhecendo que certos pensamentos saltam logo, citando como exemplos os casos da associação de árabes com terroristas e as dificuldades de mobilidade de uma pessoa gorda¹⁶³, reorientando, em sequência a sua reflexão ao questionar-se: o que é que faço com isto?; como é que eu me relaciono com isto? E o que eu quero ser? (LC)

Sobre o conceito da *Biblioteca Humana*, a leitora identifica pontos importantes para a discussão: a natureza do objeto livro (*um livro é para se ler e não para falar*); a condição individual do leitor (*ler é individual, embora hoje já haja partilha*), condicionando a compreensão da proposta da *Biblioteca Humana* justificando que a primeira ideia que lhe ocorreu foi que *seriam pessoas que escreveriam histórias sobre elas, mas que o meio seria sempre ler*. (LC)

A leitora sintetiza nesta frase a comunicação entre o universo do livro convencional e o livro na experiência de uma *Biblioteca Humana*: *o que está por trás é esta ligação com tudo o que está associado à leitura*. Sobre a Biblioteca de Marvila, a leitora identificou como ponto de atração o equipamento¹⁶⁴ e a ideia de que *está presente na vida das pessoas ... que deve ter alguma relação com a comunidade ... muito habitada pelas pessoas e cuidada também, o cuidado com os livros que estão lá e que esse espaço é cuidado e acarinhado*. (LC)

Leitor 3 (Reformado)

O leitor 3 (LR) vivenciou uma leitura coletiva com dois outros leitores¹⁶⁵ e qualificou a experiência como uma “entrevista”. Isto é particularmente importante, por que a metodologia entende que se trata de uma conversa e não de uma entrevista. Ao isolarmos do conceito a palavra entrevista,¹⁶⁶ o termo “interrogatório” é competente para caracterizar a relação estabelecida entre o livro e o leitor em referência. Por outro lado, e já identificando padrões de leitura, este leitor em contraponto com a LD afirma que o

¹⁶³ Optei por manter a palavra original da entrevistada em detrimento da modificação para obesa por compreender que a escolha da terminologia constitui-se enquanto análise de conteúdo.

¹⁶⁴ A entrevistada usou a palavra edifício.

¹⁶⁵ Os participantes desta leitura (duas mulheres e um homem) tem um vínculo de amizade.

¹⁶⁶ Conversa com uma pessoa para a interrogar sobre os seus atos, ideias e projectos, a fim de publicar ou difundir o seu conteúdo ou de a utilizar para fins de análise (inquérito de opinião). Consultado em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/entrevista> [consultado em 28-04-2018].

livro em causa “não sabe quem ele é” e posiciona a sua reflexão na discussão da condição de ser humano: *fiquei chocado de ver que há pessoas que conseguem anular a sua condição de ser humano.* (LR)

O livro em causa (Transgénero) potenciou uma discussão mais alargada sobre conceitos – para além do de ser humano – como o de amor, e do certo e do errado: *não tem mal nenhum fazer tatuagens que ficam gravadas na tua pele para toda a vida. Tens é que saber fazer as tatuagens certas.*

A polarização entre o bem e o mal, para além de ser um dos cenários que promove o preconceito, o estereótipo e comportamentos discriminatórios, segundo este leitor balizou a leitura do livro que não se limitou à aceitação, mas foi de imposição: *ele utilizou coisas que são muito sérias, que trazem muitos problemas, a muita gente, de uma forma muito leviana* (LR). Desta afirmação poderemos concluir que há um reconhecimento por parte do leitor da seriedade dos temas promovidos por uma *Biblioteca Humana* e que sendo este um fator de eficiência da metodologia, o facto de não ter sido conseguido na sua totalidade, de alguma forma teria comprometido a sua aplicabilidade. Por outro lado, o confronto com um livro que pela sua complexidade suscita uma leitura com desafios de variadas ordens, é reconhecido pelo leitor, mas, segundo ele (LR) este livro em específico: *não tem nada a ver com a transformação da sociedade.*

Quanto à *Biblioteca Humana*, refere a possibilidade de estar a falar com alguém que tinha a mesma capacidade que uma biblioteca tem que me dar a mim, na perspetiva de ser uma fonte de respostas em que cada livro aberto é *uma janela aberta para perceber como é que o mundo pensa e o mundo são todas as pessoas.* (LR)

Leitora 4 (Engenheira Ambiental)

A dimensão do quotidiano foi a eleita pela leitora 4 (LEA) no contacto inicial com o livro numa leitura partilhada com o leitor 3 (LR) e a leitora 5 (LRP): *questões triviais*¹⁶⁷ *como ir a um restaurante, ir à casa de banho*¹⁶⁸.

À semelhança do LR, a leitora em referência também designou a experiência como “entrevista”, demonstrando uma consonância com o LRP. A preocupação com o

¹⁶⁷ A leitora listou alguns pontos: “No trabalho, na família, nos amigos, nas namoradas, na roupa, na rua, no café.”

¹⁶⁸ Pelo fato de ser tratar de um livro-transgénero, esta pergunta ia no sentido de saber se usaria a casa de banho masculino e/ou feminino.

quotidiano poderá ser entendida como a linha de condução desta leitura e para a presente tese é uma das variáveis de eleição, no sentido de avaliar por um lado, a eficiência da metodologia – como uma baliza (Bosi, 1992) que se flexibiliza permitindo uma postura mais tolerante face ao outro e, por outro, a capacidade do equipamento cultural enquanto mediador na intervenção comunitária.

Concorre para esta reflexão a afirmação da leitora ao reconhecer que usou uma estratégia para orientar a leitura: *foquei-me muito nesta energia que ele despendia, de certo modo para me proteger da dificuldade que eu tive em perceber que caminho ele queria seguir e se valia a pena esse caminho.* (LEA) O tema do amor também foi focado por esta leitora que o conceitualiza em contraponto com o proposto pelo livro¹⁶⁹ - *o amor é entrega: entrega-se a um homem, entrega-se a uma mulher, seja o que for, mas é uma entrega, não é um abraço coletivo. Um abraço coletivo é outra coisa.* (LEA)

A LEA foi clara em relação ao critério de escolha do livro a ser lido: *Eu não queria ... Não tive coragem de dizer não.* Esta afirmação é particularmente acutilante na medida em que reflete os papéis sociais que assumimos que, por vezes, velam preconceitos e estranhamentos. Contudo, mesmo com essa oposição inicial, a leitora aceitou o desafio de “enfrentar” o território desconhecido, parecendo-me pertinente a associação entre este livro, por ofertar uma resistência e a intervenção comunitária. De tal forma que quando questionada sobre a *Biblioteca Humana*, a leitora usou a palavra “confronto”. Sobre a expectativa em relação ao conceito, a leitora descreveu-a da seguinte forma:

a minha ideia de Biblioteca Humana era, em vez de eu estar a ler páginas de um livro, eu vou ler um livro através das palavras da pessoa que está à minha frente. Fosse ele uma grande viagem pela Europa, fosse uma viagem pelo amor de um filho, fosse a viagem por uma situação de stress, seja o que fosse. (LEA)

Em súmula, a leitora afirmou que não considerou que tivesse lido um livro, *mas sim que tivesse ido a um comércio em que me vendem uma ideia e que é a diferença entre um livro e uma ideia.* (LEA)

Sobre a metodologia, a leitora referiu a questão do tempo como condicionante na experiência – a percepção do tempo simbólico que não correspondeu ao tempo

¹⁶⁹ O livro em referência assumiu-se enquanto poliamoroso.

real.¹⁷⁰ A dúvida da leitora permitiu uma série de associações com a leitura do livro de forma convencional:

*Eu queria chegar ao fim do livro e vou ao meio do livro;
É ler durante uma semana todos os dias, doze horas por dia;
Vão nos tirar o livro da mão e eu ainda não acabei de ler o livro?! (LEA)*

Outra das preocupações¹⁷¹ referidas pela leitora é a da normalidade: *Como é que as pessoas que estão em sociedade com ele se sentem*, conferindo a essa formulação o nome de empatia. Na perspetiva da LEA, sem empatia, segue-se *uma linha solitária*, e apesar de não ter sentido por parte do livro uma atitude empática, sentiu-a pela proposta, de tal modo que *estava bastante curiosa em saber que efeitos é que esta proposta tinha em mim*, concluindo que *temos empatia por uma forma de vida. Uma forma de pensar, uma forma de estar, naquele caso não houve empatia.*

Sobre o objetivo da metodologia – combate ao preconceito, estereótipo e comportamentos discriminatórios, é possível acompanhar um desdobramento progressivo na análise da experiência da leitora:

- *Eu também tenho (espírito aberto)¹⁷², mas quando sou confrontada fico na dúvida;*
- *Não julguei nunca, mas preocupe-me, desde o primeiro impacto;*
- *É mais fácil ser o que toda a gente é porque não somos questionados e não pensamos nisso;*
- *Agora limpou-se-me o preconceito ... eu não ia com preconceito, eu não saí de lá com mais preconceito;*
- *Fez-me pensar, mas não eliminou porque eu não tinha, mas fez-me pensar.*

¹⁷⁰ A este propósito, a leitora 5 confirma que a leitura seguiu o tempo estipulado (e recomendado) pela metodologia: “ Nós tivemos meia hora.”

¹⁷¹ Sublinho que esta questão da normalidade surgiu de forma espontânea no decorrer da entrevista.

¹⁷² Em concordância com a afirmação do leitor (LR): “Eu tenho o espírito muito aberto, mas mesmo muito aberto.

Leitora 5 (Relações Públicas)

De forma complementar com os leitores 3 (LR) e 4 (LEA), esta leitora (LRP) posiciona, logo de início, no tempo passado resgatando a memória da experiência em duas vertentes:

- 1) A indefinição perante o livro (*o meu desnorte de estar a falar com uma pessoa ... eu não sabia se estava a falar com um homem ou com uma mulher*);
- 2) O posicionamento pessoal perante o preconceito (*Eu sou até uma pessoa muito aberta a muita coisa*).

Ainda no campo das expectativas, a *Biblioteca Humana* seria – segundo esta leitora: *peças que contavam histórias de vida em que se podia enquadrar numa comédia, num romance, num drama, num filme de terror* e provavelmente se não fosse no enquadramento desta experiência não teria tido contacto com um “livro” cuja temática é transgénero.¹⁷³ Outro aspeto relevante apontado por esta leitora é a afirmação de que em decisão coletiva com os leitores 3 e 4, após a experiência decidiram não ler outro livro, mas sim refletirem sobre a leitura

a minha sensação, neste momento, é tal e qual quando eu acabo de ler um livro que é muito intenso, seja bom ou mau, seja lá de que destino for e que eu não consigo acabar este e começar logo outro. Eu tenho que parar, nem que seja dar uma volta, parar um dia ou dois, e começar outro e foi essa (sensação), não dava para ir depois daquela intensidade, tanto que nós ficamos os três à conversa numa mesa. (LRP)

A necessidade da partilha alia-se à acessibilidade, que de alguma forma se interliga com a ideia defendida pela *Biblioteca Humana* de que se conhecêssemos a pessoa, o preconceito, o estereótipo e os comportamentos discriminatórios não inviabilizariam o contacto inicial e a subsequente socialização.

O que é que está por detrás daquilo que eu não tenho acesso? – pergunta a LRP. A curiosidade esteve na base do critério de escolha do livro¹⁷⁴ - *Queria perceber*

¹⁷³ No catálogo o livro assume-se como *mulher trans, não binária, pansexual e anarquista relacional*.

¹⁷⁴ A leitora esclarece – à semelhança dos outros leitores desta leitura coletiva – que a escolha foi pautada pela disponibilidade (era o único no momento), mas que mesmo assim não inviabilizou a decisão de acolher a experiência.

mais o que a pessoa sentia, o que é que a levava a ter coragem para toda uma transformação. (LRP)

A curiosidade, para esta leitora, foi o elo de ligação entre o passado (experiência) e o presente (um mês após), deixando a expectativa de uma procura no futuro: *O universo em quantidade, eu não gostava de dizer números, mas o universo de pessoas que existirão como aquela pessoa.*¹⁷⁵ *Ele não é o único, deve haver mais pessoas.* (LRP)

Leitora 6 (Antropóloga)

A leitora (LA) em análise aproxima-se do tema da entrevista pela dificuldade de escolha entre os livros disponíveis em catálogo, optando pela *Bailarina Cega* (título Pessoa com Deficiência) *mais por motivos profissionais do que pelo lado pessoal.* (LA)

A preocupação inicial foi como gerir a intimidade do encontro: *de repente tu escolhes uma pessoa para ler e como é que vais começar a falar com ela sem invadir a pessoa, sem estereotipar.* (LA)

A leitora LA identificou duas consequências do projeto: *a transmissão de conhecimento, para além da relação.* Como exemplo de transmissão de conhecimento a leitora identifica a repercussão ao estar, ela própria, numa aula de dança: *Eu depois de ter falado com ela e quando tive que fechar os olhos a dançar fui com aquela informação.* (LA)

Quanto ao posicionamento pessoal perante o preconceito, esta leitora, em particular, oferece uma análise bidimensional no sentido em que, em termos macro, já tem um *background* com as questões da deficiência, e no enquadramento micro, assume o estereótipo associado. O contraponto das afirmações, por sua relevância para a análise, será apresentado em diálogo:

Não tenho aquela dificuldade, acho eu, que não tenho há muito tempo, e como estive um ano a trabalhar num projeto piloto com jovens adultos em que acompanhei uma pessoa com esquizofrenia, a nível de doença mental, uma pessoa com paralisia cerebral em cadeira de rodas, um jovem com défice cognitivo ligeiro. Pessoas completamente diferentes, nunca trabalhei diretamente com um cego, mas tive que viver, quase, 24 horas por dia com estas pessoas. (LA)

¹⁷⁵ A entrevista com os leitores 3,4, 5 (LR; LEA; LRP) - *Não sei se vocês tiveram essa curiosidade.*

Eu acho que tenho estereótipos, como toda gente, porque não tenho uma deficiência dessas, tenho outras coisas, mas estas não tenho, mas acho que à partida não ia com a ideia de que uma pessoa cega dança, isso já não trazia quando fui falar com ela. (LA)

Podemos compreender pelas afirmações acima que esta leitora, em particular, convive com a diferença de forma profissional há algum tempo, conferindo-lhe à partida, instrumentos e contexto para viver a experiência enquanto leitora da *Biblioteca Humana*, numa outra perspectiva. Contudo, é necessário referir que a metodologia deverá ser competente em variados contextos em que as questões do preconceito, estereótipo e comportamentos discriminatórios sejam diversificadas. Neste caso, a leitora afirma que *já tinha esse background*, a experiência alçou um *outro patamar que ela conseguiu abrir e acho que a partir de uma dada altura a conversa foi muito mais, foi muito menos a partir do ponto de partida. (LA)*

O ponto de partida a que se refere é a escolha do livro que segundo a leitora desaparece após 15 minutos de leitura (metade do tempo destinado à experiência). A escolha do livro é um dos pontos que remete para o universo da biblioteca convencional: *É um mundo que tu abres*, sumariza a LA a partir do título: *mesmo que não tenhas sabido nada do livro, o título fascina-te.*

A questão da intimidade, de ultrapassar a fronteira da relação, foi outra das preocupações referidas pela leitora:¹⁷⁶

é muito parecido com quando tu estás a ler e tu sabes que tens que terminar, mas não te apetece terminar. Tens que sair do comboio, imagina que vais a ler o livro no comboio, tens que terminar, mas há mais paragens. Portanto, tu podes sempre sair na outra. (LA)

Uma das singularidades desta leitura foi a mediação de uma terceira pessoa, um instrumento contemplado pela metodologia e intitulado como “dicionário”¹⁷⁷ – *Eu tinha dois livros: em que num era uma conversa com uma pessoa e noutra era uma conversa com uma instituição ... isso criou uma estrutura organizativa que eu acho que não era o objetivo. (LA)*

¹⁷⁶ As metáforas foram recorrentes na entrevista com os leitores.

¹⁷⁷ No caso em referência, o livro era uma bailarina cega e o “dicionário” um representante da associação a qual o livro estava associado.

A observação desta leitora amplia-se para o tema deste projeto de intervenção: os equipamentos culturais enquanto mediadores no território – em que medida os equipamentos poderão sobrepor-se ao interesse e desejo das populações que deles beneficiam? Posto de outra forma, em que medida as instituições alocadas em territórios de vulnerabilidade social serão representativas dos interesses e desejos da população. A questão da representatividade é especialmente importante nesta reflexão, no sentido dos grupos a que estamos associados.

Quando questionada sobre as repercussões da experiência no cotidiano, a leitora, como forma de contextualização, explica o que, para ela, eram as potencialidades da metodologia: *é uma coisa muito difícil de ser feita e ao mesmo tempo muito fácil – é muito elástico o projeto.* (LA)

Tão elástico de forma que prevê oportunidade de implementação do projeto no seu ambiente de trabalho – a escola. É possível riscar uma linha de confluência entre a repercussão no cotidiano e esta afirmação, no sentido em que, o seu ambiente de trabalho é o seu cotidiano.

Comecei a imaginar que aquilo era muito giro numa escola onde os professores não têm uma relação íntima, mas vivem na crença que já se conhecem muito bem – que estão lá todos os dias – e propor à biblioteca de uma escola, propor que na biblioteca da escola, podiam ser os professores, qualquer professor da escola, ser um aluno da escola, o coordenador da escola, um professor da AEC, um aluno por que tem uma característica mais particular, e haver conversas sem partimos do principio de que sabemos alguma coisa da vida da outra pessoa. (LA)

A este propósito a leitora usou a palavra *estranheza* para categorizar as possíveis interações entre as pessoas. Conforme a sua observação, haverá uma *estranheza* óbvia no que diz respeito a tudo que se constitua como diferente e uma que não é óbvia, mas não menos importante: *é óbvio, falares com uma pessoa que é cega, é estranho, não é? Há aqui uma estranheza ... e tu não consideras estranho falares com um colega de trabalho com quem nunca tomastes café.* (LA)

Resume a experiência em três verbos: relacionar; conhecer e acreditar: *uma coisa que podia potenciar as pessoas a relacionarem-se, conhecerem-se e acreditarem que o outro tem uma história de vida para contar.* (LA) Partindo do pressuposto de que a escola é também uma “biblioteca de seres humanos”, é necessário dar voz, segundo

a leitora, a esses livros, por vezes esquecidos: *É sempre posto, como eles são muito pequeninos, não têm nada, não trazem nada.* (LA)

É possível estabelecer uma comparação com a voz dos oprimidos,¹⁷⁸ dos mais vulneráveis que são entendidos como “pequenos” e necessitados de orientação e não da construção de um espaço de reflexão.¹⁷⁹ Da mesma forma que a metodologia pretende desmistificar conceitos pré-definidos por grupos e sociedades, a LA entende que o que a experiência permite *é fazer ao contrário, partir do conceito de que a pessoa é um livro e ir à procura do livro.*

A leitora acredita que ganhou um novo conceito para olhar as pessoas. As repercussões da leitora contaminaram não só o ambiente profissional, mas também o familiar:

Com os meus filhos eu acho que é o melhor exemplo. É o mais próximo, estamos muito ainda nesta relação, eles são ainda muito pequeninos, ouvir mais a sério o que eles estão a contar em vez de “Como é que correu a escola”, e pronto aquilo é igual a ontem. Então, vamos perceber o que é preciso perguntar mais aqui e vamos registar isto que tu estás a dizer e, se calhar, vamos escrever uma história disto. (LA)

Houve também a referência ao enquadramento: *aquelas coisas que à partida tu não perguntas a ninguém,*¹⁸⁰ mas que a *generosidade* do livro permite. Permite, igualmente, uma gradação identificada pela leitora – *As pessoas ficam ao mesmo nível, ficam ao nível humano, ficam a nível da humanidade* e para além disso o *entendimento de que precisamos de perguntar se as pessoas precisam da nossa ajuda: tu tens mesmo que perguntar às pessoas como é que elas querem ajuda e se elas precisam de ajuda.* (LA)

De ressaltar a comparação suscitada pela leitora com outras iniciativas do âmbito cultural como as conversas após os espetáculos promovidas pelos teatros da cidade de Lisboa, como estratégia de aproximação entre o público e a arte, mas que segundo a leitora não cumpre o objetivo da *Biblioteca Humana – Tu tens sempre uma postura que é: eles estão lá e tu estás cá.* (LA)

¹⁷⁸ A este propósito: “Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire.

¹⁷⁹ Ver *Cultura, Mediação e Equipamentos Culturais* (pág. 12-17).

¹⁸⁰ A leitora refere que o livro disse-lhe que uma das coisas que mudaram-lhe a vida foi começar a cozinhar - *uma coisa tão simples*, concluiu a leitora.

Para a leitora, a metodologia funciona, precisa de ser treinada¹⁸¹, mas a *velocidade com que chegas à desconstrução é logo por que é a ferramenta humana que nós temos que é de relação. Agora ela está estragada. A ferramenta está estragada.* (LA) Para ilustrar esta afirmação, a LA recorre a um exemplo que por sua pertinência será referido: *Nós vamos no comboio a senhora à frente vai a chorar e nós não somos capazes de lhe dar nem um lenço de papel.* Um exemplo do quotidiano, provavelmente reconhecível por muitos, que ilustra a forma como a ferramenta está estragada. Quanto à utilidade da ferramenta, a LA identifica duas: *para tu trabalhares os preconceitos, mas também serve para tu fortaleceres as pessoas que não se veêm como histórias de referência de outras.*

Ao pensarmos em repercussões, uma das variáveis de análise é como os participantes verbalizaram a experiência: como contaram esta história? Da mesma maneira que falamos sobre os livros que lemos, os filmes que vimos, as exposições que visitamos para os recomendar ou inibir a vontade de os ver, ler ou visitar.

A LA sumariza da seguinte forma: *foi sempre na lógica do isto é tão rápido, funciona rápido, a gente não precisa de explicar que nos vamos relacionar com as pessoas e que vamos falar de coisas que não falamos todos os dias.* Outro ponto a ser considerado é a reflexão lúcida sobre os projetos com populações marginalizadas¹⁸² em que mais do que

criar projetos “xpto” que custam fortunas, é necessário dar a ferramenta aos próprios que estão em desvantagem, retomando a ideia já aflorada de que tem uma história para contar. Que a vida valeu. Estas pessoas têm pouca capacidade de olhar para elas próprias e que a sua história seja uma história para contar. (LA)

No que diz respeito a Biblioteca de Marvila, a leitora usa a palavra livraria num primeiro momento quando perguntada sobre o conhecimento do espaço. Para efeitos de reflexão, é importante perceber a percepção que sustenta esta afirmação, na mesma linha da palavra entrevista, em vez de conversa dos leitores (LR) e (LEA). Uma livraria e uma biblioteca são espaços diferentes com dinâmicas e propostas próprias. Ao ser

¹⁸¹ Neste sentido, a *Biblioteca Humana* foi apresentada na 87.^a Feira do Livro. Consultar: Anexo X (pág. 160).

¹⁸² A leitora justifica esse envolvimento com projetos com populações marginalizadas: *A minha vivência de vida foi sempre trabalhar com pessoas das margens, trabalhei muitos anos com miúdos de rua, na prostituição, é sempre o meu mundo, percebes?*

confrontada com o uso da palavra livraria, de forma espontânea, em detrimento de biblioteca, a leitora explicou que a biblioteca de Marvila não parecia uma biblioteca *aquela coisa chata*, referindo-se à dinâmica do equipamento cultural.

Como forma de contextualizar, a LA relembra a atividade em que participou contando sobre a sua observação do comportamento dos miúdos do território que estavam com a atitude de *vamos fazer barulho*, mas que, por intermediação do contador de histórias, *foram logo integrados naquilo e eles próprios deixaram-se contaminar pela coisa*. Agregando a isto, a certeza de que a frequência se conquista aos poucos, mas é necessário abrir as portas do equipamento cultural à comunidade: *Só eles estarem lá ... até para fazer barulho*. Colabora para este ponto, a afirmação da leitora de que a importância da comunidade se visse como resposta... *em que a biblioteca tem que estar a interagir com os idosos que estão em casa, com os miúdos que têm que ter uma intervenção pela ação social, porque são abusados, isto tem tudo que se ligar*. (LA)

Leitora 7 (Programadora Cultural)

A leitora 7 (LPC) já conhecia o conceito da *Biblioteca Humana* e afirmou que foi experimentar, por curiosidade, mas também por que conhecia projetos de ordem performativa, *mas que não entram pelas bibliotecas*. Quanto ao conceito, havia, por parte da LPC *a ideia de que o livro é uma pessoa, e ela é todo um conhecimento muito particular, único, e mais do que o livro, (a experiência) ela é interativa*. Sobre interatividade, a leitora aponta as seguintes valências:

nós podemos fazer todas as perguntas, podemos ver, podemos cheirar, podemos observar, ou só ficar a ver e também poderemos dosear o tempo que nós queremos, o tempo que nós queremos aprofundar sobre cada um dos assuntos, o tempo de observação também. (LPC)

Algumas das valências (ver, cheirar, observar, dosear o tempo), poderão ser imputadas ao livro no seu suporte físico, consolidando a premissa de que para o entendimento do conceito, a *Biblioteca Humana* beneficia deste trânsito com a biblioteca convencional. O critério da escolha do livro esteve dependente, segundo a leitora, do que, entre os disponíveis, a filha¹⁸³ que a acompanhou pudesse ler – que ela teria

¹⁸³ A filha tinha sete anos na altura da experiência.

ferramentas. Estabelecida a escolha a leitora descreve a experiência como *uma viagem muito longa, mas num curtíssimo espaço de tempo.*¹⁸⁴ – *Eu senti que naquele momento me entreguei à biblioteca e que eles me disseram: “Sentas-te aqui, ficas aqui nesta mesa”, o livro vem acompanhado por uma pessoa, como se fosse de facto entregue, e ele é definitivamente entregue.* (LPC)

Sobre a metodologia, a LPC revela: *nunca consegui assimilar o conceito, ou esta ideia que deve nortear a Biblioteca Humana, que é de discriminação* e explica que todas as pessoas têm qualquer coisa de *verdadeiramente diferente do que eu conheço que é a sua própria vida e que ela constitui matéria de conhecimento com a qual eu posso aprender.*

Esta perspectiva da aprendizagem associada à experiência é constitutiva da metodologia e embora a leitora afirme que os comportamentos discriminatórios não lhe são sugeridos pela *Biblioteca Humana*, a leitura parte deste pressuposto. Em outras palavras, poderemos dizer e recorrendo-nos do imaginário do livro que a discriminação é o subtítulo que aparece no centro da capa. Por outro lado, a perspectiva desta leitora conduz-nos à hipótese da plurissignificância do conceito e a releitura ajustada à realidade dos países, culturas e instituições associadas. Não obstante ser uma *trade mark*, é inegável que a sua implementação absorve e contempla, de forma orgânica, a idiossincrasia de cada lugar. O que, de alguma forma, poderá ser observado nos discursos dos leitores. No caso em análise, a questão para a leitora não era a discriminação, mas sim *um encontro com uma pessoa que não conheço de todo* afirmando a força do ritual e do enquadramento inerentes

isto tem um contexto de experiência, por que não é num café é numa biblioteca eu posso escolher, eu sou encaminhada para um sítio, o livro vem, há um ritual que configura uma situação excepcional, e este ritual ajuda-nos a imergir dentro numa prática e numa experiência. (LPC)

A questão do ritual associado à experiência poderá aproximar-se da necessidade da intervenção comunitária construir o vínculo com a comunidade por meio da presença duradoura e sólida. Poderemos pensar no hábito, menos na sua implicação

¹⁸⁴ A questão do diálogo entre o tempo cronológico e o simbólico é percebida pelos leitores de forma diferenciada. A leitora afirma *que afinal não foi tão curto, foi uma hora – nós ultrapassamos mais do tempo.*

da repetição frequente de atos e comportamentos que poderão ser geradores de comportamentos discriminatórios (ação sem reflexo), mas sim na prática repetida que se torna conhecimento ou experiência.¹⁸⁵ Da observação da LPC sobre o ritual, emerge a ideia de algo pessoal – de um microprocesso – do poder das pequenas coisas, que para ela é conhecimento que transforma. A leitora em referência participou de uma leitura coletiva com um outro leitor desconhecido e não obstante esta configuração afirma que ficaram íntimos: *Nós ficamos íntimos. O que eu sinto é que nós ficamos íntimos ... uma intimidade, (que) em momento nenhum é introduzida, é uma coisa muito orgânica.*¹⁸⁶ A LPC descreve, como exemplo dessa intimidade, o momento em que o livro colocou um de seus anéis no dedo dela: *e esses anéis,¹⁸⁷ são tão giros, sabes que este, ele deu-me para ver, pôs-me nos dedos ...*

A organicidade referida pela LPC é um elo de ligação que permitiu estabelecer uma ponte entre a lembrança da experiência e as possíveis repercussões com a introdução do tempo enquanto variável: *descanso, sentimento, bom, lembrança e crença* foram as palavras usadas para categorizar o pós-experiência – *é quase uma lembrança de que nós somos todos humanos e que é possível tantas coisas e é possível estar com essas pessoas bem e ser tão bom.* (LPC)

Como primeira repercussão, a LPC refere o facto de olhar para a tatuagem e os tatuados de uma forma diferente: *sou muito mais atenta e fico a pensar sobre aquilo que aprendi.* Identifica-se uma modificação – ainda que circunscrita – ao olhar para um determinado grupo que não se tinha antes.

A leitora usa esta expressão: *coletivo de espectadores* para identificar o que não caracteriza ser a natureza da leitura coletiva em que participou que considera que foi muito mais direcionada para o livro. Sendo direcionada para o livro, a questão que se colocava a seguir é como contou a história desta experiência.

Para além de histórias pontuais, a narrativa escolhida por ela estrutura-se no contraponto e na desconstrução de uma “história pronta” ou uma “história única”¹⁸⁸ –

¹⁸⁵ Consultado em <https://www.dicio.com.br/habito/>.

¹⁸⁶ Que faz parte da natureza de algo ou de alguém. = CONGÉNITO, ESSENCIAL, FUNDAMENTAL, INATO - "**orgânico**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/organico> [consultado em 09-05-2018].

¹⁸⁷ O livro tatuado explica o significado do anel referido pela leitora: *Sabes que todos os tatuadores da minha loja temos um anel desses e todos do meu grupo de amigos usam aquele anel e eu pensei: “Que lindo a ideia de clã e de amigos!”*

¹⁸⁸ Ver *O perigo da história única* de Adichie Chimamanda:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt

ser tatuador e de repente ser líder dos Super Dragões. (LPC) Essa afirmação, confirma, por um lado, a ideia de que somos mais do que o nosso preconceito e, por outro, a efetividade da metodologia da *Biblioteca Humana* que segundo a LPC *é determinante. Sem aquele contexto, estas conversas não se conseguiriam fazer-se desta forma.*

Sobre o equipamento cultural em análise, a LPC usa a palavra *casa* para a caracterizar – *Eu acho que aquela biblioteca é muito mais do que uma biblioteca. É uma espécie de uma casa, uma casa para as pessoas, para uma série de miúdos, para uma série de adolescentes.* (LPC) Identifica a biblioteca como um *espaço de relação*, em que eles *estão lá (os miúdos) com os jogos, falam com o responsável,¹⁸⁹ vão para ali, eles ajudam e os miúdos que não têm onde ficar e os pais mandam-nos para lá e para mim aquela biblioteca é muito mais isso num primeiro momento.*

Em sequência espontânea de palavras, a leitora caracteriza a biblioteca de Marvila: *casa, abrigo, relação, troca, proteção.* Já num segundo momento, para a LPC a biblioteca de Marvila poderá ser entendida como um *polo cultural de relação ... com suas opções, sem tentar deslocar.* A leitora usa a imagem do espelho para caracterizar a articulação do equipamento cultural com a comunidade: *Não tem que ser dado um espelho, não tem que ser fazer o mesmo e sim a partir daquilo, mostrar outras possibilidades e é isso que eu acho que eles estão a fazer e cita, como exemplo o Bibliogamers¹⁹⁰ (aquela exposição de vídeos jogos).* (LPC)

O *respeito* pelas pessoas, pela comunidade, pelo contexto é referido pela LPC como condição estrutural na relação com a comunidade: *Não posso chegar ali, colocar uma coisa qualquer e pensar que as pessoas se relacionem e gostem.* Quando questionada sobre a confirmação da eficiência da metodologia, a leitora realça o aspeto da frequência. Ou seja, é preciso frequentar, repetir, relacionar-se com a experiência de forma mais contínua: *confesso que vou poder dar uma resposta mais completa se experimentar mais um.* (LPC) Não obstante essa ressalva, fica a ideia demonstrada pela leitora de que a *Biblioteca Humana* é um mecanismo de aproximação às pessoas, num contexto contemporâneo – *num tempo que é um tempo muito mais do meta discurso, do que num tempo de grandes clássicos e de representações em que tudo tem um aparato.* (LPC)

¹⁸⁹ O coordenador da Biblioteca de Marvila.

¹⁹⁰ Em análise em *Diferentes linguagens de uma programação* (pág. 39-46).

Sendo possível colocar em reflexão a hipótese do presente projeto de investigação: equipamentos culturais enquanto mediadores de intervenção comunitária, foi perguntado à leitora, a sua opinião sobre a visibilidade de equipamentos tendo em conta a afirmação anterior sobre as representações e os aparatos realçando, em sua resposta,

a questão da arquitetura e da forma como (nós) visualmente olhamos os espaços ... como é que isto se torna, sobretudo, para a pessoa que está a ver, um espaço em que eu quero entrar, eu quero ir, eu não me sinto assustado, mas eu me sinto confortável e quem é responsável por isto é quem está nas instituições. (LPC)

A cartografia sensível – o dicionário artístico-literário dos leitores (entrevistas)

Os leitores, nos seus discursos sobre a experiência, criaram fios de conexão com outras manifestações artísticas¹⁹¹: não só obras literárias, mas também de outras ordens – a “obra”, neste caso, a conversa no âmbito da *Biblioteca Humana*, foi mediadora gerando pontes.

Fonseca (1994, p.81) depreende que “todo o discurso convoca outros discursos, para eles remete, com eles se cruza, com eles contacta de múltiplas formas.” Falamos do conceito de “interdiscurso” que dialoga com a ideia de uma cartografia (Manguel, 2015). Em “Fragmentos de um Discurso Amoroso”, afirma Barthes, citado por Gonçalo M. Tavares,¹⁹² as palavras são como se “tivessem dedos – vasos comunicantes”, em que um bom leitor não se aproximaria amorosamente das mesmas frases que um mau leitor. Recorta-se desta afirmação, não o criar da divisão entre bons e maus leitores, mas sim, a ideia da aproximação. De que maneira os leitores se aproximaram da experiência e quais as relações que foram estabelecidas com outras linguagens artísticas.

A chegada ao território onde a Biblioteca de Marvila está alocada, gerou na leitora (LD) a comparação com Jeronimo Bosch,¹⁹³ parecia o *Jardim das Delícias*, foi a

¹⁹¹ As imagens do dicionário artístico-literário dos leitores foram organizadas num mosaico que poderá ser visto no Anexo Y (pág. 161).

¹⁹² Consultado em: <https://soundcloud.com/biblioteca-de-bolso/ep-23-goncalo-m-tavares>. A opção pela citação de Gonçalo M. Tavares serve o propósito da releitura.

¹⁹³ Hieronymus Bosch, pseudónimo de Jeroen Anthonissen van Aken (1450 - 9 de agosto de 1516) foi um pintor holandês precoce dos séculos XV e XVI. Muitas de suas obras representam o pecado e as falhas morais humanas. Consultado em: <https://www.hieronymus-bosch.org/>.

sensação que eu tive quando cheguei... naquele dia em particular havia festas, havia visitas guiadas à volta das pinturas que estavam a ser feitas nas fachadas, havia um grupo de ciganos a comer na rua... havia polícia, havia carrosséis. Para esta leitora, a expressão plástica prevaleceu e refere a imagem da mãe tatuada no pescoço do Livro-Tatuado que remeteu-lhe para a *Pietà* de Michelangelo: *Em vez de ter o filho ao colo, é ele que a leva.*

O Livro Transgénero suscitou na leitora (LEA) a associação com o cinema de Paolo Pasolini: *Pasolini tratou estes temas de forma brilhante.* A leitora ainda referiu outros artistas como Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas, ambos representantes do movimento surrealista português, selecionando de Cruzeiro Seixas estas imagens¹⁹⁴ que, encerram em si, no meu entendimento, a síntese da relação de comunicação instituída no âmbito da *Biblioteca Humana: Consagração do instante e Em Qualquer Parte Há Um Reflexo Nunca Dito.*

O conceito da *pessoa-livro*, segundo a leitora (LA) dialoga com o projeto “Noveloteca”¹⁹⁵ – neste sentido a *Ana Madureira me ter feito tanto sentido aquela estrutura – passar de uma história para um livro.* A “Noveloteca” envolve com o fio da lâ as histórias de vida de quem se dispõe a contá-las e transformam-se em minilivros desenhados a partir da memória de Ana Madureira – *Pois que soltando-se o fio da meada, solta-se o fio da conversa.*

Venho enrolando romances com muitas pessoas, não porque precise de trabalhar a lâ, mas porque preciso de inventar maneiras de me enlaçar nelas, nas pessoas, emaranhar-me nos seus mundos. É que aí eu vejo toda a poesia possível da vida. E gosto de registá-la em histórias simples, nuas, de formato pequeno, para a não esquecer.¹⁹⁶

O conceito *pessoa-livro* é também associado, pela mesma leitora, ao “O Bichinho de conto”, *uma marca ao serviço da mediação de leitura*¹⁹⁷, projeto da escritora Mafalda Milhões¹⁹⁸: *As pessoas são os livros e no caso da Mafalda ela acredita que os livros são as pessoas.*

¹⁹⁴ Consultado em: <http://www.fundacaomillenniumbcp.pt>.

¹⁹⁵ O projeto “Noveloteca” é desenhado e implementado pela atriz e ilustradora Ana Madureira.

¹⁹⁶ Consultado em: <http://alminhaldeia.blogspot.pt/p/noveloteca.html>

¹⁹⁷ Consultado em: <http://www.obichinhodeconto.pt/>.

¹⁹⁸ Mafalda Milhões é autora do livro “Uma **biblioteca** é uma casa onde cabe toda a gente”, 2010, publicado pela Almedina, que pelo diálogo com a temática discutida, destaco o seguinte trecho (editado) : “uma **biblioteca** é uma casa onde cabe toda a gente, “a preta, o amarelo, o

A arte performativa foi referida pela leitora (LPC) como a principal entrada para um projeto da natureza da *Biblioteca Humana: entra mais pelas artes performativas*,¹⁹⁹ que são performers que têm conversas, por exemplo, de um para um. Reconhece-se uma semelhança de propósitos entre a *Biblioteca Humana*, não obstante não poder ser caracterizada enquanto performance, com a intervenção artística de Marina Abramovic no MOMA²⁰⁰ em que, segundo a autora, “o público já não era um grupo. A relação entre nós era pessoal. Eu estava a olhar para estas pessoas ... havia muitas coisas incríveis quando olhamos outra pessoa nos olhos ...”

Já mais próximo da proposta de um encontro entre um livro e seu leitor, e ainda no campo da performance, o conceito de “Building Conversation”

Como falamos um com o outro e como podemos falar um com o outro?" Foi a questão central de pesquisa... Em todas as etapas do projeto, convidamos o público a nos ajudar a realizar esta pesquisa participando das conversas. Desde o início, abordamos a conversa como uma obra de arte, como uma criação conjunta, uma improvisação coletiva²⁰¹

Como última “entrada neste “dicionário”, e pela sua ligação com a estrutura, com o equipamento cultural em que a experiência foi implementada, o Livro Professora do Ensino Superior sugere a comparação da Biblioteca de Marvila com uma “cidade invisível”, ainda em construção, dentro do território, numa referência ao livro “As Cidades invisíveis”, de Ítalo Calvino.

Estas cartografias sensíveis permitem identificar características da metodologia e avaliar a experiência pelos efeitos da mesma relatados por aqueles que a viveram na primeira pessoa. De imediato, os testemunhos das potencialidades para gerar

verdete e a vermelhinha . . . os contadores de história . . . os que não se veem, o inesperado e tu também . . . os brincadores”,

¹⁹⁹ A este respeito ver o seguinte vídeo: https://www.ted.com/talks/marina_abramovic_an_art_made_of_trust_vulnerability_and_connection?language=pt#t-219124

²⁰⁰ Em 2010, no MoMA, Abramović participou de uma apresentação prolongada chamada *The Artist Is Present*. O trabalho foi inspirado por sua crença de que alongar a duração de uma performance além das expectativas serve para alterar nossa percepção do tempo e promover um envolvimento mais profundo na experiência. Sentada silenciosamente em uma mesa de madeira em frente a uma cadeira vazia, ela esperou enquanto as pessoas se revezavam sentando na cadeira e fechando os olhos com ela. Ao longo de quase três meses, durante oito horas por dia, encontrou o olhar de 1.000 estranhos, muitos dos quais foram levados às lágrimas. Consultado em: https://www.moma.org/learn/moma_learning/marina-abramovic-marina-abramovic-the-artist-is-present-2010.

²⁰¹ Consultado em: <http://www.buildingconversation.nl/en/over-building-conversation/introductie/>

processos que mobilizam a comunidade, evidenciam-se: (i) pela aproximação ou o estabelecimento de pontes com outras linguagens artísticas, que ultrapassam as paredes da Biblioteca de Marvila; (ii) pela construção de diálogos entre livros e leitores e pelos efeitos que estes podem ter na forma de interagir na diversidade; (iii) pelos livros “pessoas” como mediadores com os leitores, com os espaços e com a comunidade no sentido em que o conteúdo das páginas que se abrem tem efeitos multiplicadores na desconstrução de preconceitos; (iv) pela natureza de uma intervenção artística que coloca em relação pessoas e livros, que também são pessoas, e que permite transpor barreiras e desconstruir preconceitos de dentro para fora da comunidade, mas também no sentido inverso, de quem vem do exterior e transporta uma imagem negativa da comunidade e do território. Validamos a experiência da *Biblioteca Humana* como metodologia para a (re)construção de uma comunidade num território de vulnerabilidades e a Biblioteca de Marvila como o equipamento cultural facilitador dos diálogos potenciadores desta intervenção.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto, em que se objetiva avaliar o projeto de intervenção, retomo a problemática que orientou a sua planificação e desenvolvimento – ***As estratégias desenvolvidas no uso da Biblioteca de Marvila, enquanto equipamento cultural, localizado num território de vulnerabilidade social, podem conferir-lhe um lugar de mediação na intervenção comunitária.*** Para a concretização desta problemática definiram-se dois objetivos gerais que convoco agora para a avaliação do projeto, a partir dos indicadores previamente definidos. A avaliação organiza-se, assim, a partir dos dois objetivos: 1) promover um espaço de vivências de alteridade positivas assente no respeito e valorização da “história prévia” de cada um; 2) reforçar o lugar da Biblioteca de Marvila como um equipamento cultural que permite acolher a comunidade.

1) Promover um espaço de vivências de alteridade positivas assente no respeito e valorização da “história prévia” de cada um

Na gênese do conceito da *Biblioteca Humana* há uma oportunidade de encontro com o outro, num enquadramento controlado e saudável. A este respeito, cito o livro “Nós e os outros – o poder dos laços sociais” e a fortaleza de convicção de que os laços com os outros estão na construção da nossa forma de estar no mundo (Lima, 2017, p. 29). É inequívoco que “as identidades pessoais podem ser vistas como as histórias que construímos e contamos” (Lima, 2017, p.19). Sendo que “os outros são ainda uma fonte importante de construção da nossa identidade porque nascemos numa sociedade que nos diz o que tem valor e o que não presta” (Lima, 2017, p.25).

Para a concretização do objetivo em referência, mobilizam-se três atividades que respeitaram a mesma natureza:

- 1) sensibilização EB 2+3;
- 2) sessão exploratória EB 2+3;
- 3) sessões Festival MURO.

Resumidamente, e pelo fato das atividades já terem sido descritas em pormenor no ponto *Fase de implementação do projeto*, poderemos concluir que a *Biblioteca Humana* em relação com a Biblioteca de Marvila permitiu a criação de um espaço de vivências, por um lado, pela originalidade da proposta que cativa, por outro, pela natureza da Biblioteca de Marvila que se apresenta enquanto um centro cultural de proximidade.

Sendo a proximidade, o elo de ligação entre duas bibliotecas em prol de uma comunidade. A ideia de que há uma “história prévia” pessoal que é necessária ser não só respeitada, mas convocada para o jogo da relação, dialoga com a afirmação do escritor Mário Vargas Llosa de que “Toda vida merece um livro”.²⁰² Poderemos assumir que, intrínseco nesta afirmação, está a ideia de que *a vida valeu* (LA), reconhecendo que *estas pessoas têm pouca capacidade de olhar para elas próprias e que a sua história seja uma história para contar*. (LA) Neste sentido, valoriza-se a afirmação da Leitora Antropóloga: *acho que essa ferramenta serve para os dois lados: para tu trabalhares os preconceitos, mas também serve para tu fortaleceres as pessoas que não se veem como histórias de referência de outras*. (LA)

Este é o ponto de partida de avaliação do objetivo em análise: de que maneira os livros, no enquadramento da *Biblioteca Humana*, sentiram que a sua “voz” foi ouvida.

Como parâmetro surgido a partir das entrevistas com os leitores, podemos identificar a seguinte formulação: “Ele sabe quem ele é” – a propósito da observação da Leitora Diretora em relação ao Livro Tatuado. Isto é importante, por que na leitura do Livro Transgénero, a formulação obedeceu à linha contrária: *Ele não sabe quem ele é* (L3; L4; L5).

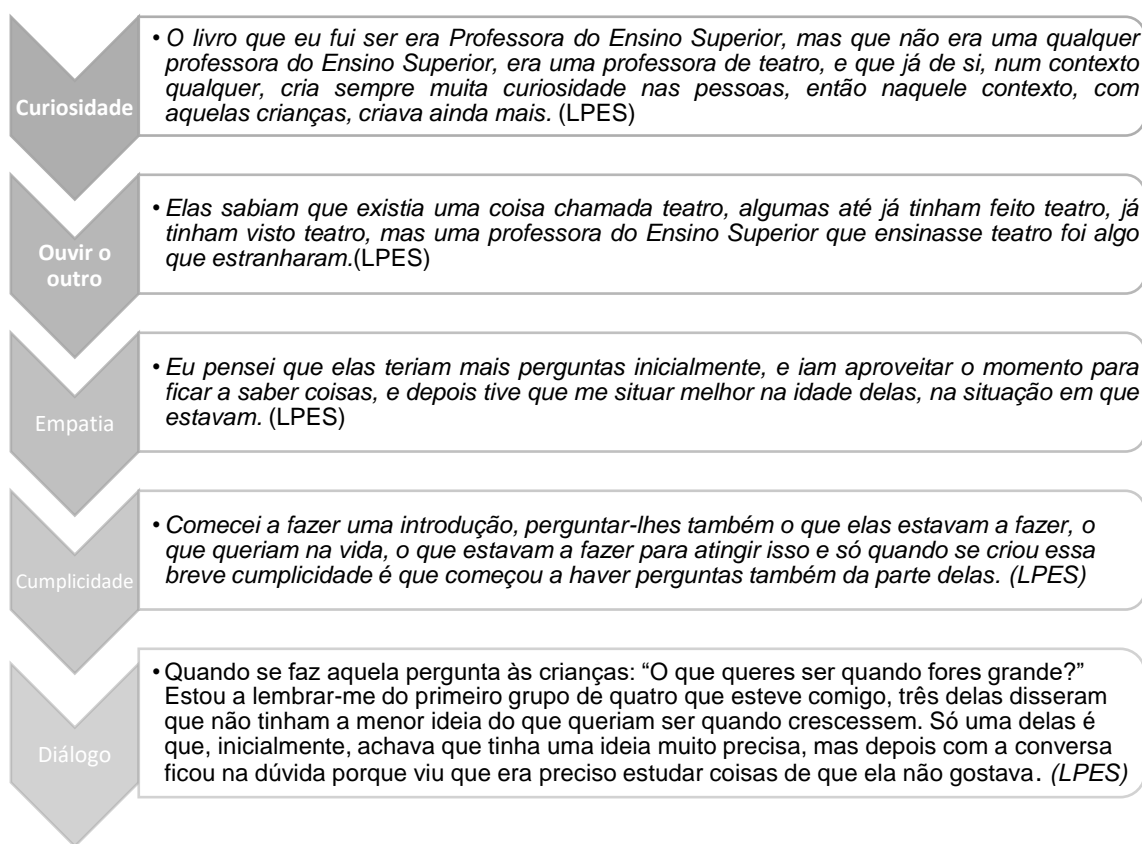
Numa variação, a Leitora Antropóloga coloca no quadro do discurso o parâmetro referido: *aprendi com o que ela me disse, percebes, porque com certeza, aquilo que ela encontrou para transmitir é muito significativo. Está muito organizado. Até por que ela tinha o discurso muito organizado*. (LA) Na sua afirmação positiva e contrária, o que é comum é o reconhecimento de que há uma “história prévia”.

Numa outra perspectiva, o Livro Obesa organiza a sua “história” sustentada pela ideia de que a obesidade é só uma das suas características, oferecendo um poliedro de leituras possíveis – deslocando o centro da narrativa dos comportamentos discriminatórios para a afirmação positiva da sua identidade.

²⁰² Em “Cartas a um jovem Escritor: Toda vida merece um livro”. Editora Campus, 2008.

Por seu lado, o Livro Professora Ensino Superior reconhece que o facto de ser “livro” na sessão exploratória com adolescentes *foi também um momento para me confrontar e para me situar naquilo que eu sou e naquilo que eu faço no dia-a-dia, como é que isso se transporta para informação que pode ser um livro aberto.* (LPES) Pode-se identificar na descrição deste livro, o processo subjacente à vivência da alteridade positiva a que se refere este objetivo recriado no quadro 3.

Quadro 3 - Vivências do Livro Professora Ensino Superior



Vivências e repercussões – tempo e quotidiano

As entrevistas aos livros e leitores tiveram como um dos objetivos perceber as repercussões da vivência da *Biblioteca Humana* no tempo e no quotidiano dos participantes. Para este efeito, foi eleito o arco temporal de um mês para a validação do objetivo.

Para uma melhor análise do conteúdo, as respostas mais relevantes dos leitores do *Festival MURO* foram organizadas, no quadro 4, de acordo com as seguintes variáveis: intimidade; aprendizagem; quotidiano.

Quadro 4 - Sessão Piloto – os leitores

INTIMIDADE	APRENDIZAGEM	QUOTIDIANO
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Nós estamos pouco habituados, hoje em dia, a haver contatos tão próximos com estranhos</i> (LD) • <i>E uma estratégia de tocar as pessoas de uma forma direta e pessoal e íntima também, essa relação de intimidade com o livro.</i> (LC) • <i>Foi muito surpreendente o desenrolar da conversa porque a conversa foi muito mais sobre a vida pessoal dela do que a vida profissional e eu não estava nada a espera.</i> (LA) • <i>Nós ficamos íntimos. O que eu sinto é que nós ficamos íntimos.</i> (LPC) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Fiquei fascinada pela história dele, pela postura dele. Fiquei cheia. Foi uma história que me preencheu, foi um encontro que me preencheu e de tal forma que eu não queria que terminasse ali.</i> (LD) • <i>Eu acho que é essa uma das coisas que aconteceu com essa bailarina, e eu já dancei muitas vezes, já danço há muitos anos, e aquilo que ela esteve a falar, uma série de coisas, eu quando fui fazer a aula aquilo foi muito útil.</i> (LA) • <i>Queria também não só estabelecer este diálogo de saber como é que ela vivia isto, mas também de eu própria poder partilhar a minha experiência também.</i> (LC) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Foi de fato um encontro privilegiado que eu não vou esquecer tão depressa e fiz questão nos dias a seguir falar a toda gente e de mostrar as fotografias ... continua a fazer eco um mês depois.</i> (LD) • <i>... ainda há pouco tempo falei da Sofia (Livro Obesa) ... Esta relação de pensar. Como é que está a Sofia...</i> (LC) • <i>Claramente, eu olho para as tatuagens de outra maneira completamente diferente, sou muito mais atenta.</i> (LPC)

Um ponto a ser sublinhado é a comprovação do facto de que é preciso viver a experiência, por um lado, e que a replicação da experiência pela palavra, ou seja, contada e não vivenciada diminui a sua potencialidade. Poderá gerar curiosidade, por certo, mas há obstáculos que devem ser considerados: *Algumas pessoas ficaram curiosas com o projeto.* (LD) No caso da leitora que leu o Livro Tatuado, a repercussão da experiência encontrou o silêncio como resposta (*Silêncio. Eu encontrei muitas vezes silêncio*). Poderemos entender que, associado ao silêncio, está intrinsecamente o preconceito – velado, mas ainda sim preconceito.

As narrativas – um mosaico de percepções

Por narrativas, são consideradas não só as histórias contadas pelos livros, mas também: (i) como construíram a relação entre livro-leitor; (ii) a maneira como os leitores contaram a experiência que viveram. A análise da construção da relação livro-leitor, permite perceber a recriação da relação estabelecida entre o livro, enquanto suporte convencional, e o processo de leitura organizada nos seguintes campos: contexto; procedimentos de leitura; similaridade; singularidade. A construção desta relação, nos quatro campos definidos, encontra-se espelhada na tabela 7 pelos excertos de algumas das narrativas dos livros recolhidas nas entrevistas realizadas.

Tabela 7 – Narrativas dos leitores

<p>Contexto</p>	<p><i>E eu acho que o que está por trás é esta ligação com tudo o que está associado à leitura e ao livro e assim abre um novo caminho e abre uma nova caixinha dentro do cérebro. (LC)</i></p> <p><i>Lemos um livro para descobrir caminhos, para descobrir sensações, para descobrir dores, para descobrir amores, descobrir emoções. (LEA)</i></p> <p><i>Por que tu ali escolhes um título e mesmo quando tu gostas muito de um autor, depois vais escolher um título, mesmo que não tenhas sabido nada do livro, o título fascina-te, e depois comesças a ler o livro e até podes desistir completamente daquilo, mas não é à primeira página. (LA)</i></p> <p><i>Esse ritual é determinante, quase como a introdução certa, para depois lermos aquele texto. (LPC)</i></p>
<p>Procedimentos de leitura</p>	<p><i>Eu queria saber mais coisas e queria chegar ao fim do livro e vou ao meio do livro. (LEA)</i></p> <p><i>Olhe, a minha sensação neste momento é tal e qual quando eu acabo de ler um livro que é muito intenso, seja bom ou mau, seja lá de que destino for e que eu não consigo acabar este e começar logo outro. Eu tenho que parar, nem que seja dar uma volta, parar um dia ou dois, e começar outro e foi essa, não dava para ir depois daquela intensidade, tanto que nós ficamos os três à conversa numa mesa. (LR)</i></p> <p><i>Quando tens um livro de papel não vais ao meio do livro procurar, então foi como é que se começa uma conversa do nada com alguém que nunca se viu. (LA)</i></p>

Similaridade	<p><i>Tal como acontece com os livros, de facto é muito semelhante. (LD)</i></p> <p><i>Por que aquilo, às tantas, ganhou um ritmo que é descontrolado e é muito parecido com quando tu estás a ler e tu sabes que tens que terminar, mas não te apetece terminar. Tens que sair do comboio, imagina que vais a ler o livro no comboio, tens que terminar, mas há mais paragens. Portanto, tu podes sempre sair na outra. (LA)</i></p>
Singularidade	<p><i>Não é um livro fechado à sua frente... E de alguma forma podes até acrescentar capítulos ao livro que tens à frente, fazer levantar uma pergunta sobre a qual ele ainda não refletiu. (LD)</i></p> <p><i>A história também pode ser construída, com o que está a acontecer com o leitor naquele momento com o livro. (LC)</i></p> <p><i>Este livro humano é interativo: nós podemos fazer todas as perguntas, podemos ver, podemos cheirar, podemos observar, ou só ficar a ver e também poderemos dosear o tempo que nós queremos, o tempo que nós queremos aprofundar sobre cada um dos assuntos, o tempo de observação também. (LPC)</i></p>

Por sua expressividade e diálogo com a informação sistematizada acima, recria-se o diálogo entre a Leitora Relações Públicas e a Leitora Engenharia Ambiental a propósito da leitura do Livro Transgénero.

LR: *Acho que era um livro que não se acabava de ler.*

V: *Umhas 600 páginas.*

LE: *Umhas 600 páginas a vontade. É ler durante uma semana todos os dias, doze horas por dia.*

LR: *E voltar atrás.*

No que diz respeito a maneira como contaram as vivências, os leitores referiram histórias contadas pelos livros

Já contei a alguém essa coisa dos namorados e das namoradas na tatuagem. Disse: é um rapaz que é tatuador, se ele não fosse tatuador, pressupõe que há ali uma consciência moral, pressupõe qualquer coisa que há ali, que norteia antes de tudo. Tem haver com a moral, com isto que nos guia. (LPC)

Mas também sobre o funcionamento da metodologia

Foi sempre na lógica do isto é tão rápido, funciona rápido, a gente não precisa de explicar que nos vamos relacionar com as pessoas e que vamos falar de coisas que não falamos todos os dias, ou se calhar não vamos falar daquele tema, mas vamos conversar com alguém, vamos estar meia hora a conversar com alguém. (LA)

Poderemos concluir que a implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila garantiu: (i) a criação de um espaço informal e de vivências em que o encontro com o outro foi promovido de forma original; (ii) a transposição das vivências para o quotidiano dos participantes estimulando a reflexão sobre os comportamentos discriminatórios, que embora involuntários, na sua grande maioria, suscitaram um olhar diferenciado pós-participação.

Sendo a reflexão da Leitora Coreógrafa/ professora de dança contemporânea bastante competente para explicitar estes dois pontos:

Por um lado é como se essas pessoas estivessem em “cativeiros” e sentir essa associação com a sociedade, dos becos que existem, da seleção que existe, das fronteiras que existem, veio-me logo assim essa consciência que embora saibamos no contacto direto, aquelas pessoas que são, algumas delas, têm características que eu tenho, aquelas pessoas sou eu também ... mas que há uma diferença – há esta coragem de estar e de partilhar essa generosidade, essa sabedoria e essa experiência de uma forma pública. (LC)

2) Reforçar o lugar da Biblioteca de Marvila como um equipamento cultural que permite acolher a comunidade

A decisão da implementação deste projeto de intervenção teve como um dos objetivos criar as condições para verificar de que forma os participantes da ação seriam motivados para um primeiro contacto com a Biblioteca de Marvila e com a comunidade onde o equipamento está alocado.

Da análise das entrevistas a leitores e livros, é possível perceber que a maioria dos entrevistados conheceu a Biblioteca de Marvila por intermédio da *Biblioteca Humana*: criando as condições – *Era uma biblioteca nova que há muito tempo eu queria visitar* (LD); superando expectativas – *Fiquei muito surpreendida com a dinâmica* (LC);

desmistificando o território – *num espaço que aparentemente é tão inóspito... há aquele edifício ali, que dentro está cheio de vida, de palavras e coisas boas* (LPES).

O facto de estar vocacionada para “desarrumar conceitos” foi percebido pelos entrevistados no primeiro contacto com a comunidade. A originalidade da posição da biblioteca na comunidade foi referida – *um bairro destes ter como ponto uma biblioteca, não é costume, há um clube de futebol, o que há mais nos bairros é um grupo de futebol* (LA), instituindo novas formas de comunicação: *a maneira das pessoas estarem a comunicar deve ter alguma relação com a comunidade.* (LC)

O sentido gregário da Biblioteca de Marvila, por outras palavras, de “juntar a comunidade”, foi explicado pela associação do equipamento à palavra “casa” – *É uma espécie duma casa, uma casa para as pessoas; para uma série de miúdos; para uma série de adolescentes.* (LPC) A metáfora da “casa-biblioteca” (LPES) une a *Biblioteca Humana* e o equipamento cultural em análise – *a casa-biblioteca, a casa dos livros; aquela arquitetura, a forma como nós estávamos dispostos e a diversidade entre livros (humanos) que havia: o rapaz tatuado/ o tatuador; o jornalista, etc.* (LPES)

No que diz respeito ao “tirar ideias da prateleira”, são múltiplas as referências dos entrevistados sobre esta contingência da *Biblioteca Humana* beneficiando da partilha da nomenclatura e universo da biblioteca convencional.

Essa coisa de encarar a biblioteca de uma forma diferente e depois é assim, nós consultamos é os livros: mas eu sou livro, vou ser requisitada, que coisa estranha! (LOb)

No caso dos alunos da EB 2+3, pela contiguidade espacial com a biblioteca, os questionários objetivaram, não o primeiro contato, mas sim a continuidade deste, por um lado e, por outro, o potencial de aprendizagem vivido. É possível afirmar que da análise dos questionários se consegue estabelecer um tripé: experimentar, aprender, desmistificar, concorrendo para isso algumas afirmações dos alunos que reforçam a ideia da experiência de encontro com o outro (*Gostei de falar*); em que se pode aprender (*Aprendi muito sobre o teatro e o que se faz*); e com potencial desmistificador (*Aprendi a ajudar mais pessoas e não julgar as pessoas pela aparência*).

A análise da programação²⁰³ do Festival MURO, para além de contar com a sessão inaugural (projeto piloto) aberta ao público da *Biblioteca Humana*, disponibilizou uma multiplicidade de eventos e possibilitou a aproximação de um público que visitou a freguesia de Marvila pela primeira vez e em consequência a biblioteca. Identifica-se uma possível associação, do público não-residente, deste equipamento cultural a um espaço de arte urbana confirmando a afirmação de Newman²⁰⁴ (2008, p.15) “uma biblioteca que nem parece uma biblioteca”.

Poderemos concluir que pelos instrumentos de avaliação eleitos (entrevistas, públicos, programação), a biblioteca de Marvila assume-se como ponte com a comunidade em que está inserida: reforçando a identidade local e ampliando a oferta cultural. Naturalmente, e pelo tempo recente de implementação, compete-nos afirmar que o processo ainda está em curso e que as bases do equipamento sejam estruturais, quer simbólicas estão em construção.

Como metodologia de intervenção num território de vulnerabilidade social a *Biblioteca Humana* constitui-se como uma original e criativa forma de reconhecimento do outro como interlocutor essencial na construção de uma sociedade em que “lugares comuns” são identificados e partilhados, não obstante a herança social ou de um certo determinismo. A análise de conteúdo das entrevistas aos livros e leitores das sessões implementadas no âmbito do Festival MURO, indicam o reconhecimento da inovação social associada à metodologia da *Biblioteca Humana* ao considerarmos os elementos distinguidos no conceito, que para discussão dos resultados, retomaremos.

Uma nova solução ou uma modificação de algo já existente, orientada para a resolução de problemas coletivos, originados nos diversos setores, privado, público e sociedade civil ou na sua interconexão, onde os atores intervêm em rede de forma participativa, visando satisfazer as necessidades não atendidas nem pelo mercado nem pelo Estado, promovendo a inclusão social e emancipação dos indivíduos, transformando as condições de desenvolvimento de um determinado território. (Pacheco & Santos, 2015, p.18). No que diz respeito ao primeiro ponto deste conceito (uma nova solução ou uma modificação de algo já existente), as respostas dos leitores sobre as expectativas a partir do conceito de uma biblioteca que é humana são claras

²⁰³ Consultado em: <http://festivalmuro.com/wall/3773>

²⁰⁴ Consultado em: Programa Estratégico Biblioteca XXI – Câmara Municipal de Lisboa

quanto à inovação da metodologia, no sentido em que, por oposição, caracterizam-na como algo muito próximo da leitura convencional de um livro (Tabela 8)

Tabela 8 - Percepções dos leitores sobre o conceito de *Biblioteca Humana*

<p><i>Em vez de eu estar a ler páginas de um livro, eu vou ler um livro através das palavras da pessoa que está à minha frente (LEA)</i></p>	<p><i>Uma palestra; uma leitura em voz alta; uma mesa redonda em que cada um vai falar e pode haver perguntas do público (LD)</i></p>	<p><i>Pessoas que escreveriam histórias sobre elas, mas que o meio seria sempre ler (LC)</i></p>
<p><i>Pessoas que contavam histórias de vida em que se podia enquadrar numa comédia, num romance, num drama, num filme de terror (LRP)</i></p>	<p><i>A possibilidade de estar a falar com alguém que tinha a mesma capacidade que uma biblioteca tem que me dar a mim (LR)</i></p>	<p><i>A ideia de que o livro é uma pessoa, e ela é todo um conhecimento muito particular, único, e mais do que o livro (LPC)</i></p>

O conceito da pessoa-livro é pouco explorado pelos leitores,²⁰⁵ sendo a “leitura” o suporte mais identificado com a experiência (*o meio seria sempre ler; uma leitura em voz alta; eu vou ler um livro através da pessoa que está à minha frente*).

As apresentações dos “livros” (sinopses) são igualmente indicativas desta inovação, no sentido em que demonstram o posicionamento dos participantes perante esta configuração original. Como ser “livro”?

No caso do livro – Professora do Ensino Superior a ligação com o universo da literatura foi uma das linhas que combinou-se com a liberdade de escrita que pretendia, igualmente, cativar a curiosidade dos alunos que participaram na sessão exploratória.

Tenho uma irmã mais velha e, quando eu era pequena, a minha irmã insistia em ler em voz alta as passagens preferidas dos livros que lia. (LPES)

Se tivesse oportunidade de viver outras vidas (para além das personagens que invento/escrevo ou que interpreto) gostaria de ser um corvo, um unicórnio, de tocar violoncelo, de desenhar muito bem e de saber cantar. Não necessariamente tudo ao mesmo tempo. (LPES)

É perceptível, nesta afirmação, uma desconstrução que se aproxima do conceito de inovação – sendo possível ousar no discurso.

²⁰⁵ Com exceção da leitora (LPC) por ter conhecimento de projetos performativos semelhantes.

Por sua vez, o Livro *Obesa*, embora tendo usado uma linha cronológica para se apresentar (nascimento, infância, adolescência, idade adulta, a caminho da idade maior), posiciona-se com uma narrativa original e inovadora descrevendo a sua adolescência da seguinte forma

Turbilhão típico. Aumentou a ocupação do meu espaço até porque o meu corpo também, era então uma mulherzinha grande. Corpo imagem de marca. No meu caso junte-se personalidade de marca. Não me lembro do meu volume ter sido impeditivo de algo, se fui alvo de preconceito, que fui certamente, a minha personalidade divertida e criativa preocupou-se com outros assuntos. Amigos, amores, viagens ... Mas o meu asco a rótulos deve ter ficado desses tempos... por isso garrafas não se sintam despidas e roupas sobrevivam sem etiquetas. E adoro a palavra NÃO, e consigo-a pronunciar lindamente! (LOb)

A referência aos “rótulos” é importante, não só pelo fato de ser uma metodologia de inovação social com o objetivo de desconstruí-los, mas como uma “marca” de “inclusão social e emancipação do indivíduo” (Pacheco & Santos, 2015, p. 18). É do Livro *Obesa* a afirmação: *Porque gorda é uma característica minha, mas eu tenho outras*, concorrendo para a ideia da inovação social como um enquadramento que permite a emancipação do indivíduo perante as balizas impostas pela sociedade.

Na génese da inovação social está a criação de novas soluções mobilizando os indivíduos, que de forma colaborativa, pretendem dar respostas às necessidades sociais. Neste sentido, a inovação social poderá ser entendida como uma ferramenta de transformação social.

Considerando que a palavra “ferramenta” foi associada à *Biblioteca Humana* pelos leitores poderemos perceber a ideia da inovação social que é constitutiva à esta metodologia: *Isso (a Biblioteca Humana) fica como uma ferramenta para pensar.* (LA)

Para refletir, como uma forma de projetar a ação, mas também como comunicação que impele à ação: *acho que é mesmo uma ferramenta muito poderosa por que está a se sentir ali as coisas em tempo real e de ser humano para ser humano. É um tipo de comunicação que a mim faz sentido por que acrescenta, que preenche.* (LC) Contudo, é imperativo clarificar que, não obstante, a confirmação pela maioria dos leitores que a metodologia funciona, por seu diálogo numa dupla acepção: 1) por ser o diálogo entre livros e leitores o suporte da experiência; 2) pela sua aproximação, enquanto metodologia, da proposta da inovação social, fica clara a necessidade do

“treino” que reporta a Leitora Antropóloga – *Eu acho que essas ferramentas de nos posicionarmos de outra maneira, têm que ser muito treinadas, para implicar mudança, tem que haver muito treino.* (LA)

Concluimos que “Não julgar um livro pela capa” e remetendo ao convite proposto pela *Biblioteca Humana*, é uma metodologia inovadora, facilmente replicada, e disposta a promover o encontro com o outro através das nossas inquietações e assim acolher uma comunidade.

But before you come to any conclusions
Try walking in my shoes
Try walking in my shoes
(Depeche Mode. 1993, Walking In My Shoes)

A ÚLTIMA PÁGINA (ou um novo começo)

Um projeto de intervenção pretende criar novos itinerários - como afirma Bosi (1992, p.112), “uma infinidade de caminhos” contraposto aos caminhos conhecidos, viciados, por vezes, e por natureza, limitadores. Seguros, por certo, especialmente em comunidades em que a vulnerabilidade, para além de ser uma marca, é uma condição. Nesta variável, a clivagem entre “nós e os outros” institui-se como balizas, barreiras, fronteiras que implicam o afastamento.

Um projeto de intervenção comunitária é uma nova cartografia, como diz Manguel (2015) em que conseguimos imaginar um caminho a partir do que já foi traçado, anteriormente, incorporando a história prévia do território, criando um chão comum.

A Biblioteca de Marvila, enquanto equipamento cultural, parte destes pontos aflorados por Bosi e Manguel, ao revitalizar uma antiga quinta, conservando um lugar de azeite no centro da estrutura, e construir um edifício de raiz para acolher ações de formação e ensaios. O que se lê, e para introduzir a metodologia da *Biblioteca Humana*, é a proposta de uma combinação harmónica entre memória e expectativas.

A relação entre um livro e um leitor, é acima de tudo, uma relação de conhecimento que poderá contemplar os mais diversos sentimentos – desde o amor ao ódio, passando por picos de alegria e espaços para a tristeza – acima de tudo, sentimentos humanos. Numa biblioteca em que os livros são seres humanos, sujeitos de preconceito, estereótipo e comportamentos discriminatórios, para além do respeito pela história prévia, há a oportunidade de “editar” em tempo real, num enquadramento protegido, uma relação entre seres humanos. Lê-se e é se lido!

Para além da universalidade da metodologia da *Biblioteca Humana*, que nos indica que há, verdadeiramente, pontos que constituem a nossa humanidade e nos colocam em relação, não obstante as diferenças de várias ordens, a análise de conteúdo das entrevistas a livros e leitores, permitiu perceber que:

- 1) a metodologia funciona;
- 2) o treino social afina a metodologia;
- 3) ecoa no quotidiano dos participantes.

Sobre o propósito de colocar bibliotecas em relação por uma comunidade, poderemos afirmar que a confluência de objetivos entre a *Biblioteca Humana* e a Biblioteca de Marvila anteriormente explicitados, criou as condições ideais para a sua implementação, potenciando uma replicação nas outras bibliotecas que compõem a Rede de Bibliotecas de Lisboa.

No que diz respeito à validação da hipótese que sustenta esta argumentação, poderemos concluir que a originalidade do equipamento cultural em análise (primeira biblioteca âncora); o facto de estar alocado no centro da vida da comunidade; a sua contiguidade com a EB 2+3; a intencionalidade da programação gizada para a comunidade e para manifestações e linguagens artísticas associadas aos bairros como o graffiti, o hip-hop; faz deste equipamento um centro cultural de proximidade que agita e movimenta o território em que está inserido. Parece-nos contundente e globalizante a afirmação que se segue:

O projecto *Biblioteca Humana* assume-se como um instrumento poderoso de combate ao isolamento e à exclusão social . . . permitindo à Biblioteca Municipal de Marvila cumprir a sua missão no combate à iliteracia e ao isolamento social, de um modo integrado e consistente, facilitando a vontade de participação da população de uma área particularmente desfavorecida, em termos de acesso social, à oferta cultural existente na cidade de Lisboa.²⁰⁶

²⁰⁶ Para efeitos da tese, foi selecionado um trecho sendo o texto original transcrito aqui: "Quebrar barreiras tão sólidas quão, muitas vezes, imperceptíveis – como são o preconceito e a desconfiança sobre o que é menos conhecido – é uma tarefa árdua mas essencial no desenvolvimento de uma sociedade mais esclarecida, integradora e feliz. O projecto *Biblioteca Humana* assume-se como um instrumento poderoso de combate ao isolamento e à exclusão social, enquanto estimula o diálogo e a aproximação, propiciando a participação e a partilha de quem, por inúmeras razões, é frequentemente alvo de julgamentos errados e discriminatórios por parte da comunidade onde vive. Constitui ainda um meio de formação e crescimento

Esta afirmação é referente ao prémio obtido no Prémio Acesso Cultura – Acessibilidade Social à Biblioteca Municipal de Marvila pelo projeto *Biblioteca Humana*. Concorre, portanto:

1. Para a validação da problemática de que os equipamentos culturais são mediadores na intervenção comunitária (cumprir a sua missão no combate à iliteracia e ao isolamento social);
2. Para a confirmação de que colocar estes dois equipamentos em diálogo e sinergia foi uma aposta metodológica acertada

Para além dos pontos referidos, reconhece o território enquanto vulnerável (*uma área particularmente desfavorecida*) e associa duas dimensões da vida humana: a social e a cultural. Esta validação externa, agrega assim, em moldes de reflexão final, o alcance de um projeto de intervenção comunitária e da própria discussão da intervenção comunitária.

Considerando, por um lado, a recente entrada em funcionamento da Biblioteca de Marvila, ainda não nos será possível formular considerações mais profundas e sistémicas sobre as dinâmicas de relação instituídas pelo equipamento no território. Contudo, é necessário reconhecer a força de atração que o edifício exerce sobre os residentes daquela comunidade.

A ideia de uma “casa” associada à Biblioteca de Marvila é, por um lado, a consagração da necessidade de acolhimento quando se pensa em intervenção comunitária e, por outro, garantia de que será um local de encontro.

E há uma ideia de futuro que é transversal às leituras, aos leitores e aos “livros” que poderá ser resumida no posicionamento enquanto livro e residente no território de investigação do Tatuador/tatuado: ele próprio um mediador entre dinâmicas de resistências e mudanças.

peçoal, permitindo à Biblioteca Municipal de Marvila cumprir a sua missão no combate à iliteracia e ao isolamento social, de um modo integrado e consistente, facilitando a vontade de participação da população de uma área particularmente desfavorecida, em termos de acesso social, à oferta cultural existente na cidade de Lisboa. Parece-nos, pois, que este projecto se assume como um trabalho alargado e muito meritório que promove a proximidade e quebra as barreiras do preconceito e do isolamento, pelo que, sendo tal o cerne dos propósitos da acessibilidade social, o Júri decidiu por unanimidade atribuir o Prémio Acesso Cultura – Acessibilidade Social à Biblioteca Municipal de Marvila pelo projecto *Biblioteca Humana*."

Ao aproximar-se do fim e já como uma reflexão e produto da minha vivência pessoal no(s) terreno(s) de intervenção²⁰⁷, elejo a continuidade dos projetos de intervenção comunitária, esta linha que não necessita de ser linear, mas sim constante abrindo espaços para as vivências da alteridade, permitindo “balões de oxigênio” (é assim que percebo a cultura e as manifestações artísticas subjacentes) para que micro-processos de transformação social aconteçam e sejam reconhecidos pela sua importância no quotidiano, como uma das minhas preocupações.

Preocupam-me as fronteiras, mas especialmente as impercetíveis, que segregam, mas sem deixar rastros. Estas linhas, finas quase transparentes, que projetam no terreno, territórios de fronteira e de vulnerabilidade. E por território, concebo não só o físico (chão e corpos), mas o psicológico, social e afetivo.

A imersão natural e consequente nos temas afetos a este projeto de intervenção comunitária, permitiu-me, para além de reflexões de vária ordem, o confronto necessário com a ideia de uma humanidade.²⁰⁸ Seria mais factível falarmos de humanidades, assim como falamos no plural do conceito de comunidade e de cultura? Haverá uma linha (ou mais) que nos unirá, ou serão pontos de interseção em que nos cruzamos na nossa prerrogativa de seres humanos? Será no encontro que nos reconhecemos?

Do caminho percorrido, ficam algumas respostas, mas especialmente inquietações e “estranhamentos”.

Posto isto, finalizo este itinerário profundo com a recomendação de que os equipamentos culturais, pelo seu compromisso com a cultura, deverão assumir-se como facilitadores para que o “estranhamento”, próprio da aproximação do ser humano ao que é da arte, ao que é da cultura, não erga muros intransponíveis.

Assim, como o *indez*, de que falava Bartolomeu Campos de Queiroz, seja uma porta aberta para a curiosidade.

²⁰⁷ Como territórios de intervenção (para além do objeto de investigação da presente tese), entendo os que durante o processo de investigação e escrita da presente tese constituíram-se enquanto subsídios e inspiração. Identifico a participação no ERASMUS +, Anexo Ad (pág.183) e a mediação no processo de implementação da *Biblioteca Humana* (Living Library) por alunos da unidade da Licenciatura de Animação Cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa, Anexo Ac (pág.182)

²⁰⁸ Consultar: Anexo Ae (pág. 184) sobre o documentário *Human*.

REFERÊNCIAS

- Abramovic, M. (2015). *Uma arte feita de confiança, vulnerabilidade e ligação*. TED Talks. Consultado em: https://www.ted.com/talks/marina_abramovic_an_art_made_of_trust_vulnerability_and_connection?language=pt
- Alexandre, M. (2004). Representação Social: uma genealogia do conceito. Consultado em: https://www.sinpro-rio.org.br/site/admin/assets/uploads/files/7e657-gomes_marcos-alexandre-de-souza-representacao-social_-uma-genealogia-do-conceito-comum-23.pdf
- Alter, N. (2005). *L'innovation ordinaire*. Paris: PUF
- Alves, R. (2008). *Ostra Feliz não faz pérola*. São Paulo. Planeta.
- Amaro, R. R. (2003). *Desenvolvimento - um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria*. *Cadernos de Estudos Africanos*, (4), 35-70.
- Ander-Egg, E. (2006). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Madrid. Editorial CCS.
- Antunes, R. (2017, 15 de julho). Ordem vai abrir inquérito a Gentil Martins por dizer que homossexualidade “é uma anomalia”. Observador. Consultado em: <https://observador.pt/2017/07/15/ordem-vai-abrir-inquerito-a-declaracoes-de-gentil-martins-por-dizer-que-homossexualidade-e-uma-anomalia/>
- Appadurai, A. (2000). *Grassroots Globalization and Research Imagination*, in *Public Culture*12(1) (pp. 1-19). Nova Yorke: Duke University Press.
- Associação o direito de aprender. (2003). *Uma Biblioteca Humana*. Consultado a 7 de janeiro de 2017, em <http://www.direitodeaprender.com.pt/artigos/uma-biblioteca-humana>.
- Barbosa, M. (2016, 27 de junho). Aqui vai nascer o maior hub criativo e empreendedor nacional. Dinheiro Vivo. Consultado em: <https://www.dinheirovivo.pt/fazedores/galeria/aqui-vai-nascer-o-maior-hub-criativo-e-empreendedor-nacional>

- Barros, R. (2017). Desafios epistemológicos e metodologia de intervenção da pedagogia-educação social—reflexões numa zona de fronteira/Epistemological challenges and methodology for intervention of social pedagogy-education—reflections in a border zone. Consultado em:
<http://revista.esepf.pt/index.php/sabereducar/article/view/252/293>
- Barthes, R. (1987). O prazer do texto. Consultado em:
<https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3107/BARTHES-Roland-O-Prazer-Do-Texto.pdf>
- Bignetti, J.P. (2011). As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. Consultado em:
http://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/1040
- Brenman, I. (2012) *Através da vidraça da escola*: formando novos leitores. Belo Horizonte: Aletria.
- Bober, P. & Hemmendorff, E (Produtor) & Ostlund, R. (Realizador). (2017). O quadrado. [Filme]. Suécia, Alemanha, França, Dinamarca: Plattform Produktion.
- Bojunga, L. (1994). *Livro: a troca*. Consultado em:
<http://www.casalygiabojunga.com.br/pt/livroatroca.html>
- Bonacho, F. D. R. F. (2013). A leitura em ambiente digital: transliteracias da comunicação (Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa). Consultado em:
<https://run.unl.pt/handle/10362/10379>
- Bosi, C. (1992). Entre a opinião e o estereótipo. *Novos Estudos - CEBRAP*, (32).
- Botelho, I. (2003). Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. *Revista Espaço e Debates*, 43-44.
- Botelho, I. & M. C. Oliveira (2010). *Centros Culturais e a Formação de Novos Públicos*. Consultado em: <https://pt.scribd.com/document/120292895/Isaura-Botelho-Centros-Culturais-e-a-Formacao-de-Novos-Publicos>
- Bougard, J. & Malta, J.C (2016, 4 de março). *Marvila: o lado invisível de Lisboa*. Consultado em:
http://rr.sapo.pt/especial/48500/marvila_o_lado_invisivel_de_lisboa

- Calvino, I. (1991). *Pôr que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, I. (2000). *Se um viajante numa noite escura*. São Paulo: Companhia das Letras
- Câmara Municipal de Lisboa. (2017). *Estratégia de Cultura para a Cidade de Lisboa 2017*. Lisboa. Consultado em:
http://www.cmlisboa.pt/fileadmin/VIVER/Cultura_Lazer/ESTRA_CULTURA_LISBOA_2017_01.pdf
- Câmara Municipal de Lisboa (2012). *Programa Estratégico Biblioteca XXI. Proposta de requalificação da rede de biblioteca municipais de Lisboa*. Consultado em:
<http://www.cm-lisboa.pt/servicos/noticias/detalhe-da-noticia/article/programa-estrategico-biblioteca-xxi-visa-a-recuperacao-e-alargamento-da-rede-de-bibliotecas-da-ci>
- Caride Gómez, J. (2009). Elogio de la Pedagogía Social: acerca de los nuevos y viejos desafíos de la educación social. Consultado em:
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/391>
- CESIS. (2013). *Projeto Espiral*. Consultado em:
http://www.cesis.org/admin/modulo_news/ficheiros_noticias/20130306111219-1marvilaboagente.pdf
- Coelho, T. (1997). Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras.
- Comunidade. In *Que Conceito*, Consultado em 8 de dezembro de 2017 em:
<http://queconceito.com.br/comunidade>
- Costa, P. Rodrigues, V. & Martins, M. (2015). Políticas Culturais para o desenvolvimento. Conferência Artemrede. In P. Costa (Coord.), *Introdução: Políticas culturais, territórios e desenvolvimento* (pp. 8-17), Santarém: Arteemrede.
- Costa, P. (2015). Políticas Culturais para o desenvolvimento. Conferência Artemrede. In P. Costa (Coord.), *Políticas culturais para o desenvolvimento dos territórios: alguns elementos de síntese* (pp. 110 – 132). Santarém: Arteemrede.
- Costa, P. (2007). *A cultura em Lisboa: competitividade e desenvolvimento territorial*. Lisboa: Imprensa de ciências sociais.
- Council of Europe – Youth Department (2011). *Don't judge a book by it's cover: The Living Library Organiser's Guide 2011*. Budapest: Council of Europe Publishing.

- Coutinho, M.C. (2013) *Metodologia de Investigação*. Coimbra: Almedina
- Culture 21. (2004). *Agenda 21 para a cultura*. Consultado em:
http://www.agenda21culture.net/sites/default/files/files/documents/multi/ag21c_pt.pdf
- Chimamanda, A. (2009). *O perigo da história única*. TED Talks. Consultado em:
https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt
- Cruz, A. (2016). *Mil anos de esquecimento*. Lisboa: Alfraguara.
- Damásio, A. (2017, 23 de setembro). António Damásio em Lisboa: cinco frases marcantes do cientista. *Jornal de Notícias, Notícias Magazine*.
Consultado em:
<https://www.noticiasmagazine.pt/2017/antonio-damasio-lisboa-cinco-frases-marcantes-do-cientista/>
- Desenvolvimento. In *Conceito*. De. Consultado em 08 de Dezembro de 2017 em:
<https://conceito.de/desenvolvimento>
- Dínamo (2016). COMPASS. Manual para a Educação para os Direitos Humanos com jovens. (2.ª ed.), (pp.601-602). Lisboa. Guide.
- Eco, U. (1991). *A biblioteca* (2.ª ed.), (M. L. Freitas, Trad.). Lisboa: Difel.
- Featherstone, M. (1990), *Global Culture: An introduction*, in *Theory, Culture and Society*, vol. 7 (pp.1-14). Londres: Sage Publications.
- Featherstone, M. (1997), *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. In Fortuna, C. (Org.), *Culturas Globais e Culturas Locais* (pp. 83-103). Oeiras: Celta.
- Ferrão, J. (2015). Políticas Culturais para o desenvolvimento. Conferência Artemrede. In P. Costa (Coord.), *Cultura e território: Como tornar mais eficiente uma política "fraca"?* (pp. 85-89), Santarém: Arteemrede.
- Ferreira, F., Nave, Kassan (2017). Génios Invisíveis [Gravado por Emicida, Rael, Capicua, Valete]. In *Língua Franca* [CD]. Lisboa: Sony Music.
- Figueiredo, I. (2016). *A gorda*. Alfragide: Caminho.

- Fortuna, C. (Org.) (1997) *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaio de Sociologia*, Oeiras: Celta (original de 1993), pp. 83-103.
- Freire, P. (1994) *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Consultado em:
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf
- Goldstein, I. (2013). Revista Observatório Itaú Cultural, Arte, Cultura e Formação (pp. 79-88), São Paulo: Itaú Cultural.
- Graeff, L., Waismann, M., & Berg, O. A. (2014). Equipamentos culturais na região metropolitana de Porto Alegre: desafios e possibilidades de avaliação a partir das metas do plano nacional de cultura. *Políticas Culturais em Revista*, 8(1), 206-221.
- Guerra, I. (2002). *Fundamentos e processos de uma Sociologia de ação – O planejamento em Ciências Sociais*. Estoril: Principia.
- Guerra, I., Pinto, T., Martins, M., Almeida, S., & Gonçalves, A. (2010). À Tona de água. Retratos de um Portugal em Mudança. *Lisboa: Tinta da China*.
- Hansen, J. A. (2013). *O que é um livro*. São Paulo: SESC.
- Holden, J. (2015). Políticas Culturais para o desenvolvimento. Conferência Artemrede. In P. Costa (Coord.). *Valorizando as artes e a cultura* (pp. 39-54), Santarém: Artemrede.
- Jacquard, A. (1997). *Pequeno manual de Filosofia para uso dos não-filósofos*. Lisboa: Terramar.
- Kelly, J. C., Snowden, L. R., & Munoz, R. F. (1977). Social and community intervention. *Annual Review of Psychology*, 38, 323-361.
- Lafortune, J.M. (2008). De la médiation à la médiacion: le double jeu du pouvoir culturel en animation. Consultado em:
<https://core.ac.uk/download/pdf/59276369.pdf>
- Ledwith, M. (2011). *Community development. A critical approach*. Bristol: Policy Press.
- Mazola, M. A. (1987). *Vaca Profana* [Gravado por Caetano Veloso]. In *Totalmente Demais* [LP]. Rio de Janeiro: Verve Records.

- MacGregor, J.A. (2013). Revista Observatório Itaú Cultural, Arte, Cultura e Formação (pp. 37-42), São Paulo: Itaú Cultural.
- Manguel, A. (1998). Uma história da leitura, (A. Saldanha, Trad.). Lisboa: Presença.
- Manguel, A. (2015). Uma história da curiosidade, (R. Simões, Trad.). Lisboa: Tinta da China
- Marchioni. M. (2007). Comunidad, Participación y Desarrollo. Madrid: Editorial Popular.
- Martinell, A. (2003). Cultura e cidade: uma aliança para o desenvolvimento. A experiência da Espanha. Consultado em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001318/131873por.pdf>
- Martins, M. (2017, junho). Cultura e descentralização. Agenda Cultural de Lisboa, pp. 107-111.
- Miles, M.B., & Huberman, A.M. (1994). Qualitative Data Analysis: An expanded sourcebook. Thousand Oaks, CA: Sage
- Milhões, M. (2010). *Uma biblioteca é uma casa onde cabe toda a gente*. Óbidos: O Bichinho de Conto.
- Modood, T. (2007). *Multiculturalism, A civic Idea*. Cambridge: Polity Press.
- Mota, A (2017, 27 de novembro). Comunicação apresentada no *Opening up to an ERA of Social Innovation Conference*, Lisboa.
- Mota Ribeiro, A. (2013, 10 de novembro). De onde vem Maria Filomena Molder. Público. Consultado em: https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=maria+filomena+molder&btnG=#d=gs_cit&p=&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3ABFpWiZn1RCUJ%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-PT
- Navarro, T. (Produtor) & Vieira, L. (Realizador). (2017). Zona J. [Filme]. Portugal: SIC-MGN Filmes.
- Newman, W. (2008). Third generation public libraries: visionary thinking and service development in public libraries (to 2020) and potential application in Ontario. Consultado em:
http://www.mtc.gov.on.ca/en/publications/third_gen_libraries.pdf.
- Nunes, J. P & Sequeira, A. (2012). O Fado de Marvila. Notas sobre a origem cidadina e o destino metropolitano de uma antiga zona industrial de Lisboa. Consultado

em: <http://journals.openedition.org/sociologico/382> ; DOI :
10.4000/sociologico.382

Observador. (2017, 18 de julho). Caso André Ventura. “Parece que estou a responder ao Hitler”, diz presidente da União Romani

Consultado em: <https://observador.pt/2017/07/18/caso-andre-ventura-parece-que-estou-a-responder-ao-hitler-diz-presidente-da-uniao-romani/>

Palácio, R.J (2013). *Extraordinário*. São Paulo: Intrínseca.

Pallamin, V. (2000). *Arte Urbana; São Paulo: Região Central (1945 - 1998): obras de caráter temporário e permanente*. São Paulo: Fapesp.

Pardo, J. (2010). *Cultura y desarrollo. Un compromiso para la libertad y el bienestar*. In A. Martinell (Coord.), *Reflexiones sobre cultura y desarrollo en el contexto de crisis* (pp. 91-115). Fundación Carolina / Siglo XXI: Madrid.

Pacheco, A. S. V & Santos, M. J. N. (2015). *Inovação social: proposição de um modelo de análise*. In M.J.N. Santos & F.M. Seabra (Coords.). *Inovação Social e Desenvolvimento: Reflexões e Estudos de Caso*. Editora Rh: Lisboa.

Pedroso de Lima, M.L. (2018). *Nós e os outros. O poder dos laços sociais*. Fundação Francisco Manuel dos Santos: Lisboa.

Petit, M. (2010). *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Ed. 34.

Pinto, C. (2015). *Políticas Culturais para o desenvolvimento*. Conferência Artemrede. In P. Costa (Coord.), *Cultura e território: o desafio das ligações* (pp. 90 – 95). Santarém: Artemrede.

Prodac (2015). *Prodac: comunidade em construção*. Lisboa: SCML.

Rádio Renascença. (2017, 11 de julho). Associação da Cova da Moura diz que acusação contra PSP revela que “há justiça”. Consultado em: <https://www.dn.pt/sociedade/interior/associacao-da-cova-da-moura-diz-que-acusacao-contra-psp-revela-que-ha-justica-8628584.html>

Robin, J. (Produtor) & Realizador, Arthus-Bertrand, Y. (Realizador). (2015). *Human* [Documentário]. País de origem: França.

Santos, B. S. (2006), *Globalizations*, in *Theory, Culture and Society*, vol. 2,3 Sage Publications, pp. 339-393.

- Santos, M. (1999, 24 de janeiro). *Os Deficientes Cívicos*. Folha de São Paulo.
Consultado em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs24019917.htm>
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projectos sociais – Casos práticos*. Porto: Porto Editora.
- Tavares, G.M. (2004). *Biblioteca*. Lisboa: Campo das Letras.
- Tavares, G.M. (2016, 13 de junho). *Biblioteca de Bolso*. Consultado em:
<https://soundcloud.com/biblioteca-de-bolso/ep-23-goncalo-m-tavares>
- TSF. (2017, 06 de janeiro). *Marvila entre 18 bairros eleitos pelo El País*. Consultado em: <https://www.tsf.pt/sociedade/interior/marvila-entre-18-bairros-eleitospelo-elpais-5589394.html>
- Vargas-Llosa, M. (2008). *Cartas a um Jovem Escritor: Toda Vida Merece um Livro*. São Paulo: Editora Campus.
- Vasconcellos, M. (2002). *Pierre Bourdieu: a herança sociológica*. Educação & Sociedade, (78) ano XXIII.
- Velho, G. (2001). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
Consultado em:
<https://docs.google.com/file/d/0B5aZ2ta5v6yJb2NOZ25aTIJZSVk/edit>
- Versiani, D. et. al. (2012). *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*. São Paulo: Unesp.
- Vives, A., Pico, A. & Arévalo, E. (2010). *Cultura y desarrollo. Un compromiso para la libertad y el bienestar*. In A. Martinell (Coord.), *Cultura y desarrollo: intersecciones vigentes desde una revisión conceptual reflexiva (pp. 75-115)*, Madrid.
- Wallerstein, I. (1990), *Culture as the ideological Battleground of the Modern World-System*, in *Theory, Culture and Society*, vol. 7, Sage Publications pp. 31 – 55.
- Williams, R. (1958). *A cultura é de todos*, (M. E. Cevalco, Trad.). São Paulo. *Departamento de Letras da Universidade de São Paulo*.
- Xavier, J.B (2016). *A Cultura na vida de todos os dias*. Lisboa: Porto Editora.
- Yin, R. K. (1994). *Pesquisa Estudo de Caso - Desenho e Métodos (2 ed.)*. Porto Alegre: Bookman.

ANEXOS

Anexo A. O território de intervenção

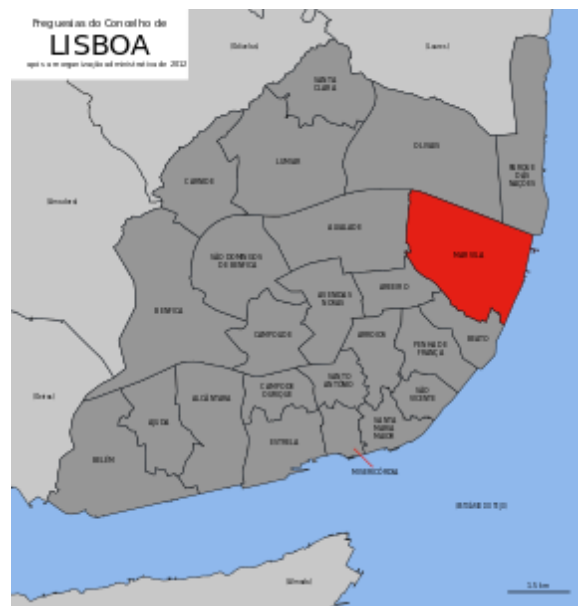


Figura 7. Localização geográfica do território

(Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Marvila_\(Lisboa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marvila_(Lisboa)))

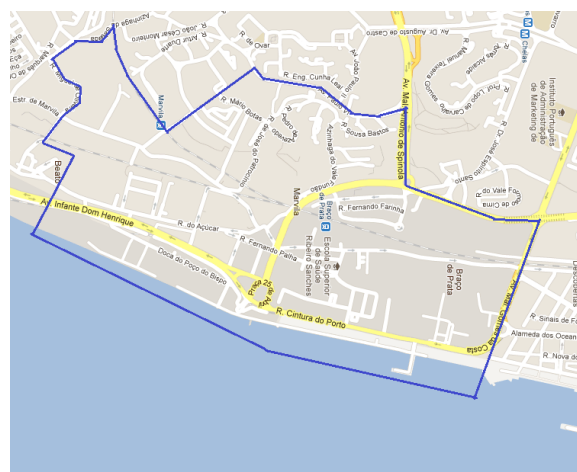


Figura 8. Limites da Freguesia de Marvila

(Fonte: <http://vidaculturayarte.blogspot.com/2013/10/palacio-da-mitra-e-igreja-de-marvila.html>)

Anexo B. Folheto de divulgação institucional da Rede BLX



Bibliotecas de Lisboa

As pessoas fazem a Biblioteca

A Rede de Bibliotecas de Lisboa foi criada em 1883. Com mais de 100 anos, as BLX têm 16 Bibliotecas distribuídas pela cidade de Lisboa e uma Biblioteca Itinerante. Ao longo dos anos, tornaram-se mais ativas e críticas para responder aos desafios do novo século.

Hoje, as BLX são a voz das comunidades. Aqui se cruzam gerações, interesses e expectativas: a alegria das crianças, a irreverência dos jovens, as necessidades profissionais dos adultos e a tranquilidade dos mais velhos.

Têm espaço para livros. Mas também para os negócios, para a arte, para a música e laboratórios experimentais.

São as Bibliotecas do século XXI. Bibliotecas que tiram as ideias da prateleira, desarrumam preconceitos e unem as comunidades.

Figura 9. Folheto divulgação institucional Rede BLX

adaptado do folheto original

Anexo C. Registro Fotográfico do Primeiro Contato da Comunidade com a Biblioteca de Marvila

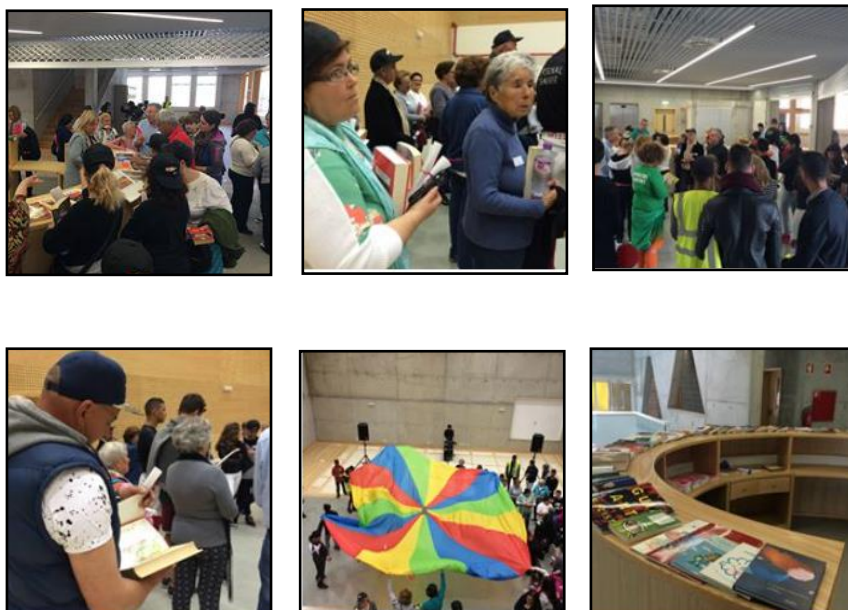


Figura 10. Caminhada promovida pelo 4 Crescente

(Fonte: <https://www.facebook.com/BibliotecasdeLisboa/>)

Anexo D. Programação de Verão Biblioteca (Cultura Hip Hop)



Figura 11. Programação de Verão/ Cultura Hip Hop

(Fonte: fotografias da autora: 25/06/16)

Anexo E. Folheto de divulgação exposição “No rasto da história de Marvila”



No rasto da história de Marvila

Exposição de fotografia

O território da Marvila tem uma história industrial que remonta às manufaturas dos finais do século XVIII, que se desenvolve no século XIX e tem o seu apogeu no século XX. Porém, nas décadas de 80 e 90 deste século, o fecho das fábricas foi sucessivo, nada restando hoje da intensa vida industrial e operária.

A população fixou-se na zona ribeirinha, em vilas e pátios operários, adaptados em edifícios pré-existentes. As fábricas e armazéns vinícolas distribuíam-se ao longo do rio, beneficiando das vias de transporte, do Tejo e dos caminhos de ferro. O crescimento da indústria fabril, sobretudo de maior dimensão, acolheu um número significativo de migrantes. Na ausência de políticas sociais, designadamente de uma política de habitação, cresceram as habitações precárias, sendo o Bairro do Chinês o mais populoso.

Chelas manteve a sua vocação rural. Território de quintas desde a Idade Média, apropriada pela burguesia novecentista, coexistiu com a zona industrial até ao século XX e resistiu até à edificação dos programas de realojamento.

Era intensa a vida operária em Marvila. O movimento operário teve aqui uma expressão muito significativa de organização e de solidariedade. Na Primeira República, os operários de Marvila envolveram-se intensamente na mobilização anarco-sindicalista da Confederação Geral do Trabalho, criando sindicatos, de que se destacaram os corticeiros e os arsenalistas, participando nas greves pela melhoria dos salários e, sobretudo, pela melhoria dos horários e condições de trabalho, que eram extremamente difíceis. A mobilização, a organização, a luta operária e o espírito de classe tinham tradição em Marvila: em 1872, na Fundação da Fraternidade Operária, as primeiras secções são criadas em Marvila, Poço do Bispo e Chelas.

As fotografias da vida nas fábricas, nas ruas e nas quintas tiveram de esperar pelas décadas de 30, 40, 50 e 60, quando Mário Novais registou de forma muito completa o dia-a-dia das maiores empresas, ou de esperar que fotógrafos que faziam o levantamento da zona, sobretudo para efeitos de intervenções, como no caso do plano de melhoramentos do Porto de Lisboa, ou da construção da fábrica da Matinha.

Organização


Apoios
 

Figura 12. Folheto de divulgação exposição inaugural da Biblioteca de Marvila

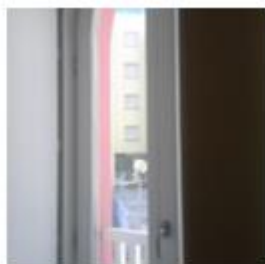
Anexo F. A Biblioteca de Marvila



Figura 13. Biblioteca de Marvila em imagens

(Fonte: <https://www.facebook.com/BibliotecasdeLisboa/>)

Anexo G. Nota de campo



9 de agosto de 2016

De uma das janelas da sala de formação da biblioteca de Marvila, o que se podia ver era o quotidiano. Por outro lado, é inegável (e sentida) a proximidade entre a vida das pessoas e o equipamento. Respiram juntos ...

(Anotação posterior)

Interessava-me perceber o diálogo possível entre territórios e equipamentos (biblioteca e edifícios circundantes).

(Fonte: fotografias da autora, 9 de agosto de 2016)

Anexo H. Cronograma

ATIVIDADE	2016								2017											
	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Identificação do Tema																				
Revisão Bibliográfica																				
Submissão da candidatura à Human Library Org																				
- Apresentação da proposta aos parceiros locais e institucionais; - Compilação dos "Livros"; - Recrutamento/Treinamento de Voluntários (Metodologia <i>Biblioteca Humana</i>)																				
Pré – Piloto: Escola 2+3 de Marvila																				
Projeto Piloto																				
- Sessões Regulares - Avaliação Prévia																				
Conclusão e Avaliação Final																				

Anexo I. Respostas dos alunos da EB 2+3 as perguntas: o que é ser normal e o que não é ser normal

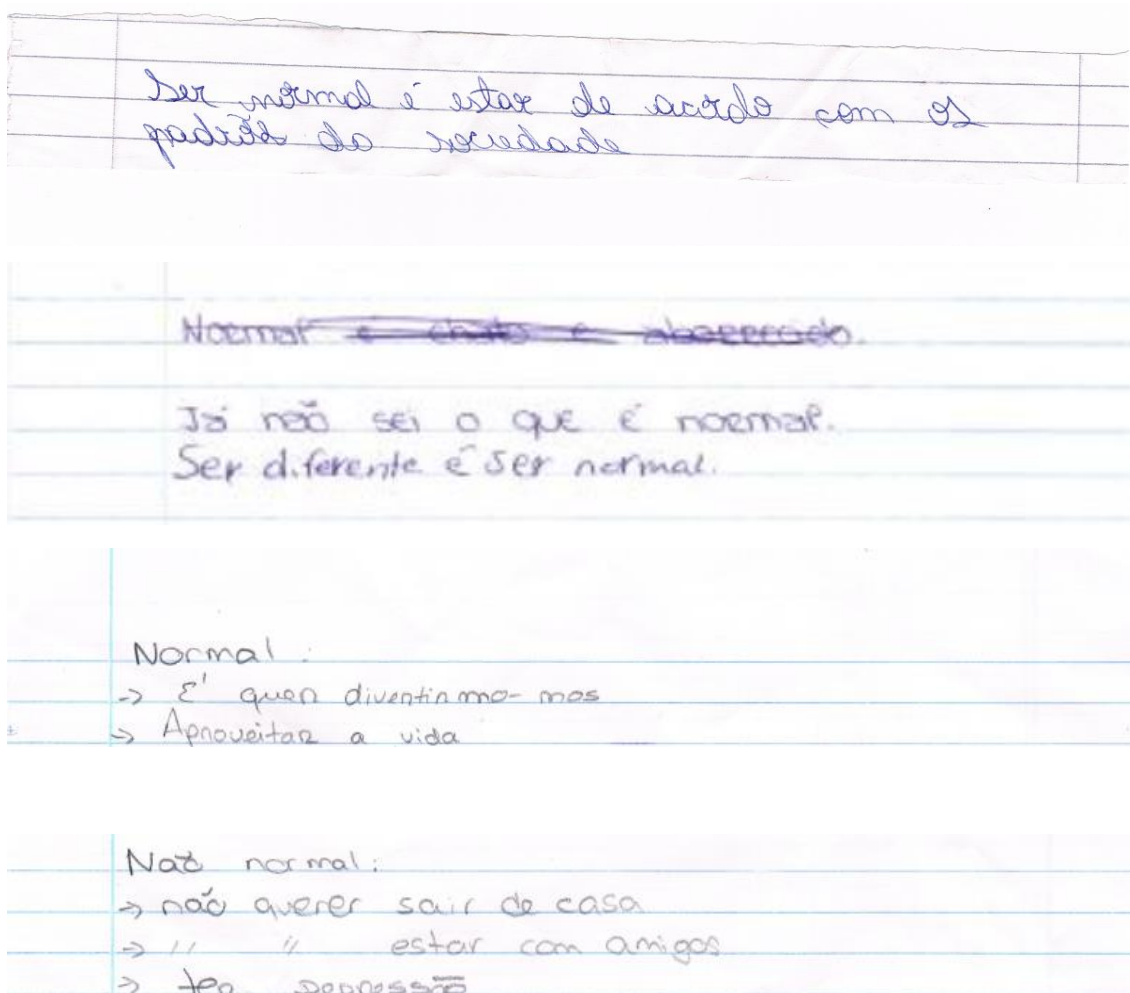


Figura 14. Respostas dos alunos da EB 2+3 as perguntas: o que é ser normal e o que não é ser normal

feliz	Frederico Costa
<p>Ser Normal</p> <p>uma pessoa sem problemas físicos ou mentais - Fabio</p> <p>ter dois olhos - Frederico</p> <p>Saber indentificar os seus próprios defeitos - Sara</p> <p>Saber lidar com os seus próprios defeitos - Dolinda</p> <p>Tornar-se - Raquel</p>	<p>Ser anormal</p> <p>Não ter um olho - Frederico</p> <p>ser anti-social</p>

Figura 15. Respostas dos alunos da EB 2+3 as perguntas: o que é ser normal e o que não é ser normal

Anexo J. Cartaz de divulgação *Biblioteca Humana* Sessão exploratória



Não julgue o livro pela capa.

Imagine uma biblioteca em que os livros são pessoas e ler é uma conversa.

A Biblioteca Humana é um projeto que resulta de um movimento internacional que pretende promover o respeito pelos direitos humanos através da promoção de um diálogo construtivo sobre os estereótipos que frequentemente motivam situações de discriminação contra indivíduos ou grupos.

Venha viver esta experiência inovadora, nos dias 27 e 28 de maio das 15h às 17h, na Biblioteca de Marvila

As pessoas
fazem a Biblioteca



Figura 16. Cartaz de divulgação da Sessão Exploratória

Anexo K. Certificado Livro – Sessão exploratória



**EU SOU UM LIVRO DA BIBLIOTECA HUMANA E O MEU
TÍTULO SERÁ:**

**Biblioteca Humana
20 de abril de 2017, Biblioteca de Marvila**

Anexo N. Direitos dos Leitores



OS DIREITOS DOS LEITORES

Leitores têm o direito de serem tratados com respeito.

Leitores têm o direito de perguntar qualquer questão.

Leitores têm o direito de não responder à alguma questão, se não desejarem.

Leitores têm o direito de finalizar uma questão se desejarem.

Leitores não têm o direito de levar um livro para fora da Biblioteca Humana.

Leitores não têm o direito de “dobrar”, “rasgar”, “anotar”, “tomar notas”, e deve devolver o livro no mesmo estado físico e mental que foi requisitado.

(Adaptado da autora)

(Fonte: Human Library UK)

Anexo O. Livros Sessão Exploratória

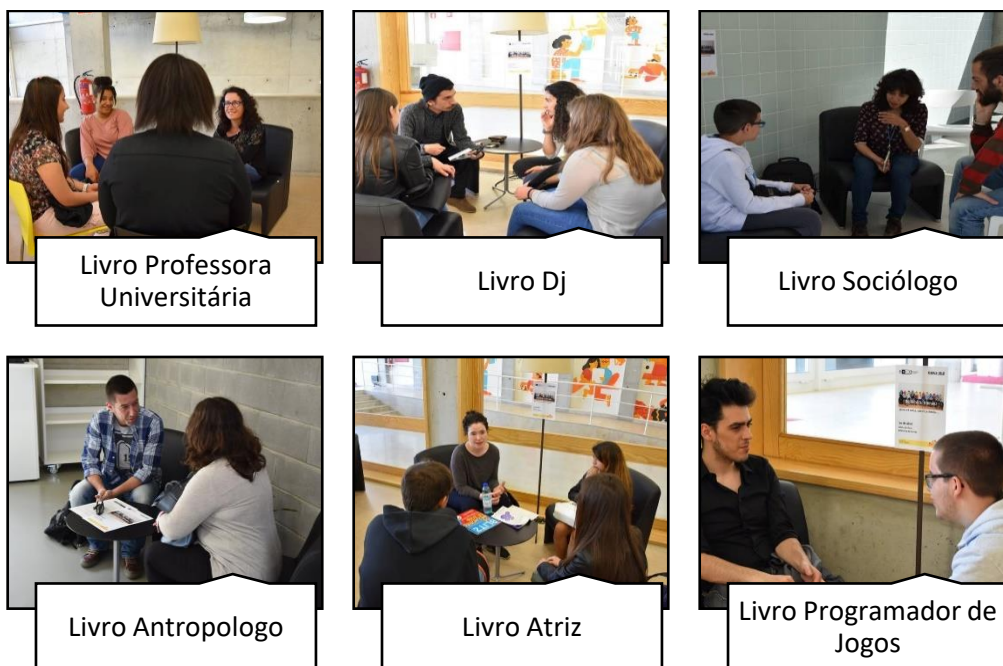


Figura 17. Livros Sessão Exploratória

(Fonte: <https://www.facebook.com/BibliotecasdeLisboa/>)

Anexo P. Divulgação da *Biblioteca Humana* no Festival Muro

festivalmuro.com

FESTIVAL DE ARTE URBANA LX. 2017

MARVILA

25-28 MAIO

STREET ART | MÚSICA
CINEMA | DEBATES

25 MAIO 5ª FEIRA

10h00 / 17h00 | Programas Escolas, Visitas Guiadas e Workshops
10h00 / 18h00 | Underdogs Edition / Exposição Gráfica - **BIBLIOTECA**
17h00 / 18h30 | Muro: Do Bairro Padre Cruz à Marvila - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
Lançamento de Documentário e Catálogo MURO LX 2016
19h00 | Cinema / "Os Invidiosos" Amílcar de Escobar - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**

26 MAIO 6ª FEIRA

10h00 / 17h00 | Programas Escolas, Visitas Guiadas e Workshops
10h00 / 18h00 | Underdogs Edition / Exposição Gráfica - **BIBLIOTECA**
17h00 | Conversas com Arte Urbana / GAZI + GAZI - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
18h00 | Concerto na Empresa / Nostalgia
19h00 | Cinema / "Montanha" João Salgueiros - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**

27 MAIO SÁBADO

10h00 / 18h00 | Underdogs Edition / Exposição Gráfica
10h00 | Agência Calpe / Exposição de Fotografia
10h00 | Visita Guiada de Arte Urbana
11h00 | Workshop de Arte Urbana
11h00 | Showcase / Filiz, Rubra, Zéze, Bahamonte - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
11h00 | Concerto Fantasia / Orquestra Original Bandaheira
12h00 | Visita Guiada de Arte Urbana
14h00 | Workshop de Arte Urbana
14h30 | Há Música no Bairro / Projeto Música Crescente
15h00 | Visita Guiada de Arte Urbana
15h00 | Concerto Fantasia / Orquestra Original Bandaheira
15h00 | Aula Aberta de Skate / Anagão Skate School
15h00 | Espetáculo de Hip-Hop / 191 Trunks - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
19h30 | **Biblioteca Humana** - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
19h30 | Concerto na Empresa / OJ Riot - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
19h00 | Cinema / "Rancido Encarnação" Filipe Melo - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**

28 MAIO DOMINGO

10h00 / 18h00 | Underdogs Edition / Exposição Gráfica
10h00 | Agência Calpe / Exposição de Fotografia
10h00 | Hall of Fame
10h00 | Visita Guiada de Arte Urbana
11h00 | Workshop de Arte Urbana
11h00 | Concerto Fantasia / Orquestra Original Bandaheira
11h00 | Workshop de Pintura T-shirt - **BIBLIOTECA**
12h00 | Visita Guiada de Arte Urbana
12h00 | Concerto Fantasia / Orquestra Original Bandaheira
14h00 | Workshop de Arte Urbana
15h00 | Visita Guiada de Arte Urbana
15h00 | Concerto Fantasia / Orquestra Original Bandaheira
15h00 | Aula Aberta de Skate / Anagão Skate School
15h00 | Workshop de Dança / Zéze, Bahamonte, Filiz, Rubra, Zéze, Bahamonte - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
19h30 | **Biblioteca Humana** - **AUDITÓRIO DA BIBLIOTECA**
19h30 | Concerto / Fozzy / O FORTALEÇA - **ESCALA BARRO**
17h30 | Visita Guiada de Arte Urbana
18h00 | Espetáculo "Lábios e Som" / Herman José e Convidados
19h00 | Cinema / "A Jaula de Ouro" Cláudio Quaresma / Drez

Figura 18. Divulgação Biblioteca Humana no Festival MURO

Anexo Q. Cartaz de Divulgação da Sessão Piloto

BLX BIBLIOTECAS DE LISBOA

HUMAN LIBRARY

BIBLIOTECA HUMANA

Uma Biblioteca onde as pessoas são livros.

27 e 28 maio 2017
15h30 > 16h30

Os empréstimos podem ser renovados por mais 30 minutos

Biblioteca de Marvila R. António Gedeão | 218 173 000 | bib.marvila@cm-lisboa.pt

As pessoas fazem a Biblioteca

LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

Figura 19. Cartaz de Divulgação da Sessão Piloto

BIBLIOTECA HUMANA

SABIA QUE O PRECONCEITO É ...

**FREQUENTEMENTE
CONSTITUÍDO SEM QUALQUER
FUNDAMENTO E, NO ENTANTO,
É ACEITE SEM SER POSTO EM
CAUSA**

BIBLIOTECA HUMANA

SABIA QUE O ESTEREÓTIPO É ...

**UM JUÍZO DE VALOR COM BASE
EM INFORMAÇÃO
INSUFICIENTE QUE PODE
LEVAR AO PRECONCEITO?**

BIBLIOTECA HUMANA

**CONHEÇA OS
NOSSOS LIVROS
AQUI**

Anexo S. Implementando a *Biblioteca Humana*



IMPLEMENTANDO A *BIBLIOTECA HUMANA*- ITINERÁRIO

- Recepção dos leitores no balcão da Biblioteca Humana;
- Apresentação dos catálogos;
- Preenchimento do cartão de empréstimo com o nome do leitor e o livro requisitado;
- Encaminhamento do Leitor ao posto de leitura;
- Encaminhamento do “Livro” ao posto de leitura;
- Leitura dos Direitos dos “Livros” e Leitores:
- Dar início ao empréstimo;
- Após 15 minutos, aproximar-se da conversa e perguntar se está tudo bem;
- Cinco minutos antes do término, avisar os Livros e Leitores da finalização do empréstimo;
- Acompanhar o “Livro” até ao “Acervo”;
- O Leitor poderá aguardar para ser encaminhado ou fazê-lo pessoalmente até ao balcão de empréstimo, onde será “dado baixa” no livro no cartão de empréstimo;
- **Nota:** de acordo com a metodologia da Biblioteca Humana, o empréstimo poderá ser renovado por mais 30 minutos, contudo, e neste caso em específico, para que todos os interessados possam usufruir da experiência de *ser Leitor* numa *Biblioteca Humana*, e os Livros, por sua vez, ter a possibilidade de conversarem com mais leitores, esta regra não será aplicada.

Anexo T. Livros Sessões Festival Muro



Figura 20. Livros Biblioteca Humana - Sessão Inaugural (Projeto Piloto)

(Fonte: <https://www.facebook.com/BibliotecasdeLisboa/>)

Anexo U. Questionário Sessão Exploratória

Caro Leitor (a),

Muito obrigado por responder este breve questionário, partilhar sua experiência na *Biblioteca Humana*: “Quem vê caras, não vê profissões” realizada na Biblioteca de Marvila em 20 de abril de 2017. Seus comentários são muito importantes e este questionário é anônimo.

Idade:

Gênero: __ masculino __ feminino

Nacionalidade:

- 1) Quais profissionais você conheceu (quais “livros” humanos você leu)?

- 2) Você aprendeu algo novo em conhecer os profissionais com os quais conversou?

- 3) Você recomendaria esta experiência aos seus amigos e familiares? Se respondeu afirmativamente, justifique por favor.

- 4) Que profissões você sugeriria para uma próxima sessão?

Muito obrigada por seu tempo e colaboração!

(Construção da autora)

Anexo V. Questionário livro – Sessão piloto



1) Qual foi o título de livro neste evento?

2) Quantas conversas teve com os leitores hoje?

0 1 2

3) No seu papel enquanto Livro, sentiu que transformou os preconceitos e perceções dos leitores?

Sim
 Não

4) No seu papel enquanto Livro, sentiu-se

Seguro? Sim Não

Respeitado? Sim Não

5) Considera que alguma conversa foi desafiante de uma forma positiva?

Sim Não

6) Considera que alguma conversa foi desafiante de uma forma negativa?

Sim Não

7) Sentiu-se incentivado a perguntar alguma questão ao seu leitor?

Sim Não

8) Houve alguma questão que gostaria de ter perguntado a algum leitor e não fez?

Sim Não

9) Em média, quanto tempo duraram suas conversas?

- Menos de 10 minutos 10-15 minutos 15-20 minutos
 20-30 minutos Mais de 30 minutos

10) Considerou o tempo da conversa:

- Suficiente Precisaria de mais alguns minutos
 Precisaria de muito mais tempo Muito longo

11) Como avaliaria sua experiência na Biblioteca Humana?

- Excelente Boa
 Poderia ser melhor Fraca

12) De que maneira a sua experiência como Livro numa *Biblioteca Humana* poderá ser melhorada?

A Biblioteca Humana agradece a sua participação!

(Adaptado pela autora)
(Fonte: Human Library UK/ Human Library)

Anexo W. Questionário leitor – Sessão piloto



1) Quais Livros Humanos leu?

2) Qual foi o motivo da sua escolha?

- Tenho algo em comum com o título
- Conheço alguém que poderia ter este título
- Sei que este título poderá ser estigmatizado pelos media
- Gostaria de transformar as minhas percepções sobre o tema

3) Fez perguntas aos Livros?

- Muitas
- Algumas
- Nenhuma

4) Sentiu-se incentivado a perguntar alguma questão ao seu Livro?

- Sim
- Não

5) Houve alguma questão que gostaria de ter perguntado ao Livro e não fez?

- Sim
- Não

6) Em média, quanto tempo duraram suas conversas?

- Menos de 10 minutos
- 10-15 minutos
- 15-20 minutos
- 20-30 minutos
- Mais de 30 minutos

7) Considerou o tempo da conversa:

- Suficiente
- Precisaria de mais alguns minutos
- Precisaria de muito mais tempo
- Muito longo

8) Concorda com a seguinte afirmação: A *Biblioteca Humana* é uma boa maneira para combater o preconceito, exclusão, estigma e discriminação?

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

9) De que maneira a experiência na Biblioteca Humana modificou o seu olhar sobre situações de preconceito/ estigma ou estereótipo?

- Estarei muito mais atento Estarei mais atento Não sei
 Estarei um pouco mais atento Não modificou
 Estarei menos atento

10) Considera que a experiência na *Biblioteca Humana* modificou a sua opinião em falar mais abertamente sobre preconceito/ estigma ou estereótipo?

- Estarei muito mais atento Estarei mais atento Não sei
 Estarei um pouco mais atento Não modificou
 Estarei menos atento

11) Como avaliaria sua experiência na *Biblioteca Humana*?

- Excelente Boa
 Poderia ser melhor Fraca

De que maneira concorda com as seguintes afirmações:

12) O encontro com um Livro Humano oferta um conhecimento único sobre a vida de uma outra pessoa.

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

13) A metodologia (encontro e diálogo) foi adequada ao evento

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

14) O diálogo com um "Livro Humana promove conhecimento e respeito

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

15) O empréstimo foi uma oportunidade para fazer questões e ganhar conhecimento mútuo

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

16) Um encontro pessoal propicia algo diferente mais do que uma palestra ou apresentação

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

17) É importante ter acesso pessoal e direto ao Livro

- Concordo totalmente Concordo Indeciso
 Não concordo Discordo totalmente

18) Recomendaria esta metodologia de inovação social para outros

- Sim Não

19) Quais Livros Humanos gostaria de ler numa próxima sessão da *Biblioteca Humana*?

A *Biblioteca Humana* agradece a sua participação!

(Adaptado pela autora)
(Fonte: Human Library UK/ Human Library)

Anexo X. Apresentação da *Biblioteca Humana* na 87.ª Feira do Livro (2017)



BLX BIBLIOTECAS DE LUSITANIA

Feira do Livro
1 > 18 junho 2017

87.ª Feira do Livro de Lisboa
Parque Eduardo VII

13
terça
feriado

18h00
Biblioteca Humana
Apresentação Pública | BLX

Numa biblioteca humana, as pessoas 'tornam-se' livros que são 'emprestados' para uma conversa. Esses livros humanos, com diferentes pontos de vista, valores e percursos de vida têm, em geral, uma coisa em comum: por diversas razões foram frequentemente vítimas de estereótipos ou de preconceitos

Stand BLX
Público-alvo: público em geral

Figura 21. Apresentação da *Biblioteca Humana* na Feira do Livro

(Adaptado pela autora)

Anexo Y. A cartografia sensível – o dicionário artístico-literário dos leitores



Figura 22. A cartografia sensível - o dicionário artístico-literário dos leitores

(Fonte: 1. <https://www.hieronymus-bosch.org/>, 2. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pietá](https://pt.wikipedia.org/wiki/Piet%C3%A0), 3. <http://www.fundacaomillenniumbcp.pt>, 4. <http://www.fundacaomillenniumbcp.pt>, 5. <http://alminhaldeia.blogspot.pt/p/noveloteca.html>, 6. <http://www.obichinhodeconto.pt/>, 7. https://www.moma.org/learn/moma_learning/marina-abramovic-marina-abramovic-the-artist-is-present-2010, 8 <http://www.buildingconversation.nl/en/#atlas>)

Anexo Z. *Biblioteca Humana*: Um movimento mundial para a mudança social



Figura 23. *Biblioteca Humana* no mundo

(Fonte: <http://humanlibrary.org/>)

Anexo Aa. Cartografia de um projeto

**CARTOGRAFIA DE UM PROJETO
BIBLIOTECA DE MARVILA - APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS**

Viviane Ferreira de Almeida

PRESSUPOSTO TEÓRICO

A antropóloga francesa Michèle Petit afirma que “a *literatura não é* uma experiência separada da *vida*”. E por literatura não entendo a palavra escrita no papel e sim a multiplicidade de literaturas e leituras que o mundo contemporâneo oferta e exige de seus leitores. Uma biblioteca do séc. XXI percebe-se – em seu momento atual de revitalização de serviços, posturas e atitudes – como um espaço vocacionado para acolher, desenvolver, questionar as práticas culturais da comunidade onde se insere. Entendida como “âncora” e em seu sentido dicionarizado, a palavra nos oferece em seu significado figurado: Esteio; recurso; proteção. Parece-me substancial recordar dessa vocação da palavra para estabelecer as bases de relacionamento com a comunidade que irá recebe-la, nesse caso Marvila, com suas tradições e expectativas de futuro. Delimitei para esse breve estudo as referências a três unidades institucionais – *case study* em que a biblioteca assumiu na sua intencionalidade inicial, o compromisso de uma biblioteca do séc. XXI e a relação com a minha formação acadêmica e experiência profissional e pessoal e a curiosidade que é um elemento balizador da minha investigação:

Três unidades de análise institucional:

Biblioteca-parque, Colômbia

Biblioteca-parque, Rio de Janeiro - Brasil

Fábricas de Cultura, São Paulo – Brasil

Experiência pessoal e profissional como mediadora de leitura e cultural em São Paulo com intervenções e parceria com instituições como EDUCAFRO – Educação para afrodescendentes e carentes, SESC – Serviço Social do Comércio, Museu da Língua Portuguesa e Pinacoteca do Estado de São Paulo – Programa Ações Multiplicadores.

Experiência acadêmica

Pós-graduada em Gestão Cultural pelo Centro de Formação e Pesquisa do SESC São Paulo com a tese de dissertação: “A biblioteca como espaço de fruição e criação cultural e o mediador de leitura como agente de cultura”

Parceria com a Escola Superior de Educação no âmbito do Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária promovido pela Escola Superior de Educação de Lisboa que subsidiará a investigação de acordo com seus objetivos determinados na apresentação do curso:

1. *Atualização em diversas áreas temáticas de grande relevo, com destaque para as seguintes: Cidadania(s), Risco(s) e Diversidade(s); Cultura, Arte e Inclusão; Educação Social: Estratégias de Intervenção; Infância, Juventude e Velhice: Políticas e Práticas.*
2. *Concepção e gestão de projetos ancorados em estratégias de ESIC e suportados por ferramentas dos domínios da arte, cultura e/ou desporto, em contextos de educação não formal (em articulação com a formal), reconhecendo a diversidade de contextos e públicos;*
3. *Investigação científica e intervenção no domínio da ESIC e da sua articulação com outros campos do saber, contribuindo para uma visão/concepção mais alargada e plural da ESIC.*

Por que as bibliotecas da Colômbia funcionam?

Em Bogotá e Medellín, na Colômbia, a bem-sucedida política de implantação de bibliotecas-parque tornou-se referência em desenvolvimento social e enfrentamento à violência urbana. O comprometimento do poder público com a estratégia, no caso de Medellín, investindo 40% do orçamento municipal em educação e 5% em cultura, foi capaz de superar os altos índices de criminalidade pelos quais a cidade tornou-se notória durante os anos 1990.

Regina Scarpa, coordenadora pedagógica da Fundação Victor Civita explica que: “essas bibliotecas parque foram construídas intencionalmente em lugares de muita vulnerabilidade social”

As “armas” decididas pelo governo colombiano de maneira institucional em parcerias privadas foram a educação e a cultura. Uma maneira arrojada, por certo, de enfrentar poderes locais instituídos pela força, medo e a artificial sensação de proteção.

Há nesse projeto um conceito que merece ser observado com atenção redobrada e que dialoga com o conceito de âncora: zona de neutralidade.

Concretizando: a Biblioteca El Limonar fica em Medellín, entre duas comunidades inimigas e com altos índices de violência. Moradores de um bairro não transitam pelo outro, por isso o prédio tem duas entradas e funciona como um território neutro. O convite para frequentá-lo é tão bem aceito que às 8 horas, quando a biblioteca abre, uma das salas já está repleta de adultos para uma roda de leitura.

Esquemmatizando, alguns pontos que constituem a biblioteca-parque na Colômbia:

1. Acervo de ótima qualidade e muito bem conservado;
2. Sala de computadores;
3. Brinquedoteca;
4. Espaço para os eventos da comunidade.
5. Espaços que além de emprestarem livros, são espaços de transformação social.

Chamadas de parques bibliotecas porque além dos livros para leitura e materiais áudio visuais, funcionam como centros comunitários oferecendo treinamento empresarial gratuito, instrução cívica, construção da memória coletiva, atividades que estimulam a criatividade, auditório, galeria de arte, área de jogos para crianças, laboratórios de informática e, uma área externa onde os visitantes podem relaxar.

Ponto uma relação de intenções com o programa das bibliotecas de Lisboa na conjugação dos verbos que acionam os cinco sentidos e entendem o leitor como múltiplo de significações e significados.

Fábricas de Cultura – Quando o edifício se transforma em praça

No âmbito das vivências culturais da pós-Graduação em Gestão Cultural do Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo, oportunizou-se a visita a Fábrica de Cultura do Capão Redondo.

Transcrevo a título de ilustração do impacto que esses equipamentos culturais podem promover, ou melhor, provocar – partindo do pressuposto de que há uma inércia em conteúdos culturais – do email que enviei ao supervisor artístico pedagógico Wilson Julião sobre a minha experiência na biblioteca:

Um grupo de crianças estava sentado ao redor de uma mesa e cada um envolvido em uma atividade: desenho de mangá, lição de casa e leitura.

Conversando com o grupo, um deles referiu-se à biblioteca como dele e o outro rapidamente posicionou-se expandindo a apropriação: "Não é tua! É da comunidade!".

Em um desdobramento intuitivo, referi que se era da comunidade, também era dele.

Pedi para ver os desenhos, perguntei o que estavam lendo e com naturalidade um deles levantou-se e mostrou-me.

Coincidentemente, estávamos lendo a mesma coleção: "Instrumentos mortais", de Cassandra Clare.

Dali, caminhamos em direção dos livros "para crianças", como fez questão de frisar até pra estabelecer um distanciamento, Literatura Brasileira e poesia.

O sentido de pertencimento está garantido, da mesma maneira em que abrimos a porta e mostramos as dependências de nossa casa.

Senti-me acolhida...

Na sua apresentação institucional as Fábricas de Cultura “são espaços com oportunidades de acesso **gratuito** a diversas atividades artísticas. Criadas com o objetivo de ampliar o conhecimento cultural por meio da interação com a comunidade, as Fábricas oferecem cursos e uma programação cultural diversificada. Em cada unidade você encontrará:

- **Cursos e atividades** de iniciação artística (8 a 21 anos) e formação cultural (a partir de 12 anos) nas áreas de música, dança, teatro, circo, foto, vídeo, desenho, grafite, DJ, capoeira e muitos outros.
- **Programação cultural** com shows, espetáculos teatrais, de dança e circo, palestras, exibição de filmes, oficinas e exposições.
- **Bibliotecas** com uma variedade de livros, filmes, jornais, revistas, jogos, espaço para estudo e pesquisa, acesso à internet, além de atividades como contações de histórias e bate-papo com escritores.
- **Estúdios** de gravação e captação de áudio com equipe técnica profissional.
- Projetos especiais nas áreas de teatro (Projeto Espetáculo) e dança (**Núcleo Luz**) que possibilitam aos jovens a vivência nessas linguagens de forma mais aprofundada.

De ressaltar, o título e alguns dos depoimentos dos jovens e crianças que participam nas atividades das Fábricas de Cultura (Vila Nova de Cachoeirinha, Capão Redondo, Jaçana,

“Mostra de processos” é o título do vídeo de sistematização dos resultados. O que isso tem de importante?

Sem negligenciar a importância dos produtos na cadeia produtiva da cultura e pensando em um fábrica de cultura, o que é instigado no público que frequenta o projeto é o processo: o fazer, o estar em contato, a criatividade, o protagonista.

Pensando em uma comunidade de vulnerabilidade social, com poucos reforços positivos na auto-estima, o ser valorado pelo seu processo de criação e não somente pelo seu produto – recriando em certa medida o ambiente capitalista que os exclui – permite uma ligação afetiva com o equipamento cultural.

Joana, aprendiz, resume o sentimento: “Faço questão de vir para cá. Eu gosto de estar aqui porque é um lugar onde eu me sinto bem e sei que tem pessoas que me fazem bem.”

“UMA BIBLIOTECA QUE TEM DE TUDO. ATÉ LIVRO” - BIBLIOTECAS – PARQUE DO RIO DE JANEIRO

CONCEITO: A biblioteca-parque é um espaço de leitura, de pesquisa, mas também é um espaço que é ponto de encontro e produtor de cultura. Inspirada na experiência colombiana, as bibliotecas-parque do estado do Rio de Janeiro – vinculadas ao **Programa de Aceleração do Crescimento – PAC** do governo federal – vêm desenvolvendo um novo conceito de promoção do acesso à leitura e de formação de leitores, integrando o acervo bibliográfico a linguagens artísticas diversas, à produção cultural e às comunidades do entorno.

Conforme Vera Saboya responsável pela implementação do projeto, “Na medida em que você propõe a biblioteca como um espaço ativo de produção literária, cultural e artística, você, imediatamente, faz com que aquele acervo de livros, tanto impressos como digitais, ou mesmo de filmes e músicas, circule se relacionando o tempo todo com a própria experiência estética daquelas artes”.

O formato de laboratórios, que duram entre 10 a 12 meses, como por exemplo o de artes cênicas, permite que toda a literatura de dramaturgia que está na biblioteca – e que em um primeiro momento seria desprovido de interesse – sustente a pesquisa e se consubstancia de sentido para o usuário.

Percebo uma replicabilidade em laboratório de Marchas Populares que poderia ser implementado na biblioteca de Marvila e tomo como exemplo a Marcha Popular “Os azulejos de Lisboa - Uma história aos quadradinhos”.

COMUNIDADE: SOU PARTE. SEI FAZER. QUERO SABER. PARTILHO

A afirmação de Vera Saboya é contundente quanto a importância da “escuta sensível” das expectativas da comunidade na elaboração da programação:

“A comunidade participa da formação e opina a respeito da programação. Antes de montar a programação da biblioteca em determinado espaço, determinado bairro, conversamos muito com a comunidade. Por exemplo, na Rocinha temos uma cozinha escola porque a comunidade pediu, o que nos leva a também incrementar o acervo relacionado. Em Manguinhos, temos um cinema sendo montado por uma demanda da população. Ali não há nenhum cinema ou teatro, nem mesmo nas proximidades.”

A “nuvem de expectativas” orienta de forma coletiva e individualizada os anseios da comunidade onde a biblioteca estará inserida e pretende ser parceira.

“Os programas de laboratórios, que chamamos de Laboratórios da Palavra – a palavra escrita ou falada –, é que fazem com que esse espaço seja vivo e experimental. É nesse sentido que essas bibliotecas revolucionam o modo de formar leitores. O menino que mora, digamos, em Manguinhos, com 12 ou 14 anos de idade, que não tem acesso a livrarias – não só porque elas não existem como também porque ele não tem recursos para comprar livros –, passa a ter acesso, da noite para o dia, a uma coleção de livros de 25 mil títulos, que vão desde a filosofia grega até o *best-seller* do momento. Como apresentar esse acervo para ele?”

Vera Saboya formula uma pergunta importante: Como apresentar o desconhecido?

Entendo que a programação de uma biblioteca com a vocação de acolhimento, criação e fruição de manifestações culturais deverá instigar a aproximação ao desconhecido, respeitando as demandas do território.

ESTRANHAMENTO E ALTERIDADE – DIÁLOGO TRANSFORMADOR

Para responder a essa pergunta (como apresentar o desconhecido), gostaria de contar duas histórias.

A primeira é breve e tem a ver com o estranhamento que uma exposição na unidade Santos do SESC me causou. Um estranhamento por certo que incitou a reflexão: um dos quadros tinha inscrita a palavra inferno. A desconstrução do meu pensamento, ou até um pré-conceito, foi instigada pela cor de fundo do quadro onde a palavra inferno – com toda a sua história prévia, peso social e religioso – estava inscrita. Era rosa. Ou seja, o inferno também poderá ser rosa. E por que não?

A segunda história partiu de uma observação seguida por uma inquietação ou como escreveu o educador brasileiro Rubem Alves: “Uma coceira que dá dentro da cabeça, no lugar onde moram os pensamentos.”

Em visita ao Museu da Língua Portuguesa em São Paulo – um sucesso de frequência e apropriação pelo público – observei da janela o edifício da Pinacoteca do Estado de São Paulo – um prédio imponente, frio e distante à primeira observação.

A Pinacoteca localiza-se exatamente do outro lado da rua, na região da Luz, e em comparação com o Museu da Língua Portuguesa a frequência era substancialmente menor.

Quais razões estariam na base dessa diferença?

Na altura, era professora voluntária de português no núcleo Quilombo Pai Felipe do EDUCAFRO – Educação para Afrodescentes e Carentes – um cursinho comunitário para viabilizar a entrada dos alunos nas universidades públicas brasileiras.

Entrei em contato com ação educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, e recorde um trecho da comunicação:

“Pessoalmente, acredito no acesso qualificado a bens culturais como motor de mudanças qualitativas no cotidiano dos alunos, suas famílias e comunidades tornando-os cidadãos plenipotenciários culturais, amplificando a noção e usufruto de sua cidadania.”

Como conclusão, o EDUCAFRO e a Pinacoteca do Estado de São Paulo firmaram uma parceria o “CULTURAR-TE” em que desenvolvemos: uma formação de seis meses com os professores do EDUCAFRO com visitas mensais ao acervo da Pinacoteca com mediação dos educadores sociais do museu em que para além da apreciação estética, preparamos uma visita guiada aos alunos do EDUCAFRO: aprender, fazer, sentir e partilhar.

O conceito de estranhamento no sentido de admiração, ao perceber alguém ou algo diferente do que se conhece; por sentir-se incomodado diante de um fato novo ou de uma nova realidade, é uma mola propulsora em todo e qualquer processo criativo e cultural. A alteridade, a diferença que vem do outro posiciona-se como um interlocutor de um diálogo que se faz necessário em um espaço de cruzamento de subjetividades como o de uma biblioteca.

Tudo pode ser lido. Lemos tudo: textos escritos; textos lidos; falados; imagens estáticas, como as fotografias; imagens em movimento, como o cinema; imagens associadas a palavras e vice-versa. Textos verbais e não verbais estão em todas as mídias: do cinema à Internet, do livro à televisão. [...] Então, “ler uma imagem”, hoje, supõe a existência de um olhar capaz de perceber todas as linguagens. (VERSIANI *et al*, 2012)

MARVILA – UM BAIRRO JUNTO AO TEJO

Vera Saboya consegue identificar a inspiração do projeto colombiana para as bibliotecas na experiência do Rio de Janeiro: “Não apenas na experiência colombiana, mas, certamente, a biblioteca-parque é nela inspirada com muita força. Na Colômbia, esse programa veio ocupar espaços nas favelas de Medellín e de Bogotá junto às ações de pacificação. O programa de pacificação e de repressão ao narcotráfico na Colômbia veio com esse pacote conjunto de educação e cultura e, no caso da cultura, com as bibliotecas-parque. No Rio de Janeiro, estamos fazendo exatamente isso.”

De que maneira essa inspiração poderá ser aplicada na experiência da biblioteca âncora de Marvila – salvaguardando as estruturas constitutivas dessa comunidade.

Sucintamente, observei menções nas redes sociais a Marvila. O blog *Bairro de Marvila* (n.º 1) – apesar de ter apenas uma postagem – descreve um cenário de desigualdade social e abandono que caracteriza um indicador a ser investigado. O motor de busca generalista *wikipedia* (n.º 3) refere as palavras nacionalidade e típico que, por associação, sugere a palavra memória: a tradição que alia-se a tendência de mudança de Marvila (n.º 2) e da heterogeneidade dos mediadores sociais (n.º 4). A valia dos *creative spaces* na revitalização da freguesia (n.º 6) em diálogo com as iniciativas de “Inclusão e Inovação Digital que promova a Cidadania e Participação Ativa” (n.º 7)

1)

Bairro de Marvila

Um Bairro junto ao Tejo

Bairro este, que cresceu devido as pessoas que se deslocaram, na sua grande mairia vindas do norte do país, e que aqui se fixaram junto das inúmeras fábricas que por cá existiam. Hoje, as pessoas que ficaram, então envolvidas num cenário de guerra, criado pelo abandono e desmantelamento dessas mesmas fábricas.

<https://bairrodemarvila.wordpress.com/>

2) *Marvila está a mudar*

<http://www.homehunting.pt/pt/bairros-de-lisboa/45/marvila>

3) *O sítio de Marvila, tão velho quanto a fundação da nacionalidade, é dos bairros mais típicos da zona oriental da cidade de Lisboa.*

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Marvila_\(Lisboa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Marvila_(Lisboa))

4) MEDIADORES SOCIAIS

O segundo programa de “A Conversa dos Outros” leva-nos até Marvila, a terceira maior freguesia de Lisboa, atravessada pelos Vales Fundão e de Chelas, e pelas linhas de comboio de Santa Apolónia e Campolide. Vamos ficar a conhecer melhor esta zona através do olhar do jovem Hugo Silva, um dos diretores da Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885 e Carla Pereira, costureira, ambos moradores em Marvila. Neste programa vamos ainda conhecer (...) Vasco Wellenkamp, coreógrafo e diretor da Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo; José Barros, um dos últimos taneiros ainda em atividade na cidade de Lisboa; Manuel Madeira, empresário que se

mudou para a zona à procura de um melhor espaço para a sua empresa; José Gonçalves, que nos conta parte da história do bairro através das estórias dos armazéns José Domingos Barreiro; Vítor Ferreira, homem que dedicou parte da vida a Angola e outra à Mansão de Marvila; Fernando Nabais, morador, poeta e antigo trabalhador da Sociedade Portuguesa de Sabões; Manuel Fernandes, sapateiro que criou raízes no bairro ainda na altura do desenvolvimento industrial da zona e Elsa Figueiredo do minimercado da Elsa, ponto de encontro das pessoas do bairro.

<http://www.rtp.pt/programa/tv/p28513/e2>

5) Toda a campanha foi concebida no âmbito do “Projeto Rúben” que procurou transmitir a importância da integração de pessoas com incapacidades no mercado de trabalho, numa parceria entre a **Junta de Freguesia de Marvila**, a **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias** e Rúben Ramalho.

<http://www.grafe.pt/portfolio/marvila-dos-sabores-2011>

6) (...) duas acções inscritas na economia cultural e no meio social urbano de Marvila – Lisboa Capital do Nada e Fábrica Braço de Prata – discutindo-as à luz das propriedades dos *circuitos culturais off* e dos *creative spaces* e enquanto valia na revitalização da freguesia. (...) São objecto de reflexão os vestígios e os efeitos do passado industrial de Marvila na memória colectiva das populações, e a forma como ambas participam no destino dos seus espaços de vida quotidiana.

<http://sociologico.revues.org/382>

7) Inauguração do Centro de Cidadania Digital de Marvila. Trata-se de uma iniciativa em conjunto com a Câmara Municipal de Lisboa, a Junta de Freguesia de Marvila e o CDI Portugal, que será responsável pela operacionalização do projeto. Será um espaço de acesso às Tecnologias de Informação que permitirá à população da freguesia beneficiar de um projeto de Inclusão e Inovação Digital que promova a Cidadania e Participação Ativa dos munícipes no desenvolvimento da freguesia

<http://cdi.org.pt/2015/centro-de-cidadania-digital-de-marvila-inaugurado/>

Há uma tensão de forças e possibilidades entre a tradição e modernidade: raízes fincadas em um terreno anteriormente industrial, que dialoga com a requalificação urbana com a EXPO 98. Um espaço, portanto, com forças conflitantes, mas que oferta uma possibilidade de requalificação cultural e consequentemente social.

Posto isto, e pela proximidade com a temática da cultura já explicitada e suas transformações inerentes na sua essencial relação com a formação do cidadão, pretendo colaborar ativamente na implementação da biblioteca de Marvila, observando o Impacto cultural da implementação na comunidade de inserção tendo como ponto de reflexão a afirmação de VERSIANI: “Um olhar capaz de perceber todas as linguagens.”

Como eixos norteadores distingo:

1. Em que medida a implementação da biblioteca “âncora” de Marvila contribuirá para a identificação e potenciar dos hábitos culturais da comunidade?
2. Resistências e convergências: Partindo do pressuposto de que a Biblioteca XXI “Não corresponde a nenhum modelo e pode nem parecer uma biblioteca.” (Newman, 2008) de que forma a comunidade de Marvila reconhecerá a importância desse equipamento cultural e desenvolverá a empatia necessária para incorporá-la no cotidiano gerando necessidades, satisfazendo expectativas. Em suma: ativando a categoria da apropriação do usuário.
3. Segundo Wendy Newman, “A biblioteca da 3.^a geração contribui com a comunidade” – de que maneira é possível identificar uma relação de reciprocidade entre a comunidade e a biblioteca de Marvila.

Entendo ser necessário, a implementação de uma sistemática de monitoração e avaliação do desenvolvimento do projeto através de instrumentos formais como *focus group* e “escuta sensível” e mediação afetiva que surge e opera-se no âmbito da educação não-formal.

Defino em um primeiro momento duas etapas:

- 1) Acompanhamento “no terreno” da implementação da biblioteca de Marvila

- participação em reuniões com mediadores sociais;
 - elaboração de entrevista a ser aplicada com o objetivo de aferir perspectivas, tendências, opiniões.
- 2) Monitorar e avaliar os impactos no âmbito cultural no primeiro ano de funcionamento da biblioteca de Marvila, com análise de:
- programação cultural ofertada;
 - *ratio* de participação das diversas faixas etárias constitutivas da comunidade;
 - concepção de projetos e implementação de atividade a partir de solicitações da comunidade (representantes institucionais e mediadores sociais);
 - parcerias com instituições culturais e educacionais alocadas em Marvila.

É possível identificar uma similaridade nas narrativas dos espaços em que as bibliotecas-parque estão implementadas com a de Marvila que acompanha a gestão de uma em sua comunidade. Fazê-la nascer – e aproveitando a comparação – em segurança e saudável é primordial.

Anexo Ab. Living Library: o cenário português

O cenário português: Living Library – As boas práticas de Valongo e a Escola SOMOS

No contexto nacional, a Living Library (Biblioteca Viva) foi adotada por várias instituições das quais destaco as experiências da Biblioteca Municipal de Portalegre, da Câmara Municipal de Valongo e da Escola SOMOS da Câmara Municipal de Lisboa que serão analisadas de forma sequente.

Para melhor compreender a natureza da intervenção (procedimentos, métodos e técnicas) utilizada por estas bibliotecas, no sentido de estabelecer uma comparação com os procedimentos da *Biblioteca Humana* foi realizado um questionário ao responsável da biblioteca de Valongo (RV), uma entrevista por *messenger* ao responsável da biblioteca de Portalegre (RP) e entrevistas com registo áudio aos leitores na Escola SOMOS (LS).

De acordo com o responsável da Biblioteca de Portalegre ²⁰⁹ (RP), *a biblioteca não subscreve a metodologia inerente à Human Library, no entanto já acolheu um evento intitulado “Biblioteca VIVA”, em que os participantes eram livros vivos e contavam a sua história ao público. Este evento contou com a participação de vários jovens oriundos de vários países da Europa.* (RP).

A Câmara Municipal de Valongo, no âmbito da Divisão de Educação, Ação Social e Desporto, aplica desde 2010, a metodologia de inovação social da *Biblioteca Humana* com os alunos do 9º ano do ensino básico e ensino secundário das escolas do concelho, envolvendo, também, toda a comunidade escolar, bem como as suas redes de contactos, na medida em que contactam com ela, de forma mais ou menos direta, através da observação da implementação da atividade, bem como dos relatos que dela resultam.

Para efeitos da investigação e justificado pela longevidade do projeto, a experiência em Valongo foi sujeita a uma análise mais detalhada suportada pelo questionário direcionado e análise de conteúdo dos relatórios de avaliação (2015/2016) disponibilizados pela instituição.

Tendo em conta a forte componente educativa da *Biblioteca Humana/ VIVA*, uma das variáveis de análise foi o que os leitores aprenderam com a *Biblioteca Humana*. As respostas foram múltiplas e diferenciadas e para a análise seleciono algumas pela sua relevância e efeito problematizador:

- 1) “Aprendi que estamos muito desligados do mundo e que por vezes não temos atenção à dor dos outros (...).”;
- 2) “Aprendi a ter cuidado com a linguagem que se usa, etc.”;

²⁰⁹ Em resposta a mensagem enviada no dia 3 de maio de 2017, a propósito da averiguação da metodologia aplicada na biblioteca de Portalegre.

- 3) “Aprendi que uma biblioteca humana não utiliza livros nem manuais, mas sim pessoas que contam a história de vida e nos ensinam o que já viveram.”;
- 4) “Aprendi que para conhecer coisas novas existem muitas fontes de informação, incluindo pessoas.”;
- 5) “Compreendi melhor a religião islâmica, a homossexualidade e a discriminação” (Relatório de Avaliação, 2015: 5-8)

Numa análise comparativa entre as informações dos relatórios de 2015 e 2016, “o item que mereceu a classificação mais baixa é o da *Duração da atividade*; os/as alunos/as continuam a considerar que a Biblioteca Humana deverá ter uma duração acrescida.”, sendo o mais alto, o interesse despertado pela experiência.

De forma complementar, o questionário orientado permitiu-me observar aspetos referentes à implementação, enquadrados nas seguintes categorias:

- Conhecimento e Motivação;
- Público;
- Livros;
- Leitores;
- Formação dos livros;
- Biblioteca como espaço;
- Fortalezas e Debilidades;
- Adaptações;
- Receptividade;
- Balanço e Perspectiva.

Segundo a responsável da Biblioteca de Valongo²¹⁰, os jovens são o público-alvo estratégico do projeto por entender que *estas mudanças, quando introduzidas num período de construção da identidade são mais passíveis de se manterem no tempo* (RV), revelando, contudo, a ampliação recente para o público senior²¹¹. Em relação aos livros, identifica como os preconceitos mais frequentes na sociedade portuguesa, a orientação sexual e a deficiência, não obstante a consideração, em particular, de outras questões como a imigração e a etnia foram particularmente apreciadas, sendo preferencial a abordagem de novos temas como *saúde mental, religião, imigração (outras nacionalidades), pobreza /ex-sem abrigo* (RV).

²¹⁰ Questionário respondido por email no dia 5 de junho de 2017.

²¹¹ Pessoas reformadas que frequentam as atividades de ativação sénior da Câmara Municipal de Valongo.

Sendo o interesse dos participantes, a variável de análise com o índice de aprovação mais elevado, a entrevistada correlaciona o grau de interesse com os acontecimentos (e polémicas) na sociedade:

Por exemplo, quando se debateu em Portugal a questão do casamento homossexual e da adoção por casais do mesmo sexo esse tema era particularmente considerado. O Livro Humano Muçulmano foi também particularmente popular quando o tivemos, face ao momento histórico que estamos a viver. Recentemente o ex-sem abrigo foi um enorme best-seller. (RV)

Tendo em conta que é uma condição voluntária, a seleção dos livros, de acordo com a *Biblioteca Humana* em Valongo, corresponde a um perfil que contempla os seguintes aspectos: assertividade; capacidade de gestão de conflitos; fluência verbal; capacidade para efetuar *self-disclosure*, no sentido de estar apto a partilhar informações pessoais com os jovens.

A convicção de que quem “nunca se sentiu discriminado/a” seja um bom livro humano é um fator predominante num projeto que tem como objetivo a desconstrução de estereótipos. No que diz respeito ao recrutamento

o processo de recrutamento é efetuado sobretudo através de ONGs: contacto associações ligadas ao tema em questão e as entidades identificam pessoas com o perfil para a iniciativa. Esta opção acontece porque as pessoas são habitualmente ativas enquanto voluntárias e estão frequentemente mais preparadas que o/a cidadão/ã mediano para interagir com jovens acerca destas temáticas. Habitualmente corre muito bem (RV).

As motivações dos livros para participarem estão dependentes do enquadramento. É possível identificar, a partir da análise da entrevistada, que “um livro humano que vem duma ONG está frequentemente imbuído de um espírito de missão e de mudança social. Estas pessoas têm habitualmente um desejo de contribuir para a mudança de imagem em relação ao grupo que integram.”

Quanto aos voluntários a título individual, e percebendo a iniciativa como uma estratégia de “promover o empowerment de pessoas pertencentes a grupos frequentemente marginalizados (ex.: doença mental, ex sem abrigo)”, identifica-se uma necessidade de convencimento de que a história pessoal é válida e merece ser partilhada.

A entrevistada usa a palavra coragem para demonstrar o que está em causa na decisão de voluntariar-se a título individual, justificando o poder da experiência de “mudança pessoal do próprio livro humano”, em que “pela primeira vez, reconhecem-se como “especialistas” em algo que até aquele momento era a sua fragilidade.”

Sobre as perguntas dirigidas aos livros, fica clara uma preocupação inicial na proteção dos livros, assemelhando-se ao tratamento que deverá ser conferido ao livro na sua forma

tradicional “No princípio, as minhas instruções enquanto Bibliotecária prendiam-se com o facto de os Livros Humanos deverem ser tratados com cuidado, da mesma forma que se trata um livro da biblioteca.”

Estas instruções iniciais são válidas, contudo, rapidamente foram desconstruídas pelos próprios livros ao solicitarem a liberdade por que reconheciam que a falta dela “castrava desde logo algumas perguntas mais constrangedoras.”

Esta reflexão dos livros inseridos na *Biblioteca Humana* de Valongo está intimamente em diálogo com um dos pressupostos da Human Library TM: “um lugar onde perguntas difíceis são esperadas, apreciadas e respondidas.”²¹²

Para efeitos de reflexão e mesmo salvaguardando o fato da entrevistada afirmar que não se recorda de “perguntas intencionalmente maliciosas e mal-educadas.”, há um caso que importa trazer para discussão

Houve apenas um caso, bastante flagrante e que se referiu às questões da etnia. Uma jovem de cerca de 14 anos confrontou diretamente a nossa voluntária, de pele negra, acerca disto, relatando preconceitos ouvidos em casa, de avô que tinha vivido a guerra colonial. Foi uma experiência dura para a nossa voluntária. Sei que no ano letivo seguinte voltou a participar na Biblioteca Humana (porque tinha reprovado) e voltou a estar com a mesma voluntária; ela relatou que, apesar de existirem preconceitos, já não foi tão grave. (RV)

O depoimento em análise suscita por um lado, a confirmação de que a metodologia é competente no contato com os preconceitos, no sentido em que, houve uma minimização (não foi tão grave), validando o pressuposto da *Biblioteca Humana* de proporcionar um ambiente seguro onde as perguntas e as respostas se estabelecem num movimento dinâmico e, comprovar que os preconceitos são herdados (ouvidos em casa, de avô que tinha vivido a guerra colonial) quer a partir dum contexto familiar (micro), quer no âmbito dum contexto social e histórico (macro).

A formação dos livros é uma condição para que a metodologia cumpra o seu objetivo. Neste ponto, a entrevistada recorda um episódio em que foi necessário recorrer a livros sem formação prévia e “não funciona.”

Em termos ideais, a formação é feita com recurso a voluntários, num programa de formação de cerca de 3 horas, onde os seguintes aspectos são abordados: o que é a BH; o tipo de perguntas que podem ser feitas por jovens; como reagir a revezes (ex: silêncios, perguntas desadequadas), sendo que livros mais experientes “passaram a apoiar este processo porque a sua experiência é fundamental”, explica a entrevistada.

²¹² Consultado em: human.library.org

O efeito de retroalimentação da experiência parece-me claro e não é apanágio dos livros a título individual, os livros oriundos de instituições, como a ILGA, “fazem a formação on the spot, ou seja, trazem Livros Humanos consigo para a atividade de forma a que possam observar como desenvolvem a atividade e possam desenvolver o seu estilo pessoal.”

Assim como a Human Library TM, a *Biblioteca Humana/ Viva* poderá ser implementada em diversos espaços. A Biblioteca, enquanto equipamento cultural, parece-me ser o espaço ideal, não só pela contiguidade com a missão da universalidade do conhecimento proposta pela biblioteca, também com a possibilidade de livre trânsito entre as terminologias associadas a ambas. Acresce que, na perspetiva de mediadora de leitura, o fato de a *Biblioteca Humana* estar alocada entre livros convencionais, potencia uma continuação da procura do saber com a migração para o empréstimo de livros.

A entrevistada traz uma abordagem diferenciada

Não me agrada particularmente²¹³ uma vez que preferiria não associar as duas coisas. Há alunos/as que não gostam de livros e não quereria condicioná-los/as nesse sentido. Esta é também uma atividade de educação não formal e pretendia que essa noção estivesse completamente na cabeça de alunos/as. Por vezes não há espaço suficientemente amplo para que não se ouçam as conversas de outros grupos que estão com Livros Humanos. No entanto, as escolas são parceiras na atividade e têm uma palavra a dizer em relação ao que acontece no seu espaço e na forma como se estrutura a atividade. Assim sendo, está a acontecer como as escolas preferiram. De momento já nem se coloca a hipótese de ser de outra forma. E somos muito bem tratados/as nas Bibliotecas... ☺ (RV)

Recordando que o objetivo deste questionário orientado, teve como intuito preparar a implementação da *Biblioteca Humana* na Biblioteca de Marvila, era pertinente investigar os pontos fortes; as debilidades; as adaptações tendo em conta a longevidade do projeto.

ESCOLAS SOMOS

As Escolas SOMOS são inseridas no Programa SOMOS - Programa Municipal de Educação para os Direitos Humanos promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, através do Pelouro dos Direitos Sociais, e constituem-se como espaços de promoção da Educação para os Direitos Humanos e da Educação para a Cidadania Democrática surgindo como uma forma de

²¹³ Ao ser perguntada: “Considera que a biblioteca como espaço, em que se desenvolve a atividade, desempenha um papel facilitador no entendimento do conceito da *Biblioteca Humana*?”

capacitar entidades, cidadãs e cidadãos e criar um espaço de encontro e promoção de sinergias, entre diferentes atores e entidades parceiras²¹⁴.

No âmbito desta iniciativa que tem como um dos objetivos, promover a partilha de experiências, práticas e saberes de entidades da cidade de Lisboa que trabalham no domínio da Educação para os Direitos Humanos e da Cidadania Democrática²¹⁵; realizou-se a Biblioteca Humana²¹⁶

De acordo com o disposto no site da Escola SOMOS, a *Biblioteca Humana*²¹⁷ constituiu-se como uma atividade não-formativa²¹⁸, aberta ao público em que “poderão ser consultados “livros” com histórias de vida inspiradoras”.

Assumido o leitor como análise de investigação e tendo já explicitado a implementação da metodologia a partir da reflexão suscitada pela experiência da *Biblioteca Humana* em Valongo, opto por apresentar uma súmula das entrevistas aos leitores²¹⁹ que participaram na experiência no âmbito da III Escola SOMOS. Embora, não subscrevendo a metodologia da Human Library™, a análise das respostas para além de estabelecer pontos de contato com a metodologia democratizada pelo Conselho da Europa, apresenta, igualmente, pontos de distanciamento. As perguntas foram estruturadas em três eixos: como foi a experiência; mudanças operadas; e, confirmação da metodologia no combate ao preconceito, estereótipo e comportamentos discriminatórios.

Leitor 1 – Professor Bibliotecário, 51 anos

O primeiro leitor (L1) “leu” dois livros: *lésbica e portador de deficiência física*. O terceiro livro, *o refugiado*, não foi “lido” por este leitor por “motivos emocionais” do “livro” e foi-lhe oferecido, em alternativa, “um contador de histórias dos refugiados”.

²¹⁴ Consultado em: <http://www.programasomos.pt/iii-escola-somos>

²¹⁵ Os demais objetivos são: Promover o encontro entre diferentes atores envolvidos no SOMOS e no universo da Educação para os Direitos Humanos e Cidadania Democrática em Lisboa; Capacitar multiplicadoras e multiplicadores em Educação Não Formal, Educação de Pares, Educação para os Direitos Humanos e Educação para a Cidadania Democrática que trabalhem na cidade, com vista à sua potencial integração na Bolsa de Multiplicadoras e Multiplicadores do SOMOS; Disseminar produtos relevantes no domínio da Educação para os Direitos Humanos e Cidadania Democrática.

²¹⁶ Esta actividade foi implementada pela APAV e teve como objetivo a promoção do diálogo, o respeito pelos direitos humanos e o combate ao estereótipo. Consultado em: https://apav.pt/apav_v3/index.php/pt/1533-iii-escola-somos-apav-implementou-biblioteca-humana.

²¹⁷ Esclareço que participei na III Escola SOMOS na formação de Literacia para os Média promovida pela PAR - Respostas Sociais, visa o desenvolvimento de competências em literacia para os média, assim como a aquisição de ferramentas para uma leitura crítica do mundo envolvente. Consultado em: <http://www.programasomos.pt/iii-escola-somos>.

²¹⁸ A oferta não-formativa contemplava: Buffet das Organizações - mostra do trabalho desenvolvido por diferentes organizações da cidade; Aperitivos e Digestivos - serão momentos informais, antes e depois do almoço, de partilha de produtos, boas práticas e experiências por parte de diferentes entidades. Consultado em: <http://www.programasomos.pt/iii-escola-somos>.

²¹⁹ As entrevistas foram concedidas no dia 13 de julho de 2017, no âmbito da III Escola Somos, com exceção da jornalista (35 anos), enviada por email.

Refere a metodologia aplicada:

o livro apresenta uma história de vida e depois o resto da história é contada através de perguntas dos leitores e efetivamente criou-se um efeito em torno do livro de grande partilha de informação e de partilha de conhecimento com base em vivências reais e isso torna tudo mais humano (L1) e considera que a “novidade” foi a palavra que melhor caracterizou a experiência permitindo-lhe contactar com pessoas que à partida ainda são discriminadas socialmente e derrubar barreiras entre o leitor e o livro (L1).

O facto de afirmar que *a determinada altura da conversa, da leitura do livro, deixou de ter tanta importância o facto dela ser lésbica (L1)* estabelece um ponto de contato com a metodologia da Human Library™ no sentido em que a pessoa não é, em exclusivo, o preconceito e/ou estereótipo a que está associada. Em relação ao “livro pessoa com deficiência”, a palavra “normal” foi referida para representar a mesma sensação que obteve com a leitura do “livro lésbica”.

Confirmada a efetividade da metodologia no combate ao preconceito, estereótipo e comportamentos discriminatórios, o leitor ressalva que é necessário um trabalho preparatório de sensibilização para “confrontar as pessoas”: Esta ideia de confronto, segundo o leitor, poderá ser extensível: *somos confrontados connosco mesmos (L1).*

Leitor 2 – Jornalista, 54 anos

Tendo “lido” os “livros sem-abrigo, transexual e a lésbica”, a leitora (L2), em referência, colocou uma série de questões à metodologia e posiciona, o leitor e as intenções do leitor, como condicionantes para que a metodologia opere a mudança a que se propõe.

A privacidade, enquanto direito consagrado artigo XII da Declaração dos Direitos dos Homens, “Ninguém será sujeito à interferência em sua vida privada, em sua família, em seu lar ou em sua correspondência, nem a ataque à sua honra e reputação. Todo ser humano tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.”, consubstanciou-se como um dos questionamentos à metodologia. Contudo, é importante referir que a garantia da privacidade está intimamente ligada, não só à fortaleza interior do livro, mas principalmente à formação para ser “livro” que deverá ser, consagrada enquanto direito de “serem tratados com respeito”.²²⁰

Até que ponto isto ao mesmo tempo não vem explorar entre aspas a vida privada de cada um? (L2), é a pergunta colocada pela leitora que identifica a importância do contexto *estávamos (III Escola SOMOS) num contexto de aprendizagem (L2)*, acreditando que a

²²⁰ Ver: Direitos do Livros. Anexo M (pág, 144).

experiência deverá ser oferecida *em contextos muito específicos e não pode ser uma coisa aberta a qualquer um.*

O facto de considerar-se *uma pessoa sem preconceitos* está relacionado com a ideia de *apetência e curiosidade pelas coisas sociais*, dialogando de certa forma com a ideia basilar da Human Library™: o conhecimento minimiza os comportamentos discriminatórios.

A comparação simbólica entre os universos da Biblioteca Humana e biblioteca convencional, fica clara nesta afirmação: o *“livro lésbica” não foi um livro aberto*. Por “livro aberto”, traduz-se o facto de não falar muito da experiência pessoal dela, percebendo que não corresponderia à ideia do livro numa *Biblioteca Humana*.

A escolha, desta leitora, foi pautada por um interesse pessoal pelas questões de igualdade de género. Quanto à eficácia da metodologia, a leitora é contundente: *“Eu não acho que seja uma boa ferramenta. Preferia que essa ferramenta seja mostrada noutra contexto, usar os órgãos de comunicação social e não expor a pessoa diretamente a esse confronto.* (L2)

A ideia do confronto que já havia sido nomeada pelo Leitor 1, assume, neste caso, o sentido oposto: *não sei se gostaria de estar a falar na minha vida com estranhos, por que sei que há muita maldade humana.*(L2)

Leitor 3 – Historiadora, 45 anos

Em relação à metodologia, a leitora (L3) refere a dinâmica entre livros e leitores: *apresentação inicial do livro com subsequente esquema de perguntas e respostas em que os leitores começaram a fazer articulações pessoais com o livro, ou seja, memórias pessoais dos leitores com o livro, isso demonstra como o livro nos afeta.* (L3)

Identifica alguns comportamentos dos leitores convencionais: o livro que não foi devolvido (preconceito racial) e “o direito de entregar o livro antes (cigano).”

O primeiro livro eu gostei muito da narrativa dela no sentido de que traz o pessoal, a vivência pessoal que é a realidade, não é a ficção. É o conceito de realidade vivida, o de racismo, eu já não posso dizer por que ele não esteve, e no caso do cigano eu entreguei antes por que eu tive que atender um telefonema e achei que era indelicado entrar no meio da leitura. (L3)

Em contraponto com a leitora anterior (L2), que considerou o “livro lésbica” como um “livro não aberto”, esta revela que a realidade foi usada em detrimento da ficção, pressupondo-se que houve, de facto, uma exposição consentida da intimidade do “livro”.

A alteridade foi entendida pela leitora como um elemento substancial da experiência e da validação da experiência: *ler através do outro a experiência do outro*, percebendo um componente de aprendizagem *aprendendo através do outro*.

Contudo, sugere que é necessário compreender o que se lê: *muitas vezes lemos um livro e não nos lembramos mais do que lemos* (L3). Em contraponto, percebe as potencialidades de multiplicação da metodologia (gostaria de levar este tipo de leitura para outras pessoas), e elege a proximidade como o ponto que une “livros e leitores.” – é viver a realidade.

Leitor 4 – Jornalista, 35 anos

O depoimento desta leitora (L4) contextualiza a plurissignificação do conceito duma Biblioteca Humana: *O que seria isso de "Biblioteca Humana"? Seriam pessoas a ler livros? Pessoas a falar das suas experiências umas com as outras?* (L4)

À semelhança da leitora (L2) também jornalista, questionou o contexto, que de alguma forma, considera que possa estar viciado à partida:

A questão que me fica é se quem participa nestas bibliotecas não são pessoas já predispostas a aceitar a diferença. No caso, as pessoas a quem a "Biblioteca Humana" esteve acessível eram pessoas já por si de mente aberta, participantes de uma Escola centrada nos Direitos Humanos (L4)

Considera que *o livro é uma obra aberta, escrita* também pelo leitor que dá sentido e *projeta o seu mundo naquilo que lê*, citando Roland Barthes (1997) o que, de alguma forma, revela que os universos da literatura e da educação não-formal se retroalimentam.

Outro aspeto que valorizou nesta experiência foi o facto de ler o livro em conjunto com outros leitores: *Ler em conjunto permitiu-me extrair, aprender ainda mais com estas "obras" e particulariza a leitura do "livro cigano" que permitiu para além da leitura do livro a abertura de um "hiperlink"*²²¹ para uma nova página

No livro do cigano, foi interessante porque a partir de um livro, daquele livro, abriu-se outro, como muitas vezes acontece na leitura convencional, em que pegamos num livro e depois esse nos leva a outro. No caso, um dos "leitores" acabou por partilhar também a sua história. Ele era habitante de um bairro social, fascinado por hip hop e contou como era viver no "mundo fechado" do seu bairro e contrariar aquilo que a família esperava dele (que fosse trabalhar para uma caixa de supermercado mal acabasse o ensino obrigatório). Ele queria ser cantor (a nosso pedido, cantou-nos até uma música escrita por ele, com uma letra sobre o poder dos média, muito pertinente, de

²²¹ “Hiperlink” ou “Hiperligação” é o elemento (texto ou imagem) sobre o qual se clica para aceder a outra parte de um documento, a um ficheiro ou a uma página da internet. Consultado em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/hiperliga%C3%A7%C3%A3o>

quem está atento ao que se passa à sua volta e é capaz de ter um olhar crítico sobre a realidade).
(L4)

A proximidade é um elemento que “tocou” a leitora. Na qualidade de jornalista de profissão a leitura dos três livros (etnia cigana, ex sem-abrigo, um casal de refugiados sírios que está a viver em Portugal), a fez recuar “ao terreno”, sendo o comentário do Leitor 1 sobre o “livro” que por motivos emocionais não estava disponível, explicado em detalhe por esta leitora

Neste caso, o "livro" já tinha sido aberto duas vezes antes. Eu estava inscrita para o terceiro (e último) horário e as experiências anteriores foram tão intensas que o casal já não conseguiu estar presente. Em vez dele, esteve uma mediadora que tinha assistido às duas sessões anteriores, transmitiu aquilo que o casal tinha contado e permitiu-nos colocar questões, a que ela responderia naturalmente apenas se soubesse. Foi tocante ainda assim, mesmo não tendo a história sido contada pelos próprios, mesmo já tendo lido na imprensa muitas outras histórias semelhantes à deles. Ter aquele testemunho ali tão próximo toca-nos de forma diferente (L4).

Anexo Ac. Vivência da *Biblioteca Humana* (Living Library) na ESE



Figura 24. Vivência da *Biblioteca Humana* na ESE

(Fonte: Fotografias da autora)

Anexo Ad. *Fronte del Borgo (Scuola Holden)* – experiência comparativa em Turim, Itália



Figura 25. *Fronte del Borgo (Scuola Holden)* – experiência comparativa em Turim, Itália

(Fonte: autora, 21 de março de 2018)

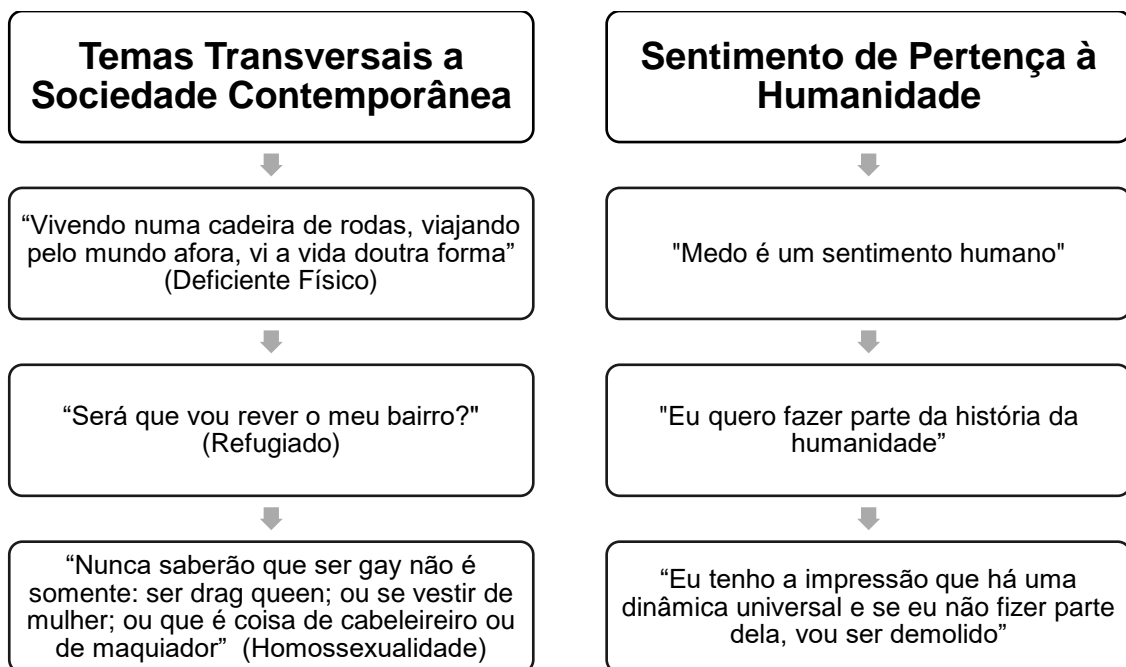
Durante o processo de escrita da tese, tive a oportunidade de, no âmbito do programa Erasmus +, estagiar na Scuola Holden em Turim, Itália. Fundada em 1994, a Scuola Holden define-se como uma escola de Storytelling e Artes Performativas – um espaço de formação e de cultura com um projeto específico de intervenção que beneficia a comunidade, vulnerável socialmente, em que está inserida.

É clara a concordância de objetivos entre a tese que desenvolvi e a sua reflexão subjacente sobre a intervenção comunitária mediada por equipamentos culturais e o plano de ação da Scuola Holden, por intermédio do Fronte Del Borgo e a Biblioteca Holden, como porta aberta para a comunidade.

Destaco a frase que estava inscrita na faixa pendurada na ponte que ligava o bairro de Aurora (local de intensa imigração); “Senza frontiere nessuno è clandestino” (Sem fronteiras ninguém é clandestino) a Scuola Holden.

No âmbito da investigação para a presente tese, constitui-se de extrema relevância esta observação pelos elementos presentes e posicionados: a comunidade (Aurora), a ponte (símbolo da mediação) e o equipamento cultural (Scuola Holden/ Fronte del Borgo).

Anexo Ae. Documentário “Human”



(Adaptado pela autora)

Fonte: (“Human”, documentário do realizador e ecologista francês Yann Arthus Bertrand, 2000)

